

PELA POLITICA

Quem, vindo do estrangeiro por onde ha muito andasse, fosse até o parlamento portuguez gosar de palanque uma sessão de qualquer das camaras, teria que concluir em face dos factos pela prosperidade deste povo risonho e feliz e concluiria tambem com a cançoneta franceza que

*les portugais
sont toujours gais.*

Efectivamente, reunidas as côrtes ha perto de duas semanas, o tempo tem sido consumido em nomeações de commissões, em comemorar os mortos, em apertos de mão dados a correligionarios, sem que uma só medida, uma só interpeção sobre politica ou administração tenham merecido ser levantadas, ouvidas e atendidas pelos illustres representantes da nação.

A maioria — não composta de individuos agrupados sob uma bandeira de principios avançados ou reaccionarios, mas parecendo que apenas um interesse ali a tem reunida e compacta — a maioria não sabe, e não pode sustentar a minima discussão, rompêr através das oposições o caminho seguro por onde o gabinete possa marchar. Não sabe e não pode. A questão politica da genese do ministerio, nem essa mesma, que apenas a um partido poderia interessar, foi ainda levantada.

Por seu lado as oposições monarchicas esboçam apenas de tempo em tempo o início do seu tam anunciado oposicionismo intransigente, para logo e após uma votação governamental voltarem satisfeitas ás suas carteiras, desempenhando o pacifico papel a que Gladstone deu o nome de... *oposição de S. Magestade.*

Que importa á maioria saber que em Valpassos se seguiu o exemplo de Alijó, que no Alemtejo se morre de fome, que o commercio paralisa e a industria está por sepultar?

A minoria, como irá com consciencia abordar taes assuntos, se os seus *homens* pela passagem nos bancos ministeriaes lhe não garantem que alguém a não faça calar com uma revelação importuna?

E assim é o interesse proprio e o das instituições que defendem, sem *homens* novos que a aceitem e com os velhos todos comprometidos, é o medo de que *tudo se saiba* e mais coisas se descubram, é este medo guarda d'aquelle interesse, que os faz calar e nada resolver.

D'aqui a aparente serenidade das sessões parlamentares.

E para quem nos visite fica a convicção da nossa riqueza, do nosso feliz viver!

Les portugais sont toujours gais...

Os republicanos, completamente sós no ataque, reduzidos em numero, não seram esses que vam ajudar a oposição d'agora a ser governo amanhã, envolvendo-se num obstrucionismo, que muitos olhariam

com satisfação e complacencia, mas que não surtiria efeitos d'alcançe para o Paiz e para a Republica.

Se o fizessem, fariam talvez o jogo do governo, que os teme na liquidação da grande questão moral dos adeantamentos e grande gaudio dariam á opposição monarchica, desejosa apenas de escalar o poder.

E nem uma nem outra coisa é evidentemente a sua missão.

Esta situação não poderá manter-se já agora por muitos dias; alguma coisa surgirá que a todos nos confirme na opinião que se vem formando no publico de que o medo que «guarda a vinha» da maioria é o mesmo que «guarda as uvas» da opposição. Se pode vir *tudo* a saber-se!...

Quando a questão de moralidade surgir clara e atingindo figuras de todos os lados das camaras, não tenham então duvidas: os republicanos atravez de tudo e apesar de tudo farão não o jogo dum contra outro grupo, mas a defeza do paiz contra a monarchia.

Expulsem-nos nesse momento — a sua missão parlamentar está cumprida.

Até lá, apesar das muitas lagrimas, pense embora o visitante incauto que

*les portugais
sont toujours gais.*

Depois nem tudo seram alegrias. Nem todos teram vontade de rir.

Completar-se-á a cançoneta:

Vivent les portugais!

P. J.

Factos e Commentarios

Resposta

A' ultima hora, já quando o nosso jornal estava composto e a falta d'espaco, com o gesto imperioso de quem não admite replicas, nos impunha o silencio, recebemos nesta redacção um artigo do sr. J. Alpoim N. Manuel que os nossos leitores hoje terão occasião d'apreciar.

No proximo numero, porem, entramos na liça, para, com tão esforçado contendor quebrarmos algumas lanças. — *Sherlock-Holmes, Carneiro Franco.*

Carta de conselho

Parece que o sr. dr. Marnoco accitou a carta de conselho.

Não o felicitamos. Decerto S. Ex.ª se orgulhará muito mais com o seu titulo de doutor que obteve pelo seu trabalho, e com a sua obra de presidente da camara, que ahi fica a attestar os seus merecimentos, do que com esta graça regia.

Por isso para nós continuará sempre a ser «o sr. doutor»...

Um bemaenturado

Ha no «Porugal» um senhor Ruy chronista portuense que escreve *coisas* e diz tolices com uma limpeza e um desarmamento symptomaticos de quem tem coisa na tola.

Senão repare-se: «A oratoria, esta coisa poderosa e dominadora que entra pelos olhos e pelos ouvidos, pelos olhos com os gestos, e pelos ouvidos com a voz...»

Pelos olhos com os gestos e pelos ouvidos com a voz? Marrocos!

Colgaduras

Notámos que, apesar de a commissão dos festejos a Adelino Veiga ter pedido aos moradores das ruas onde passava o cortejo que ornamentassem as janellas com colgaduras, poucos o fizeram.

Achamos estranho o caso. Sempre julgámos que um filho illustre da terra merecesse dos seus conterraneos pelo menos a mesma consideração que o senhor D. Manuel ou o senhor dos Passos.

Infelizmente estavamos enganados. Registamos apenas o facto que, de resto, pouca importancia tem, pois não diminuiu a imponencia e o valor da manifestação.

Maluquinho.

E' um homem muito dado a devoções e a insomnias o tal sr. Ruy das chronicas para o Portugal.

Assim apesar de numa destas noites ter «cançado a imaginação á espera do Somno» e de ter soltrado «o vento furioso que vinha insolentemente em repêlões brutaes, de assalto á mão armada, bater de encontro aos vidros da janella do meu quarto» lá foi no dia seguinte papar a sua missinha e ouvir o competente sermão.

«Findo o sermão, disse adeus a Nossa Senhora das Dôres e retirei-me mais instruido, mais edificado, melhor.»

O leitor quere-o assim ou com mais molho?

Defendendo-se

Do sr. Dr. Luiz de Sousa Napolees recebemos um folheto — carta ao reitor do lyceu central de Lisboa —, queixando-se de varias irregularidades praticadas pelo professor interino da lingua ingleza, da 3.ª classe, sr. Jorge da Rocha Peixoto, em prejuizo do alumno filho do queixoso, e em geral em prejuizo do ensino e da ordem.

E' um trabalho simples mas cuidadoso, cheio de afirmações graves e accusações violentas, devidamente fundamentadas.

Agradecemos o folheto, desejando justiça e a reparação que o caso requer. Mas... a justiça já está mal vista entre nós. Passou de moda.

E quanto a irregularidades... lá como cá.

Na tuna

A tuna inaugurou ha dias o retrato do seu presidente honorario.

Dizem-nos que o retrato está muito parecido, representando S. Ex.ª a tocar pandeireta.

Achamos bem.

Boa ideia

Lembra a Palavra:

«Iniciemos nós, os catholicos, a verdadeira luta pela prosperidade da nação a ver se a libertamos da crise geral que nos ameaça a todos.»

Quem é que está para ahi a dizer chizça? como diria o Sr. Silva Pinto,

Erratas

Decididamente as gralhas não nos largam a porta. O ultimo numero então foi uma desgraça. No artigo «Ensaio de Critica» em vez de *Lohengrin* sahio *Cohengrin* e *Soengui* e não sabemos que mais.

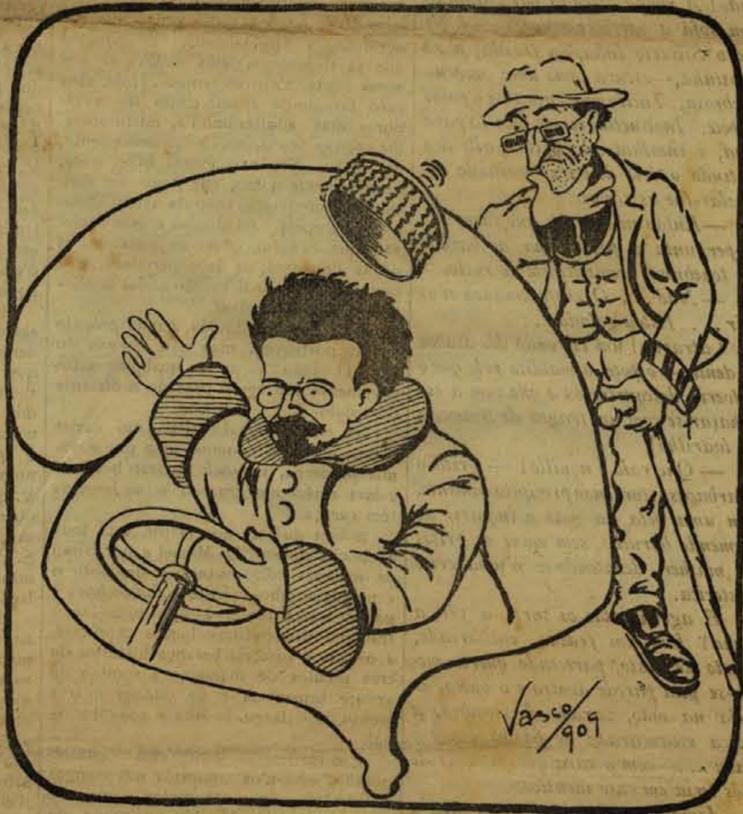
Que o nosso estimavel collaborador *Triplis* nos desculpe.

Ridendo

— Afinal o Papa não morreu. Os rapazes não apanharam aquelles feridos...

O Conde: — Nem apanharão. Estas pessoas da Igreja morrem sempre em ferias. Já o proprio Christo morreu nas ferias da Paschoa...

CELEBRES... DE BORLA



o Calcanhar d'Achilles

Vossencia, orador grandioso,
Parlamentar dos maiores,
Jurista sabio e famoso,
Foi cahir entre os doutores
Das leis no feudo manhoso.

E se na praça domina
O povo que o ouve attento,
Logo muda a boa sina
Se Vossencia num momento,
Enverga a negra batina.

E' igual aos mais como lente,
Feitas certas excepções,
Pra não ser irreverente
Nem fazer contradicções,
Que ha muitos que não são gente.

Dr. Lorin

MIUDEZAS...

Meia noite! — a hora mysteriosa dos espectros, dos «sabats» phantasticos nas encruzilhadas, das escaladas nocturnas aos baldes das Margaridas romanticas!

Meia noite! — a hora em que o burguez rressona entre os lençoes e o vagabundo se escoo, como sombra fugitiva, nas viellas de prostituição e de crime.

... E era tambem á meia noite que o brutamontes do marido, que tinha continuados serdes na repartição, saia de casa rogando pragas «á porca da vida», para só voltar ás 6 horas da manhã.

Que noite fria, gelada de dezembro, que era aquella! — E como o bom do Silverio, — arripiado dentro do seu

«ulster», cosido com a parede, de gola levantada, furtando-se á luz dos lampões da rua que o vento fazia silbar e torcer-se — antegosava já o conforto da alcóvasinha discreta e tepida onde ella o esperava.

Que rica coisa é estar commodamente reclinado num leito optimo, junto d'uma linda creatura que nos ama, e nada nos custa, ouvindo uivar, gemer lá fora a invernua brava e a chuva fustigando os vidros das janellas!

Felizardo, o bregeirissimo Silverio! Um assobio em frente d'uma casa de boa apparencia, uma luz que apparece a uma janella do primeiro andar, uma esuada que se sobe apressadamente, outra portinha que se abre e...

— Vens gelado, filho...
— O barbaças?
— Vem ás sete...

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

E agora fazemos o mesmo que se faz nos theatros — corramos uma nebulosa sobre a scena.

O poema dos ninhos confortaveis! ó delicia da vida e do amor! «Eterna sub sole» — é a traição das Evas e a figura triste dos maridos infelizes, segundo a historia imparcial refere d'es-de Sansão a quem Dalila cortou a guedelha até ao «barbaças do nosso conto. E eterna também é a manha do Inimigo que se comprax em fazer partidas aos mortaes!

Duas horas e... subito batem á porta.

—Jesus! que é elle... Esconde-te!

Que balburdia! que incrível confusão! A roupa atirada para debaixo dum sofá á «trouxe-mouxe» — e eis que o Silverio enfia, em fralda, para a cosinha, —escura como uma caverna tenebrosa. Tacteano, encontra o poial do pote. Instintivamente sobe lá para cima, e encolhido, a tiritar, alli fica sentindo o frio do barro molhado enregelar-lhe as carnes.

—Então não tiveste que fazer...

—pergunta a pobresinha, ao barbaças tenebrosos, tremelicante de susto.

—Não... O chefe mandou-nos sair... Estou gelado...

Catrapuz! um estrondo dos diabos lá dentro —o pote, o maldito pote que o Silverio desequilibrou e que vem a estilhaçar-se com um fragor de trovoadas no laurillo!

—Que raio é aquillo! — grita o «barbaças», correndo precipitadamente, com uma vela na mão a inquirir do tremendo barulho, sem ouvir os gritos da mulher, debatendo-se n'uma crise hysterica.

E agora estão os snrs. a vêr a scena! Um, em fralda, encharcado, morto de susto, parecendo querer metter-se pela parede dentro e o outro, de vela na mão, varado d'assombro, a bocca escancarada de pasmo e com a cara... —com a cara que qualquer de nós teria em caso identico.

Uma pausa e depois pergunta o barbaças, gago d'espanto:

—Que está o sr. a fazer ali nessa figura?!

—E' que... murmurou o Silverio —é que...

... estava aqui mais fresco!

«Rideau!»

D. Fuan

MAIS UM

Segunda e terça lá temos mais um a defender theses para a entrada na confraria.

Este d'agora é uma ave exotica que dos palmares indianos veio parar a este jardim da Europa.

E que ave!

Fez escala por Africa onde tarimbou como advogado de provisão.

Tem a escola toda.

E' o tal que no dia 8 de abril de 1907, o dia em que abriram as aulas depois da publicação do venerando accordo dos não menos venerandos de canos, que expulsava da Universidade sete estudantes, chegou á porta ferrea trazendo debaixo da capa, escondida, a sua pasta de quintanista.

Estava combinada a greve, sem que elle protestasse, mas elle vinha de pasta, a vêr em que paravam as modas.

A greve manteve-se e elle não teve a coragem de a furar naquelle momento, arrostando com a irritação da academia então cheia de brios... por causa dos feriados. Não que elle jogava pelo seguro!

Se ninguem entrasse elle ficava de fora como bom camarada; se a greve fosse furada sacava a pasta para fora e com a sua pose de rajah pataqueiro entrava para a aula.

Eis o cavalheiro que agora vae entrar na faculdade, ser um dos seus ornamentos.

Pois que vá occupar o seu logar nos doutoraes, mas que fique aqui archivada esta nota da sua biographia.

Este caso da pasta, que é um dos mais nojentos da celebre questão academica, é o bastante para se avaliar o homem.

A Universidade julga o valor dos homens pela maior ou menor quantidade de coisas que elles possam dizer de côr. ... é o aniquilamento do espirito critico da reflexão, da iniciativa do raciocinio... o resultado é a ignorancia final... o processo é mnemonico...

Psychologia da Educação, —Gustave le Bon.

Meu caro

Como você me tem dito muitas vezes e eu abundantemente concordo, nós somos um povo a quem hoje, falta em absoluto, a originalidade. E' possivel que já tivéssemos leito civilização por nossa conta, n'outros tempos. Hoje, meu caro fazemo-la e por conta do lavrador mas adulteramo-la, misturamos-lhe agua, traduzimo-la pessimamente, em calão. Nós não temos hoje, nada, genuinamente nosso, que possa ser considerado contemporaneo da actual civilização europeia. As poucas coisas nacionaes que existem, como as prossições as pégas de toiros, os laus perennes, e a carta constitucional — são todas lamentavelmente atrazadas.

Tem não ha duvida, cunho proprio cunho portuguez, mas são coevas do sr. D. João V ou de qualquer outro cavalheiro por igual passado e distante do seculo.

Se em Portugal existe, em varias coisas, e varios homens, uma physionomia moderna, se você reparar bem, as coisas estão em travesti e os homens tem caraça.

Sob o disfarce dos factos, está toda a epocha do sr. D. Miguel e por baixo da mascara não custará a descobrir o «portuguezinho valente» faduncheiro e não te rales tendo a dynamisar-lhe o trabalho das circumvoluções cerebraes, a pesada e sombria herança historica de tres seculos de marasmo á sombra da arvore brigantina e de oitenta e tres annos de «dança da Bica» constitucional.

Em resumo — a civilização contemporanea está-nos comprida nas mangas e faz-nos pregas nas costas como um casaco do sr. Alpoim no corpo do sr. Julio de Vilhena.

Tendo nós, no entanto que importar a pouca, a apparencia de civilização que possuímos é para a França, para a extraordinaria França tão imbecilmente escoucinhada hoje, na bocca de todos os borbotas que entre nós, presumem de sabios — que nos voltamos, implorativamente.

De lá vêm-nos tudo: — a sciencia, a literatura, as opiniões e os artigos de modas. Justamente nos podiamos chamar — pobre raça mal educada e estragada que somos! — «os macacos da França».

Os processos d'ensino, como o resto, desde a escola primaria, passando pelo lyceu, até ao ensino superior, da França vieram, porque lá os foram buscar os nossos habéis pedagogos. Dirá você que o celebre Jayme Moniz, o da reforma de instrucção secundaria, foi á Alemanha buscar o mostrengo. Não me parece. Eu desconfio muito que o homem saiba allemão — e, se alguma coisa sabe, á certa, que não traduz sem dicionario. Mas natural é, que nós, não podendo, por varias e longas razões facilmente comprehensíveis, crear-nos instrumentos proprios de alta cultura, como sejam as escolas d'ensino superior, ás grandes nações, affins da nossa pela raça, os vamos buscar. Outro tanto — e em parenthesis — me parece que não succede com o ensino primario cujas bases, nós não precisamos ir procurar lá fóra tendo a obra definitiva, nacional e originalissima que é a «Cartilha Maternal» de João de Deus — que está em relação para com a escola primaria portugueza, na mesma situação de Pestalozzi e do Padre Girard para com a escola primaria da Suissa, a primeira nação do mundo sob o ponto de vista pedagogico.

Mas, voltando ao assumpto; natural é, repito que a nossa escola superior e ainda o nosso ensino lyceal, seguiu o modelo estrangeiro. Principalmente a alta cultura não é, nem pode ser na essencia, particularista e restricta a nações. A verdade scientifica é a mesma em toda a parte — em França, na Alemanha e até aqui em Coimbra. Só os methodos d'ensino podem variar, — mas esse coefficiente de variação só é apreciado de

povo para povo quando fundas divergenças ethnicas os separem. Tal o caso os latinos e dos anglosaxonicos — sobre cuja disparidade e profundas differenças há toda uma modernissima bibliographia, dia a dia, enriquecida por novas obras.

Ora, copiando nós do estrangeiro, tres casos, vê já V. que se podem dar: copiar exactamente, copiar melhor, ou copiar peor que o original. Nenhum d'estes tres casos — parece-lhe tollice?! se dá commosso. E não se dá por esta simplicissima razão de nós copiarmos pessimamente! Dirá V. — é ainda copiar.

Pois sim! — Mas é copiar tão mal, tão mal, acrescentar por tal forma os defeitos já grandes d'origem, não lhe juntar as qualidades proprias nem as nossas e, antes, a dicionando-lhe, por cima, tudo que temos de mau — que, meu caro! a copia não é já um desenho mal calçado é uma caricatura detestavel, insupportavel e ridicula a mais não poder. V. conhece certamente o livro de Gustavo le Bon, sobre a Psychologia da Educação. Pois, hoje de manhã, quando me lembrei de que tinha de lhe escrever esta carta eu lembrei-me igualmente d'esse livro que em tempos lêra e não possuia aqui em Coimbra.

Fui pedi-lo á Bibliotheca da Universidade, onde amabilissimamente m'o cederam — para poder pôr ao serviço do que eu penso, a expressão lucida, synthetica e brilhante do eminente pensador francez. Tudo quanto alli se diz, á cerca do ensino universitario em França é applicavel e, em doses maximas, á nossa Universidade. E agora lembre-se V. que os professores da Sorbonne e das outras Universidades francezas, estão para os nossos cathedraes d'aqui — que S. Ex.^{as} me perdoem que não vae n'isto intuito de os melindrar — na mesma relação...

Eu não concluo, porque não é preciso, não acha? Basta notar que esses homens são «os que fazem a Sciencia», as suas opiniões correm mundo, os seus livros são traduzidos em todas as linguas, atravessam todas as fronteiras, enchem as estantes dos nosos cientistas como manancial unico de toda a sua sabedoria! E' por intermedio das obras d'elles que nós estudamos tudo e é com os seus nomes, as suas opiniões e os seus pontos de vista que eu ápanho quotidianamente em cima da cabeça, com uma profusão d'estarrecer — jogados do alto das cathedras universitarias e caindo dogmaticamente da bocca, para o caso apenas phonographica, dos meus lentes. Eu não sei se, igualmente, as opiniões, os pontos de vista e os nomes de s. ex.^{as} vão, por uma lei de compensações, para lá das fronteiras, ser arremessados, por igual, á cabeça d'outros desgraçados como eu...

E' possivel — e, n'esse caso são os estudantes estrangeiros mais felizes do que eu, porque conhecem a opinião dos meus mestres que, de mim, systematicamente, a occultam por uma exaggerada modestia ou o que será mais provavel, por não me acharem digo de a ouvir.

Ora e como esta vae longa e massadora, eu deixo ficar para a seguinte, a applicação das opiniões de Gustavo le Bon á nossa Universidade e para amenisar, vou contar-lhe uma anedocta, absolutamente authentica, que V. talvez ache interessante.

Passou-se a scena no meu 2.^o anno, na aula de Economia Politica-regida pelo sr. dr. Marnóco e Souza, por quem eu e todos os meus collegas temos uma justa consideração, pelas razões, que eu a seu tempo lhe direi:

Tratava-se d'uma Escola Economica — ó a tremenda e ext-nsa lista d'escolas, cada escola, com dez auctores, cada auctor com dez livros, que ninguem leu! — Era a Escola Austriaca que V. não conhece naturalmente e com que eu, já agora lhe não farei travar conhecimento. Havia n'essa escola — e ainda deve haver se os não levou o diabo para não escreverem mais livros de que, os meus collegas que frequentarem a cadeira, terão que gravar as lombadas — dois figurões — que pelo nome não percam — chamados, respectivamente, Karl Menger e Böhm — Baverck. Estava a dar lição um honesto rapaz, creio que da Beira, alumno obscuro, forte, entroncado, plethorico de sangue na face bochechuda e com mais x no fallar que o João Franco. Emfim — era o que, por cá se chama, «o vacão».

A certa altura oigo eu esta pergunta: — Ora diga-me o sr. quaes são os principaes escriptores da Escola Austriaca?

— Karl Menger e (engulidela em seco, que o raio do nome é arrevezado!) e... Böhm-Baverck.

— Diz muito bem... diz muito bem... E... ora diga-me... diga-me... qual d'estes dois escriptores prefere o senhor?

— Como?! — Qual d'elles prefere?

— Eu?!?!

Eu queria que você visse a cara do rapaz! Qual d'elles preferia! Por um momento pensei que elle ia dar um murro na mesa e perguntar ao lente se aquillo era «chuchadeira!» O pobre parecia ter um marmello cru atravessado na guella!

Qual d'elles preferia! Elle que vinha da Beira, forte e rude, com os seus interesses literarios e scientificos, preenchidos, em absoluto, pelo «Seculo!»

Olhou para o mestre, olhou para o curso, olhou para si e... depois lá disse a medo:

— Böhm-Baverck...

E logo o lente, sinceramente contrariado:

— Não senhor! não! O senhor não prefere Böhm-Baverck, não pôde preferir... O sr. prefere Karl Menger... Karl Menger é que é o genio d'essa escola...

— Xim senhor...

Se os nomes estão trocados e V. sabe, na verdade, qual é o genio da escola austriaca, peide-lhe que lhe desculpe o lapso o todo seu:

Todo seu

Ramada Curto

Um dissidente na REVOLTA

Do sr. José d'Alpoim Napoles Manuel, sobrinho do conselheiro Alpoim, chefe da dissidencia progressista, recebemos o seguinte artigo, em resposta a dois artigos insertos no ultimo numero da Revolta, assignados respectivamente pelos srs Carneiro Franco e Sherlock-Holmes

Porque o aspecto d'uma sincera convicção politica, e duma não menos respeitavel dedicacão de familia, nos é sobremaneira agradável, inserimos este artigo.

Os senhores Carneiro Franco e Sherlock-Holmes (?) teem o direito de fazer o que entenderem, travando ou não polemica com o sr. Alpoim.

A nós, por um dever de lealdade para com adversarios, competia-nos abrir a liça.

R. C.

DOIS ARTIGOS

O BLOCO por Carneiro Franco e a CARTEIRA DUM REBELDE pelo pseudonimo Sherlock-Holmes.

O Bloco se intitulava um artigo apparecido ha pouco na Revolta.

Assigna-o o sr. Carneiro Franco que volteja desconhecido na orbita do sr. S. H., e que, agora pretende, sem o talento do seu astro, analysar o accordo parlamentar entre o sr. Alpoim e os partidarios do sr. Vilhena.

Sr. Carneiro Franco! não tente aproveitar-se da luz que lhe lança o sr. S. H. porque a não pode assimilar.

Os dissidentes não se ligaram com o partido regenerador; os dissidentes ligaram-se com os partidarios do sr. Vilhena e ninguem pode negar que depois da reunião da Ega, não continha este partido na sua bandeira principios que sempre os republicanos se orgulharam de ter na sua!

O partido regenerador, aquelle que os srs., os republicanos, fustigam, esse acolheu-se á sombra do transfuga Campos Henriques que não tem a honrar lhe a scisão um principio como aquelle que honrou a scisão do sr. Alpoim, nem um programma como aquelle que agora o sr. Vilhena formulou. Tornada possivel uma aproximação pela declaracão do sr. Vilhena na reunião da Ega, não se pode ver nella uma renegação do passado pois entre dois partidos que nos seus programas tem principios que se tocam concebe-se um accordo, ou para a applicação desses principios, ou para a sua defesa. Vêr na politica actual do sr. Alpoim uma renegação dos principios que durante tres longos annos de lucta, ardentemente proclamou e um motivo

para fazer um paralelo entre este e o sr. João Franco, é não conhecer a vida politica destes dois homens sr. S. H.!

Nas duas vezes que occupou os conselhos da corôa nunca o sr. Alpoim apresentou uma medida menos liberal, nem defendeu um principio reacionario por leve que elle fosse.

Rasgada uma vez com brilho immenso a sua pasta de ministro para não collocar o seu nome por baixo do nefasto contracto, o sr. Alpoim viu se, no tremendo duello que provára com os seus escrupulos de ardente patriota, absolutamente só, não tendo ao principio a causa que advogava mais do que o appoio hesitante dos proprios republicanos.

Derrubado o sr. José Luciano pelo accordo da opinião publica, consequencia da mais honrosa scisão na historia dos modernos partidos portuguezes, caminhou sempre o sr. Alpoim e os seus partidarios, que ao sr. S. H. pouca consideração, como diz merecem, no trilhão que uma intelligencia lucida servida por coração amantissimo da patria lhe indicava, trilho esse que era o da liberdade e da altivez patriota.

Cahiu o sr. Hintze Ribeiro e subiu o sr. João Franco, cahiu este e subiu o sr. Amaral e o sr. Alpoim a defender sempre com o mesmo vigor e a mesma paixão a liberdade, não se podendo queixar os seus unicos alliaados possiveis de então do menor acto de fraqueza ou de desanimo.

E' possivel vêr, depois do que expuz, no sr. Alpoim uma encarnação do sr. João Franco? E' possivel vêr na sua politica a menor renegação? Não!

Como ministro o sr. João Franco fez a lei de 96 e como presidente de conselho renegou a liberdade que prometera. De conferencia, em conferencia, sempre apregoando a liberdade, o sr. João Franco passou a mandar acutilar o povo.

A liberdade prometida synthetisouse na lei de imprensa. A administração economica renuiu-se no decreto dos adiantamentos.

Persistem, sendo estes os verdadeiros factos em quererem fazer o paralelo?

Somos nós, dissidentes, uns renegados ligando nos, sem a menor quebra de principios, com os partidarios do sr. Vilhena fitando unicamente o bem da patria, e os snrs. os republicanos, não o sam, tendo soffrido junto commosso o odio feroz do franquismo, partilhado das mesmas prisões, sentido os mesmos arrepios e defendido os mesmos golpes?

Houve em tempos, sr. Carneiro Franco, um club cuja divisa era: pensar muito, fallar pouco e escrever menos.

Porque não adoptam esta divisa? Coimbra — 8 de março de 1909.

José d'Alpoim Napoles Manuel

IMPRESSÕES

Começára a semana, a cabra badalára, e a aula era certa. O frio, a chuva apertavam, mas no dever sagrado de bom estudanteahi fomos, manhá cedo, á pressa, esquecendo o livro, mas promptos ao sacrificio. Saudámos e sentámonos.

Mal tinhamos tido ainda tempo para coçar a palpebra, que não se conformava com o dia, já a nossa asa esquerda, não batia soffregamente no braço.

— Ora viva. Que quer você, fulano?

— Vai um bilhete?

A nossa asa offerencia-nos um bilhete.

— E' só para homens... accrescentava baixo, e mexendo uns papelecões, mostrava-nos uns de uma côr, outros de outra, todos com uns certos dizeres impressos, gravados igualmente, e á laia de programma.

— E' só para homens, repetia a asa, tres tostões, tres, e cinco tostões a superior.

— Só para homens? Ahn? Deixe você ver.

A conversa continuára, e dentro em pouco estavamos a par de tudo.

A actual companhia do Theatro Circo, o melhor e unico theatro da cidade, montára ali, cremos que logo de principio, um animatographo com sessões ordinarias todas as noites. A concorrência não escasseava, mas as fitas apresentadas, embora escolhidas dia a dia, iam-se tornando monotonas. O certo é que a isso devido ou não sabemos a que, a companhia resolvera apresentar novas fitas, de sensação, e... só para homens.

A acturidade policial parece que consentira, ou não sabia, e á socapa, sem barulho os bilhetos eram vendidos por amigos e conhecidos e interessados, digam-se de passagem, sem grande difficuldade.

A sessão... só para homens, era no fim das outras, ás dez horas da noite, e logo por entrada e experiencia, prometia ter uma enchente.

Os leitores estão adivinhando já o interesse que ella devia despertar. O nosso meio cimbrião constituído em enormissima parte pela academia, rapaziada nova, longe das familias, muito á vontade, e sempre apreciadora d'um escandaloso, prestava-se bellamente a essa sessão... só para homens.

Ha tempos, tinha-nos dado a capital noticia de que, n'uma das suas igrejas melhor concorridas, um celebre orador sagrado faria uma serie de tres sermões, de noite, e tambem... só para homens.

O caso era curioso. N'uma igreja, sermões só para homens... Que mysterio!

Mas, era verdade, e lá estivemos, gostámos e não extranhámos. Demais, qualquer, sem distincção de sexo, devidamente bem orientado, e melhor fundamentado, poderia ter assistido aos tres sermões. Lá vimos a Virgem que a todos assistiu, e... não corou.

Mas, em Coimbra, n'um animatographo, uma sessão á noite, só para homens, não restava a menor duvida, era fatalmente escandaloso. O programma entre outros numeros trazia até alguns com frades e freiras á volta; positivado e sem hesitação, d'esta vez a Virgem se assistisse... talvez cõrresse, devia corar. Não assistiu.

Não podemos no entanto ir occupar a nossa cadeirinha. Tinha-nos os paes mandado para aqui para estudar, e religiosamente, ao toque da sineta, forçávamos a porta da casa e abancávamos á meza, de sobenta em punho. Depois eram dez horas e lembráramos a oitenta da *asa* esquerda. Ficámos com pena. Valeram-nos porém quatro paginas que já estavam digeridas, e a esperança, que os cabulos dizem ingenua, de um valor o mais ao fim do anno.

Em todo o caso tivemos occasião de matutar no *pratinho*. Demais na noite anterior tinhamos topado palmitando a médio varias travessas e beccos da Alta, tres raparigas, descalças, talvez entre doze a deseis annos, cobertas de trapos apodrecidos, tiritando com frio, de carnes magras e olhar doentio, seguindo este e aquelle estudante, n'uma ancia desesperada de, á porfia, ganharem uns patacos ao dobrar da esquina, no recanto escuro, em plena rua ou n'um quarto, sem a mais elementar decencia, aludando o corpo e a honra, n'um costume já facil e antigo... e os patacos corriam realmente e muitos das mãos da Academia...

O espirito começou então a revoltar-se nos.

Lembrou-nos ao mesmo tempo o tal padre dos tres sermões, e, a *historia* já não nos agradava. Chegámos antes a ter pena da Academia.

Realmente era de mais... e a auctoridade, as auctoridades... Que desaffro!

Promettemos fazer barulho com o caso, appellámos para o Espirito Santo, e desancámos emfim. A *asa* contaria.

A noite passou, e já estávamos outra vez com a *asa* ao lado.

— Então? Que me diz você? Conte lá isso.

— Ora homem! Isto é gente do diabo. Já estava de papinho feito e afinal, tudo escangalhado. A brincadeira foi descoberta a tempo e tudo prohibido. Batatas!

— Hein?

— Mas deixe você isso. Então lá temos uns feriaditos?

Positivamente, pensámos, a *asa* andava a caçar comosco. Achava-nos com cara de engulir umas galgas... alem a sessão, que afinal falhou, aqui uns feriaditos de chofre...

— Morreu o pápa.

— O pápa? Essa agora!

— Ou morreu ou está quasi morto. E' o que lhe digo.

E a *asa* esfregava as mãos de contente, inquietava-se no banco, fantasiava a doença, mostrava-nos um jornal com a noticia referente ao caso, assegurava nos umas ferias grandes, quinze dias ao menos, palavra endiabradamente, sem algum sentimento piedoso e pungido, antes troçando do pobre pápa.

Sorriram-nos os feriaditos, verdade seja, e o jornal referia... Podia ser.

O pápa, era certo, não podia viver sempre; já o meu visinho antigo cantava que « o pápa, a morte o pápa, não se escapa, tambem morre como a gente ».

Coitado, que a terra lhe fosse level! Anla acabada, duas voltas dadas, e a *asa* chega a nós de novo, agora muito desalentada.

— Logo vi. Ora bolas. E' falso,

está outra vez vivo, e, peor do que isso, parece que já não morre.

Foi lhe a terra leve de mais, pensámos nós.

A *asa* ia-se-nos tornando antipathica.

Em summa o tempo, passou e confirmou-se na verdade a falsidade do boato. Um desastre, diria a *asa*! Tinha-nos enganado mais uma vez.

Não sabemos como a antipathia augmentou. Chegámos até a não querer olhar para a esquerda. Embirrações!

Voltámos ao nosso estudo paciente, o espirito socegou e promettemos não ouvir mais.

Passa um dia e eis-nos de novo sentados, licção bem estudada, um tanto difficil, mas bem segura e decorada. Não olhámos nem cumprimentámos a *asa*.

Notámos em todo o caso certa extranheza e impaciencia. Parecia que queria começar novamente, dizer qualquer cousa.

Não se conteve e estoirou — então lá se foi Lourenço Marques, lá venderam Lourenço Marques.

E cortámos definitivamente as relações.

N.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Philosophia inconsistente

Como já disse, a Igreja, sentindo vacilar as suas provas tradicionais pelo advento da critica, procurou um outro campo onde pudesse combater a Verdade. Infelizmente para o progresso da Humanidade encontrou o processo que melhor lhe convinha: agarrou-se afincadamente á metaphisica, baseada, claro está, em todos os erros de observação ancestral, colligiu bem todos os pre-conceitos, elevou-os a principios sob a rubrica de philosophia, e, preparando uma razão e uma logica adrede creada para seu uso, fez daquella philosophia, intrincada e bizarra, o seu grande cavallo de batalha em que veio a campo bater todo o progresso, empanar toda a luz que a sciencia profusamente começava a difundir sobre os conhecimentos humanos.

Mas assim como facil foi encontrar na sua dogmatica materia para lh'a rellutar e destruir, assim tambem facil é apanhar o fio á intrincada philosophia de que a Igreja se serve e desenredar a complicada meada que os seus audaciosos e sagazes corypheus tem preparado no intuito de illaquear a intelligencia humana, prendendo aos mais crassos absurdos mentalidades tantas vezes aproveitáveis.

Para chegar á conclusão da existencia do seu deus a philosophia dualista e catholica começa por dividir os seres em necessarios e contingentes; i. e. — seres que em si mesmo tem a razão d'existencia e seres que existem mas podiam e podem deixar d'existir!

E' este o grande fundamento a que se prende e em que se baseia toda a sua capciosa demonstração.

Eis um argumento consideravel... pelo disparate:

« Um ente é necessario, quando não pode deixar d'existir. Ora o mundo pode deixar d'existir; porque, considerando as substancias mundanas, conhecemos que cada uma dellas pode ser destituida d'existencia, sem que d'ahi derive repugnancia alguma. Logo o mundo é contingente ».

(Thiago S. Ph. Cosmologia).

Farçantes ridiculos! De forma que o mundo é contingente porque a materia não tem em si a razão d'existir: existe, mas pode conceber-se como não existindo: é contingente!?

Como contam demasiadamente com a preguiça intellectual que subrepticamente tem vindo a inocular, através dos seculos, nas multiões...

Que a materia pode não existir... mas então quando foi que elles ou alguém viu que a mais pequena porção de materia deixasse d'existir?! Coitados.

Até 1789 ainda elles poderiam impunemente aventar o seu basilar disparate; Lovoisier, porém, deu o maior golpe que se poderia dar, sobre o preconceito, com a sua verificação irrefutavel da lei da constancia da materia.

Todavia, apesar da estulta e descarada estupidez do argumento que acima exarado fica, similhante a que todos os demais são, irracionaes nunca faltam que acceitem como oiro de bom quilate!

Aos philosophos do catholicismo não convem de forma alguma a experiencia, tanto mais que temos já bastantes meios de verificar. Ou melhor não lhe serve a experiencia presente, mas utilizam-se so-

fregamente do resultado da experiencia do passado quando os meios d'observação são deficientes eram que cousa alguma se observava que della não ficasse uma idéa erronea ou muito incompleta.

Por isso elles na sua philosophia começam sempre agitando bem, para as resuscitar, idéas atavicas, dando vida e fortalecendo todos os preconceitos que da incipiente Humanidade nos vieram por hereditariedade ou por tradição.

Todavia não se julgue que elles, que tanto se arrogam servirem-se exclusivamente da razão, a considerem tal qual ella de facto é; de forma alguma. Para elles a razão é um ser metaphisico, é uma faculdade da alma que por sua vez é uma força extranha ao individuo e só actuando nelle por um modo transitorio, informando-o e defendendo-o todavia...

Assim elles consideram certos conceitos racionais como tendo sido inculcados ou insuflados á razão por um agente metaphisico—por Deus!

Fingem assim não comprehender que o individuo, seja elle de que especie for, em qualquer momento, é uma resultante de todas as condições que circundaram toda a sua linhagem e a esse proprio individuo até ao momento considerado; e que, deste modo, aquillo que chamamos a sua alma nada mais é do que a synthese de todas essas influencias ancestraes e proprias.

Do mesmo modo lançam ás feras a sciencia moderna quando esta lhes define a razão como uma synthese que o individuo através da serie dos antepassados até ao momento considerado veio fazendo das conclusões da sua experiencia.

Os decantados principios immediatos da razão em nata são diferentes das demais conclusões racionais do que pele antiguidade e maior oportunidade a exercicio. Se a Humanidade ainda vivee tempo sufficiente, tempo virá que certos conceitos que hoje ainda carecem de demonstração venham a tornar-se tão evidentes como o principio de identidade, o de contradicção ou qualquer outro similhante.

E' a educação que vae gravando em a nossa natureza essas conclusões da experiencia, carecendo, ao principio, de serem meditadas e acabando por se tornarem inconscientes. Chegados a este momento revestem evidencia. Depois de se saber, por exemplo, andar de bicicleta, parece-nos impossivel que haja alguém que não seja capaz de se equilibrar como nós. Succede mesmo que uma vez feita a aprendizagem e apoz bastante tempo de exercicio, nos encontramos incapazes de cair ainda que o queiramos, a ponto de algumas vezes um homem nesse estado correndo para um precipicio donde se poderia livrar deixando-se cair, o não faz pela simples razão que não sabe. E' que aquelle equilibrio tornou-se irrefletido, inconsciente, encarnou na harmonia de todo o seu ser: a sua educação está feita naquelle desporto.

A nossa razão é imprescindivel, mas depois de afeida pelos resultados da experiencia actual, porque ella synthetiza resultados da experiencia ancestral em que os meios de observação eram imperfeitissimos e insufladissimos.

Lucifer

Agencia Commercial

O Sr. João Villaca da Silva, antigo empregado da casa Alipio Augusto dos Santos acaba de estabelecer em sociedade com o Sr. Fausto de Paula e Silva uma agencia commercial de commissões, e consignações, com sede provisoria na rua dos Coutinhos — 11 a 13.

Esta agencia encarrega-se de todos os serviços commerciaes taes como: escripturação por todos os sistemas, concordatas, compras, vendas etc.: trata tambem de arrendamentos, plantas e orçamentos para edificações, esperando inaugurar em breve aulas de escripturação e contabilidade para empregados do commercio.

O caracter e reputação dos proprietarios são garantia segura do escrupulo e seriedade com que todos os negocios serão tratados.

A nova agencia desejamos muitas prosperidades.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio, que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gosando, o seu proprietario e nosso amigo J. M. de Vasconcellos contractou habeis contramestres para todo o genero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora,

Adelino Veiga

Realizou-se no domingo passado a homenagem a Adelino Veiga, a que no ultimo numero nos referimos.

Já os joannes deram noticia circumstanciada do que foi a festa e por isso não o faremos nós.

Diremos apenas que os festejos foram cheios de enthusiasmo. Tanto no cortejo civico que foi imponente, como na sessão solemne que foi concorridissima, falando varios operarios e outros oradores, se viu bem como era sentida e sincera a homenagem.

Na antiga rua das Solas foram derradadas pelo sr. dr. Marnoco e Sousa as lapides com o nome de Adelino Veiga.

Nessa occasião o illustre presidente da camara proferiu um brilhante discurso em que mais uma vez mostrou as suas idéas rasgadamente liberaes.

Foi uma consagração digna do grande vulto a quem era feita e digna do operariado de Coimbra que a promoveu.

Sinceramente felicitamos todos os que contribuíram para esta festa civica e em especial a commissão organisadora pelo bom resultado dos seus esforços.

E a nós proprios nos felicitamos porque nos é sempre grato ver que os nos-os concidaãos pagam uma divida de justiça e de gratidão á memoria d'aquelles que, como Adelino Veiga, empregaram toda a sua vida, toda a sua actividade, combatendo pela emancipação das classes opprimidas.

Merecem por isso toda a nossa gratidão que é um dever.

E o operariado de Coimbra cumprin esse dever.

O Brazil moderno

VIII
Olavo Bilac
(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)

Quasi no fim do curso, abandonou ha annos a sciencia medica dedicando-se, devotadamente á cultura da poesia, cujos primeiros ensaios já deixavam antever o grande e genial artista. Bem conhecido é já o nome de Olavo Bilac, (o poeta das Estrellas), e por consequencia escusado todo o nosso esforço em salientarmos todo o seu valor, que por si só se impõe.

Poeta de raça, incontestavelmente o mais lidimo poeta da America Latina, os seus primorosos versos reflectem vivamente o esplendor do seu talento, a grandesa da sua alma, as scintillações do seu espirito e a sensibilidade do seu coração, d'esse coração onde se aninham delicadissimos sentimentos, e onde se albergam nobilissimas qualidades.

A sua vasta produção litteraria, quer compilada em livros, quer esparsa em diversos periodicos, as funcções honrosas que tem desempenhado no seu paiz, e o modo porque o tem, como litterato, representado no estrangeiro, são preciosos titulos que, de sobejo, o recommendam á merecida admiración, que lhe é tributada, e justificam o subido apreço em que é tido, por toda a parte.

Lisboa, que já teve a felicidade de, ha tempos, o acolher em seu seio, recorda ainda com saudade esses ligeiros dias que o poeta ali passou e tem ainda bem gravada a carinhosa impressão da sua palavra fluente, suggestiva, vi-rando todas as notas da arte e deterindo todos os accordes do Bello. Noticias mais ou menos fidedignas, dizem-nos que Olavo Bilac, de regresso de Paris, e acompanhado do illustre Baptista Coelho (João Phoca) que, ha pouco, esteve entre nós, deve aqui chegar ainda esta semana, onde, após ligeira demora, segue destino de Lisboa.

Se assim for, Coimbra, que a despeito de tudo, gosa ainda no Brazil gloriosas tradições, tem o dever de, ao menos por um momento, sabir da apathia em que se encontra, recebendo condignamente tão illustre visitante que, no seu paiz, jámais perde o ensejo de, publicamente enaltecer e salientar os brios e glorias de Portugal, de cujo facto tantas vezes fomos testemunha.

Por mais simples e modesta que seja essa manifestação, logo que seja profundamente sincera, significará um movimento de gratidão que lhe é devida e uma homenagem que incumbe prestar-lhe qualquer povo que se diga culto.

Sobra-nos a vontade mas falta-nos hoje o espaço e o tempo, para dizermos mais alguma cousa sobre esse vulto que sobremaneira honra a litteratura brasileira, glorificando assim tambem as letras portuguezas.

Resta-nos porém a certeza de que, a proposito d'esta individualidade, bastaria apenas citar o nome, de tal modo é reconhecido unanimemente o seu alto me-

rito, sendo pois até redundancia encarece-lo.

Que seja pois verdadeira a noticia da sua proxima chegada a esta cidade, é o que sinceramente desejamos, afim de, embora por pouco tempo, gosarmos o prazer do convívio de tão illustre e notavel homem de letras.

A. S. A CRISE DO DOURO

CARTA ABERTA
As senhoras portuguezas

III.ªªª Ex.ªªª Senhoras

A V. Ex.ªª se dirige no cumprimento d'um dever d'humanidade, um grupo de mulheres trastontanas, condoidas da situação afflictiva do operariado agricola da sua região a que tudo falta — o trabalho, o pão, o agasalho e até a esperança d'um dia melhor.

E como se fora pequena desgraça a angustiosa tristeza n'este quadro, que põe medo e soffrimento ao coração mais preparado para as luctas da vida e para a escuridão tenebrosa das misérias sociaes, tem os entre nós, n'uma freguesia visinha — Sediellos — 98 creanças a quem falta, em consequencia d'uma epidemia de typho, o braço que lhes ganhava o pão de cada dia, muitas d'ellas sem ninguém, n'uma orphandade horrorosa que não tem comparação com nenhuma das desventuras humanas, miseria unica que não pode exprimir-se por nenhuma imagem.

Ser orphão! Não ter o carinho d'uma mãe, não ter am afago, quem lhe ensine a primeira oração, quem lhe ampare os primeiros passos, só, sempre só, caminhar sempre no escuro, sem a luz d'uma caricia, sem o calor d'um peito amigo, arremessado ao vacuo, na eterna noite da sua desventura, ser orphão é ser menos que o pó dos caminhos e que as orlhas das terras incultas!

E' preciso que a caridade, senhoras, ponha no caminho d'estes desventurados um oasis que lhes mitoras as agruras do deserto a que o acaso da sorte os condemnou; é preciso que o coração de nós todas as portuguezas faça das suas mitalhas um pão para estes pequenos seres sem pai e sem protecção e que um pouco da nossa bondade lhes sirva de sol e lhes lembre a mãe que perderam.

A vós nos dirigimos, senhoras, certas de que nos ouvirá o vosso coração para que appelamos.

Pouco nos basta, o mais pequeno obulo nos contenta, ficando certas de que virão cooperar comosco todas as senhoras a quem por esta forma nos dirigimos. E bastaria que cada senhora que nos lesse desse um tostão para obra tão meritória, para estar assegurado o futuro d'estes desgraçados cuja sorte interessa a nós todas.

Seria como que um ninho de caridade construido pelos sentimentos piedosos das mulheres portuguezas.

Alliá-vos, pois comosco e fazei comosco a protecção d'estes orphãosinhos — a obra bendita da nossa ternura, da nossa caridade e do nosso dever.

Com a mais subida consideração de V. Ex.ªª

Cr. mt.ª alt.ª e ven.ª
Regoa, 7 de Março de 1909

Pela commissão de beneficencia—Presidente — Clotilde de Moraes Bernardes Pereira; Vice presidentes — Anna Teixeira, Anna do Poço do Espirito Santo; Secretarias — Margarida Clotilde de Moraes Bernardes Pereira, Alice Claudino de Moraes, Adelaide Thalia Soares dos Santos, Noemia Vasques d'Almeida Coutinho; Thesoureira — Maria Pia da Silva Rolla.

Festa sportiva

A Direcção do Gynnasio Club, desta cidade, nomeou uma Commissão Technica Sportiva, composta dos Srs. Augusto Martins — para gymnastica — Dr. Alvares da Cunha — para tiro e excursões venatorias — Dr. Almiro de Vasconcellos — para luta e atletica — Dr. Camillo Castello Branco — para esgrima — Victorino P. Doria — jogos do ar livre — Mario Almeida — patinagem — Ascanio Pessoa — pedestrianismo — Mario Gayo — cyclismo com o fim de desmboveler o gosto por todos os generos de sport e nesse sentido promove, a referida commissão uma festa sportiva que deve realizar-se em maio proximo no local, hora e dia opportunamente designados, á qual poderão concorrer todos os Clubs, escolas officiaes e particulares da cidade de Coimbra, havendo varios premios.

Os programmas serão brevemente annunciados.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGE S — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente, montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.
- Fab loam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas Tête d'Aohar. Paté de Liever e Foie.
- Sauzeisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, ohás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de B'lachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças, como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é

diferente dos que existem do mesmo genero e duma efficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o selo, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o selo, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C., Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C., Rua Ferreira Borge's

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cor lisa, muito largas, metro.	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelã, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de faqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo-brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que ja se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMB

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genitúrnarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Espregueira

Não é já um nome — é um symbolo. Ha homens, em certos periodos da Historia, que são synónimos. Espregueira é a synthese do regimen. Melhor do que ninguém representa hoje em Portugal, a monarchia, os seus processos, a sua crápula, a sua impenitencia. Ha nomes que evocam um mundo de factos — e o nome d'este homem é um d'esses nomes privilegiados. Falla-se n'elle e recorda-se a «portaria dos sobrescriptos» toda essa inqualificavel montureira que se resolveu diante do paiz ab-orto, a quando da questão dos tabacos! Citá-lo é chamar á tela da discussão a extranha e inedita infamia dos adiamentos. Tem-lhe chamado tudo, tem-lhe dito tudo. As opposições gritam-lhe: o sr. roubou! — e elle ri-se! A imprensa accu-a-o: o sr. fez trapaça! — e elle, encolhe os hombros, pisca o olho frascado e ri-se! No parlamento, na imprensa, por toda a parte onde se falla, onde se discute, sobre a sua personalidade recaem as suspeições mais infamantes, os epithetos mais ultrajosos, as accusações mais tremendas! Pittorescamente, a forma das aggressões varia. O insulto simples não deu resultado? Tenta-se, portanto, o insulto requintado, trabalhado cuidadosamente, como uma filigrana d'ourives. Chamam-lhe por todas as formas, «ladrão» — mas faz-se esylo para lh'o chamar e, elle, de cada vez que lh'o chamam novamente, repara apenas n'ristecido, que já não ha originalidade possível! No dia em que pousessem em musica a palavra «gatuno» e lhe cantassem, com tal letra, um coral em sua honra, esfregava as mãos satisfeito, e ia cumprimentar, sorrindo, o compositor. D'uma vez disseram-lhe que o seu logar não era nas cadeiras de ministro, mas na Penitenciaria. Foi dos dias mais felizes da sua vida: jantou melhor! Deseja a Immortalidade, a consagração dos vindouros. Falla para a Historia, como elle proprio declara, — corajosamente! Não diz para que Historia falla, por modestia, mas toda a gente lhe vê logo a aspiração e o desejo.

Nós, não lhe dizemos qual seja, — porque lhe não queremos ser agradaveis. O chefe confia nelle, esconde-se por traz da sua couraça impenetravel de indiferença. O anno passado houve uma historia d'uma carta do chefe — um assalto ao thesouro publico, ordenado, como a coisa mais natural d'este mundo, n'um simples bilhete, não sabemos se a lapis. Criaturas pessimistas e azedas chamaram a isto um roubo, uma pouca vergonha inqualificavel e preparavam-se para cair a fundo sobre o seu principal auctor. Mas o auctor não appareceu, porque conhecia Espregueira e contava, com elle, em absoluto. Chamou-o e encarregou-o de ir á Camara, receber, por elle, o chuveiro dos insultos.

Espregueira, acceitou, jubiloso! — Mas olha que te vão insultar... ponderou-lhe o chefe.

— Que tem isso? — tornou elle, sorridente.

— Ficas a descoberto, sózinhos... Dizem-te as ultimas...

— Não faz differença...

— Não podes defender-te.

— Isso sei eu...

— E talvez te batam...

— Melhor!... — e sorria.

E por um pouco não lhe bateram o que, naturalmente, o contrario por elle já contar com isso!

E' unico!

A monarchia tem tido grandes vultos no genero, — mas tão completo, nenhum. E', desconfiados nós, um discipulo do barão de Sade — que só attingia o maximo do prazer sensorial, vendo cair cabeças ensanguentadas no cadafalso da Revolução franceza ou quando calcado aos pés e azoragado pelas temiveis megeras, que faziam meia, á porta da grande Convenção.

Gostava de ver soffrer e de sofrer — este aristocrata curioso. Gostava com a dôr alheia e com a propria.

Espregueira, é o mesmo.

Tem cavado a ruina financeira da Patria — para se comprazer com a spa tortura. Agora mesmo acaba elle de lhe dar nova facada — arrancando mais uma vez, um punhado doiro, á sua miseria e á sua fome, para o dar de mão beijada, a financeiros.

E escolheu a occasião mais azada para a satisfação da sua degenerescencia de *sadico*. A dois dias da abertura do parlamento elle sabia o que, certo, lhe ia acontecer.

Pois não hesitou! Sabendo que ia ser julgado por juizes que não podia pensar em corromper, elle praticou o acto incriminado, propositadamente, antegosando o azorague!

Extranha creatura!

Se um dia o paiz inteiro, a elle, como a outros pedir contas, Espregueira, estará sereno no pretorio, á espera da sentença... E se ella tór para que o fuzilem, como é de esperar, Espregueira sorrirá, pedirá encarecidamente que o garrotem — para que a sensação e o prazer, sejam mais demorados.

E como a doentes é justo que se façam as vontades, o tribunal deve deferir-lhe o requerimento...

Factos e Commentarios

Nos srs. dos Correios:

— Estas coisas portuguezas! As reclamações chovem na nossa Redacção. Ha assignantes que recebem o nosso jornal alternadamente, ao capricho dos sr. distribuidores dos correios. Outros ha que nunca os recebem e ainda outros que os recebem juntos, aos dois e aos tres!

O serviço de cobranças então é phantastico! Serão por acaso os distribuidores e os empregados dos correios todos *thalassas* que fazem isto por odio ao periodico? Estamos inclinados a acreditar-o.

Vamos a ver se feito este aviso, as coisas melhoram um pouco...

Mais infantis

Ao que parece, D. Miguel renuncia ao throno portuguez e, revogada a lei que o expulsa do paiz e á familia, virá viver para Portugal com os seus 8 filhos — todos Braganças e todos infantis! O que guarda!

Florilegio

Como é que retribuerei ao meu senhor meu Amo e Rei o perdão dos meus peccados e ineffaveis beneficios do seu Amor?

Padre Silva Gonçalves.

O sr. o que precisa, Padre, é duma ama.

Peccados... perdão... ineffaveis beneficios... Amor...

Mas que diabo terá o homensinho feito ao pequeno?

Grammatica real

Palavras do sr. D. Manuel: «E se ha sentimento que mais se consubstancie com o da nação, a cujos destinos me sinto verdadeiramente feliz de presidir...»

Ora se S. M. se sente feliz de presidir aos destinos da nação, porque não começa por falar correctamente a lingua nacional?

Anthropophago

R. M. diz na *Palavra* que chegou a Bruxellas com um appetite de anthropophago.

Parece-nos que errou o itinerario. Com tal appetite devia antes ir para Napoles, fartar-se de *macarroni*.

Um poeta

Padre Silva Gonçalves bota poesia na *Palavra*.

Aqui damos um bocadinho aos nossos leitores:

«Fazendo escravo do nosso amor ao odio mais fundo e bravo. Nosso Senhor livrará-nos de inimigos, de ingratiões:

— Os mais ferinos leões veem a ser nossos amigos...

E Nosso Senhor não livrará nos d'estes poetas?

Piada forte

O *Correio da Noite*, em polemica amigavel com o *Illustrado*, diz que o genio se anichou todo na redacção do orgão franquista.

Esta do genio deve ser com o Ambrósio.

E' boa, mas forte de mais.

Deixem lá em paz o pobre diabo...

MIUDEZAS...

Era um rapaz muito talentoso e de muito bom coração — dizia-se.

Fez o seu curso de Direito com muito brilho e os senhores professores, olhando o através da luneta que «as cunhas» lhes collocaram deante dos olhos, acharam logo que sim, que o rapazinho poderia entrar para a «companhia».

— Muito talentoso, muito! — afirmavam todos.

E os actos do afamado academico foram sempre coroados de elevadas classificações como era da mais elementar justiça. Era necessario recompensar o trabalho e render as homenagens devidas ás fulgurantes irradiações daquelle cerebro poderoso, daquelle illuminada cabeça.

Acabado o curso, o triumphante bacharel começou a trabalhar — não era necessario muito. O seu talento

NA ENCRUZILHADA



tornava-lhe faceis e evidentes todas as coisas — para subir os ultimos degraus que o separavam ainda da cathedra o que é o mesmo que dizer do Olympo da sciencia onde o esperavam aquelles que tinham sido seus mestres e passariam a colegas, a simples colegas seus. A cathedra! A cathedra!

Tinha sido sempre o seu sonho doirado.

Como os seus discipulos ouviriam extasiados o seu verbo fluente! Como elle faria, com o seu talento imenso, dos massudos e indigestos artigos dos codigos, preleções encantadoras!

E havia de ser bom para os discipulos, amigo delles mesmo... E ficava a sorrir, enlevado, olhando no espaço uma linda cathedra cheia de luz.

Ora o rapaz, o academico laureado, cazon por... amor com uma ricaça da provincia, gentes de herdades, boas terras de trigo e fartos sobreirats de rendosa cortiça.

Que mais queria?

Bem casado, com o seu talento, a consideração do publico intelligente e do publico endinheirado...

Só lhe faltava um pequeno, um filho, que seguisse na sua esteira, que continuasse o seu nome.

Hoje é absolutamente feliz.

Tres dias depois do «*bom successo*» da esposa escrevia elle um bilhetinho a uma senhora das relações concebido nos seguintes termos:

D. Rosa

Participamos-lhe que tem mais um creadinho ás suas ordens. E' muito gracioso pequerrucho, bem formado e mui-

to interessante. Pesa quasi quatro kilos. Tem as feições muito definidas e possui — até ando preocupado com isso — uma intelligencia que me espanta, verdadeiramente extraordinaria.

Não julguem que o talento do bacharel seja uma «*blague*».

Não! O amor de pai é que o cegava naquelle momento e o fazia descobrir aquella aterradora intelligencia no pobre monosinho de tres dias que berrava desatmadamente.

A cathedra! A cathedra!

Triplus.

A' tesoura

Do Noticias de Lisboa:

O sr. ministro da Fazenda que falou com a maior energia explicando clara, cabal e catholicamente o assumpto, foi novamente apoiado por toda a maioria, produzindo as suas palavras sem sombra de habilidade, mas singelas e simples como a verdade, a melhor impressão.

Estamos a vêr.

A singeleza, a simplicidade, a verdade do sr. Espregueira!

Mas que descaramento!

Da *Palavra*:

O sr. Vilhena, se ficasse na Universidade, seria indiscutivelmente o nosso primeiro professor.

Discordamos. Não contestamos o talento do sr. Vilhena, mas acima de todos o Mestre!

Do *Correio da Noite*:

No entanto e, apesar d'isso, na vasta sala do 1.º andar da Liga, no largo do Quintella, tem-se reunido nestas duas primicias reuniões uma multidão compacta e entusiastica, escu-

tando a palavra dos oradores com uma crescente e comunicativa animação.

Atmosfera crescente devia ter sido com o discurso do sr. Gallis...

Do Portugal:

Vae fazer-se uma peregrinação a Roma. A laudimol-a. Teem-se feito outras já. Lourdes tambem ha recebido o concurso dos catholicos portuguezes.

Pois bem. Emprehenda-se igualmente a visita ao Santo Sepulchro.

Pois emprehebam, emprehebam. Mas cautela com as reliquias, srs. pe-

linguinos. Não lhes aconteça como ao Rapazão...

Lavra o incendio

Decididamente isto já não pára. Não é apenas a população dos grandes centros que é abalada e torturada por este mal-estar que em tudo se denuncia e a todos sobressalta.

Vai mais fundo: já as ultimas camadas, a pobre multidão campezina começa a revolucionar-se.

Para nós, é verdade, isto tem um aspecto intellectual e mais de principios. E' uma situação d'espirito, toda raciocinada e deduzida.

Para aquelles a questão é de facto, o argumento não se faz no cerebro—é elaborado no estomago.

Se alguma vez passasse pelo nosso espirito a duvida sobre a necessidade de sermos sempre revolucionarios por principio, podia ella em qualquer momento fazer-nos vacillar, suspeitar da verdade das theorias que professamos, mas não conseguiria deter-nos na situação actual e perante os factos presentes.

E' que estes são tam prementes e decisivos que já nós não deixam livre o pensamento.

Esmagam-nos com a realidade. Sam uma tese que não comporta discussão.

Quando nós, os que não comemos e nem queremos comer á custa de qualquer forma de governo, sentiamos e diziamos que não era possivel sustentar este deboche por mais tempo, os amigos do regimen sorriam, uns com convicção, outros amalandradamente, como a querer significar-nos que eramos maus profetas e tudo «isto lá não marido rassa».

Mudam porem os tempos. O sr. Teixeira de Sousa, conspicioo protetor da região mais devastada hoje pela fome, não é decerto suspeito á monarchia; pois foi o sr. conselheiro, ameaçando retirar a sua protecção ao Douro, quando se deu o primeiro incendio, o de Alljô, quem com esse simples facto veio fazer a confissão de que efetivamente as coisas p'ra lá do Marão eram de grande e indiscutivel gravidade.

Não é de crer que s. ex.ª fosse arriscar numa cartada o respeito que julga merecido pelas suas qualidades, se o momento não fosse dos tuos que não admitem hesitações.

Valpaços foi talvez uma resposta. Os acontecimentos de Murça sam quasi uma ameaça.

Hoje que o grande influente regenerador se sente baído e desprezado por esse bom povo que o ajudou a subir pode ter já outra opinião. Mas os factos é que começam a não deixar duvidas possiveis nos espiritos dos mais optimistas.

Aquillo que no Douro se está a passar é mais alguma coisa do que poderiamos supôr vir a dar-se.

E' a Revolução da fome, a unica que o lucido espirito d'Anthero antevia «como capaz de mudar a face das coisas neste desgraçado paiz».

Já não ha quem a detenha. O povo emancipou-se dos influentes locais, d'aquelles celebres açambarcadores que realisaram fortunas, depreciando os vinhos para os vender depois por altos e fantasticos preços.

O sr. conselheiro deve entender-nos!... Bem podem agora prometer-lhe o Credito agricola, não o iludem a esse povo de miseraveis e de famintos.

O dinheiro a juros molicos só iria parar a mão de infames e gananciosos, que o saberiam depois colocar entre os desgraçados a 15 e 20 p. c.

Nada deterá já agora a marcha dos acontecimentos.

Tudo o indica e assim é justo esperar.

Conselhos não os damos, que nem feito temos para isso, nem os mortos de fome tem ouvidos para nos escutarem e entenderem.

D'aqui apenas lhes testemunhamos a nossa simpatia e solidariedade.

D'hoje para o futuro os povos do Douro não sam apenas nossos compatri-

tas, sam nossos irmãos d'armas a caminho já na grande jornada da Revolução.

E agora, que todos aquelles que tem uma mais larga e mais ampla concepção da Vida, do que a que se resume na palavra Ordem, cumpram serena e imperturbavelmente o seu dever.

S bre o rescaldo dos papais do fisco fica espaço bastante para reconstruir a fortuna e a felicidade dum povo inteiro.

Para cá do Marão, mandam os que cá estam.

Que em Portugal mandem emfim os portuguezes!

P. J.

NA BRECHA

PADRES MATTOS

Opinião publica tem azorragado o padre Mattos, o já agora celebre politico de sacristia. Nada mais desastrado. Nada mais injusto. O padre Mattos é uma instituição não é um homem, e uma instituição antiga, classica mesmo.

As instituições, sejam ellas de que caracter forem, só caem quando a sociedade as abandona, ou quando as deita abaixo mesmo por suas proprias mãos. O padre Mattos não é abandonado, não cae assim ás primeiras, porque se não tem como a hydra de Ler-na sete cabeças, tem a faculdade de se identificar como o proprio Deus, estando em toda a parte.

Os padres Mattos borbulham por ahí a cada canto. Não é só aquelle que dirige o «Portugal» e é confessor de canastras.

Não! Padres Mattos são todos esses que familias piedosas recebem em suas casas para directores espirituas dos filhos.

São todos aquelles que, pela mentira, pela hypocrisia, e com modos azetados e seraphicos entram na casa alheia com Deus na bocca e um punhal escondido na sotaína.

E, isso, que é antigo, todavia parece que só agora dá signal de si.

Com effeito assim é e deve ser. No actual momento historico, esse padre Mattos, era fatal.

Não p dia faltar de modo algum. E' a nota discordante e necessaria E' o cynico do drama. E' o Satanaz da magia. O desmancha prazeres, o mal emfim.

A historia da Russia revolucionaria tem um tyrano, e os granduques reaccionarios, ao mesmo tempo que tem Gorki e Gopone.

A malograda revolta de 31 de janeiro teve um traidor, como a historia de Jesus teve um Judas.

Sem este não se comprehenderia a prisão do Christo e o triumpho do christianismo.

Os padres Mattos são os pseudo-carascos das ideias novas e redemptoras, eternamente afiando o cutello para uma victima que nunca chega a immolar. São o canto do cynico, o estertor dos principios caducos dando o signal de si na hora extrema.

Nunca nada morreu sem um grito, sem um gemido, sem um esgar ao menos. O pinheiro colossal e bravo que uma lufada faz baquear tem gentios de colera e dôr no estralejar dos seus braços que partem e das suas raizes que se desarreigam da terra mãe.

Tambem 8 seculos que se desmoronam hão de fazer ouvir o seu estertor.

Nada mais simples. Nada mais natural.

No seio das familias os padres Mattos são o reflexo do grande, do celebre padre Mattos, desta sociedade que se vae pouco a pouco amortecendo.

E, nada mais phantastico do que um rapagão de bigodes á Kaiser tocado e regido por um padre. Mas palavra d'honra que os ha.

Elles representam na familia o papel d as redes de arame sobre um prato de carne. Livram das moscas. Elles curam de tudo. Da conservação do corpo e da saúde da alma, sobretudo no que diz respeito ao sexto mandamento.

São uma especie de prezevativos do mal, como um bentinho ao peçoço ou uma ferradura a traz da porta.

A traz da porta... que mau lugar. Purificam a alma pela pedra de christá, e salvam o corpo das tentações da carne, e das ciladas do demonio.

Quando um pupillo sae das suas mãos vem branquinho, lavado de toda a culpa, mais casto e virginal de corpo e alma do que a mãe Eva antes da maroteira da serpente.

São uma segunda agua lustral, que

em vez de lavar-os uma vez, os acompanha durante a adolescencia, pingando sobre elles o piedoso leivor pelas coisas de Deus. Acompanham o educando a toda a parte, para que não caia em peccado, para que não apanhe sol, para que se não sente em pedra fria, nem durma sobre o coraço, porque ha posições prejudiciaes ao figado, aos rins e outras miudezas.

E, sendo assim, ainda ha quem se admire de haver um padre Mattos alto e poderoso, quando elle não é mais do que um comparsa obrigado n'esta grande comedia dolorosa mais tragica do que heroi comica.

Ah! Cambrone, diz uma palavra!

A. F.

IMPRESSOES

Quem nos ultimos tempos tiver tido a madureza e a paciencia de, como nós, ir a par e passo observando o ridiculo do agonisar da Igreja portugueza, nos episodios curiosissimos que ella nos offerece a todo o instante, certamente deverá estar contente e não julgar perdidas as suas horas. A esses pois, os parabens.

Ans outros, não os felicitando, vamos contar alguma cousa a tal respeito.

Diz os periodos mais interessantes por que passa a Quesma um dos primeiros. Ma cam-n'o in initio uma tureia de ovos podres e trimeçada, e in fine uma barrigada de amendoas e confeitos. E' a lei das compensações applicada ao pobre corpe. Mas porque o periodo é grande em geral estas barrigadas, que são fartas de mais, dão sempre maus resultados durante uns dias.

Deixemos isso. Os leitores devem saber a vida atribulada que o Christo passou durante esse periodo. A velhota da casa com certeza lhes contou tudo isso quando eram mocinho. Pois bem.

Referem os livros e dizem os entendidos que os tempos mudaram muito de então para cá. E é verdade.

O Christo morreu, uma ou duas vezes, o certo é que morreu. Fabricaram-se então uns christos novos, uns de pau, outros de pedra, alguns mais de marfim, christos de toda a massa e feitio. E vá de distribuil-os pelo mundo fóra.

Chegou certa altura porem que os christos eram tantos que a Igreja viu-se obrigada a pôr-lhes varios nomes. Appareceu então um, muito grande, semi-ajelhado, muito pesado e de cruz ás costas. Coitado! D abcuras dos tempos!

Mas, e ainda aqui a compensação, vestiram-no decentemente, aliviaram-lhe o peso da cruz, montaram-lhe varios palacios, entregaram-lhe uma fortuna invejavel, e resolveram... lavar-lhe os pés todos os annos.

Ficou-se chamando o Senhor dos Passos. Melhor lhe chama iam o Senhor da Cruz, ou o Senhor dos pés lavados... Isso é com elles.

Ora dá-se o caso de este Senhor ter de sair todos os annos á rus, em procissão, de charola.

Contam os fieis ser a procissão do Senhor dos Passos.

O que é facto é que, terrasinha que tenha lá o seu Senhor, chegada a Quesma, em dia determinado leva-o a tomar um pouco d'ar. E faz bem.

Assim é que o pápa, por intermedio do bispo competente, engraçando pouco com o Senhor da cidade do Porto, taes manhas e complicações arranhou aquella gentinha que a procissão se não realisou este anno ali, e a estas horas deve aquelle Senhor estar fortemente asphi-xiado, se não já morto, e... de pés sujos.

Em Coimbra identico caso se deu, por outros motivos comtudo. Saira o Senhor quarta feira de Cinzas, e a multidão, julgando que era o Carnaval que se prolongava ainda, riu, riu muito, riu tanto, que o Senhor resolveu, por prudencia, não voltar á rua. Tambem fez bem. Que imbecilidade de gente!

Em muitas outras partes porem se salvou a situação. Os leitores vão ver.

Em Condeixa, por exemplo, o Senhor saiu e em procissão imponente. Tanto assim que o Senhor em paga resolvera fazer milagres, e cremos que fez.

Lá vimos, quando elle passava, em frente d um regato que atravessa a terra, muito povo mettendo-se á agua, que era santa n'aquelle momento, lavando os pés, as pernas, a cara, só os olhos, só os ouvidos ou o nariz, emfim lavando e trazendo até em panellas, bilhas e tachos agua d'aquelle, agua santa, tirada na occasião. E tal era o enthusiasmo na lavagem, o desejo e na passagem do

Senhor, que os rebates da sua chegada eram dados a cada instante, n'uma voz-zaria ensurdecadora: — « agora, agora »... « ainda não, ainda não »... « agora, agora! »...

E o Senhor lhes fez o milagre de os lavar, quem sabe? uma vez ao menos durante o anno.

Que o Senhor não é só hygienista, mas um hygienista milagroso! E' bom Senhor.

Em Montemor-o-Velho, se não erramos, faz-se mais. Sae o Senhor e a Virgem, cada um de sua vez e sua parte, havendo o encontro n'uma praça larga, onde se ouve então o sermão do encontro.

Lá está um orador grande que faz de pulito, e o orador pré ando — « vêde irmãos, lá vem a mãe do filho, lá vem o filho da mãe ». Podia-lhe tambem chamar — o filho da Virgem — mas, ... para não haver confusões...

Em Buarcos ainda temos a mesma imponentia do encontro, e do sermão. Ali porem o pulpite é, ou era pelo menos, uma dorna grande com areia do mar até meio.

O padre, diziam, era religioso e bom bebericador e assim conciliava tudo. Não se lhe leva a mal. Peor andou o malvado que uma vez lhe tirou o batoque da dorna, a areia foi caindo, o padre abaixando, a ponto de só deixar ver os braços e parte da cabeça. Herejes!

Em Miranda do Corvo igual sermão de encontro. Não sabemos se aqui se em Sernache dos Alhos, a festa atinge ainda maior brilho.

Os cortejos são feitos a cavallo em burros e burras; burras e só burras do lado da Virgem, burros e só burros do do do Senhor. E' um espectáculo deslumbrante e commovente!

Burros d um lado chegam, burras do outro tambem, e ha então uma zurraria burricamente grandiosa, que marca o inicio do sermão. E o padre falla. Algumas vezes tem que interromper, porque um ou outro burro quer fallar tambem, mas em nada perde a sublimidade do acto.

Bem diziamos nós que a situação se tinha salvado!

TRIBUNA DOCTRINARIA

Pelas supellicias sondagens, que nesta tribuna tenho feito ao arcabooço da Igreja, se patenteia minifestamente como a lagadio é o terreno em le ella tenta firmar o seu carcomido edificio, que, corrido pelo assombroso salitre da sciencia, se vae esboroaño irremediavelmente. E a sua desmoronação será tão completa, tão deformada e corroída ficam os seus materiaes, que já mais possivel será reconstituil-o.

Nestes ultimos tempos os argutos jesuítas, entre os quaes se tornou recentemente notavel o padre Wasmann, tem congregado apaixonada e eruditamente todo o seu esforço ingente em rebocar o velho casarão do dogma para lhe darem um tom modern-estilo... Era insidiioso o processo e colheria os resultados desajados porque o numero dos nescios ainda é indifinido.

A manhá viriam dizer que a Igreja não é contraria á sciencia nas suas conclusões verificadas, antes, pelo contrario, todas as vezes que a Sciencia attinge a certeza em qualquer ramo de saber humano, lá se verifica immediatamente que essa doutrina era já expandida na Biblia ou nos ensinamentos da Igreja, simplesmente se lhe não dêra com a interpretação, ou não houvera necessidade de a fazer, porque a Igreja não tem como munus ensinar a sciencia profana ás suas ovelhas!...

As tolices da Biblia e os crimes cometidos pela Igreja á sombra dessas tolices, não são nem tolices umas nem crimes outras.

E' tudo questão de interpretação!

A Biblia perfilhou e expendeu claramente, exuberantemente, o erro geocentrico e anthropocentrico; a Igreja por sua vez torturou os homens cujas observações scientificas levavam a repudiar este erro crasso...

Pois muito bem. — A Biblia lá fica infalivel e a Igreja não perde a sua santidade!...

E' que os agiographos escreveram a linguagem do povo, posto que soubessem, elles ou o seu divino inspirador, que era tudo o contrario; é que a Igreja perse-guiu, vexou, martyrisou e fez reclinhar as carnes dos cultores da sciencia porque elles eram... atrevidos: vinham de choíre dizer cousas que, embora estivessem no espirito das Sagradas Escripturas, ao povo pare-

ciam contradicções e era urgente salvar... o prestigio da Fé!...

Isto, claro está, explicam elles hoje. Este capcioso subterfugio é de todos os dias.

O conego Alves Mattoso, desta cidade, compilou, em colloboração supinho eu com o Dr. Guilherme Moreira, um Compendio de Historia Universal e, tratando lá da immigração dos israelitas para Chanan, refere, com todos os pontos nos ii, o milagre de Josué mandar para o sol, para que o Deus dos exercitos lhe facultasse derrotar os inimigos com quem combatia! O nosso conego lá vem, sorratamente, em nota sentenciosa, dizendo: — « Refere a Biblia que, no meio da batalha, Josué, vendo o sol prestes a esconder-se no occaso, o mandou parar, e que o sol esteve parado enquanto não foi terminada a batalha... Não pertence aqui examinar-mos... em que momento do dia mandou Josué parar o sol... Limitamo-nos a dizer sómente que das palavras de Josué, mandando parar o sol, não se pode concluir positivamente que elle estivesse persuadido de que o sol se movia e a terra estava parada. Falando deante de gente rude, Josué serviu-se da linguagem vulgar, que é realmente a que mais nos quadra, e de que usamos de continuo embora saibamos que é a terra que se move em volta do sol e não este em volta daquelle. — (!)

E' completo e não carece de commentarios.

Hoje, estamos um pouco livres dessa adaptação insidiosa.

E sabem a quem o devemos? Exactamente ao actual pontifice, sua santidade Pio X, cuja coherencia corre partilhas com a propria impolitica. Foi elle que, no uso da infalibilidade que lhe assiste, cominou penas contra os modernistas — ou aquelles que tentam accomodar os textos da Biblia e a doutrina Ecclesiastica á sciencia moderna.

E tem muita razão o santo padre.

Se elle tem lá acrumada em estantes luxuosas a palavra de Deus pae e de Deus filho, alem disso tem ao seu serviço exclusivo o Espirito Santo, fontes perennas da verdade, e da verdade eterna, absoluta, indefectivel, para que hão de buscar os balbúcios da humana sciencia?!

Mas supponhamos que o Santo Padre não punha o leio da sua prerogativa ao desvairamento dos seus sabichões vassallos; supponhamos que elles queriam aceitar como boas as conclusões iniludiveis da sciencia a respeito da circulação da materia em transmigrações continuas de uns para outros individuos, neste cambio constante e indelido da substancia, em que a vida se desenvolve á custa da morte; e supponham agora perante estas conclusões scientificas, que já não carecem de demonstração, a Igreja a braços com a explicação duma parte do seu credo...

« Creio na ressurreição da carne e em que Deus ha de vir a julgar os vivos e os mortos (sic) e dar a cada... »

Era uma dos diabolos!...

Quando a Igreja metteu esta phase no seu symbolo ainda os seus sabios não sabiam que o corpo está sujeito a continuas desassimilações, e que, uma vez morto o homem, o seu cadaver vae integrar-se na natureza onde se opéra a sua analyse para que os seus elementos componentes vão por sua vés entrar em milhares de corpos de plantas, de animaes e do proprio homem, por multiplices modos!...

Divertido deverá ser esse momento, se o Velho Padre Eterno ainda persiste inabalavel na caturrice de fazer essa ostentação de força, resuscitando os mortos!

Espectaculo admiravel de ver-se essa lucta intinável em que milhares de milhões de milhões d'almas se hão de ver constringidos a disputar particula a particula a substancia dos antigos corpos, que terão, certamente, pertencido a multissimos!...

E ha ainda quem se escandalisa ao ouvir appellar de imbecis aquelles cujo intellecto é capaz de aceitar tão desca-belados dislates!...

Lucifer

Fallecimento

No folgar dos annos, victimado pelos estragos da albumina, falleceu o quintanista de philosophia Manoel Gama Lobo Azambuja.

A morte do desditoso rapaz foi muito sentida por todos aquelles que conheciam o seu primoroso caracter.

A familia do extincto o nosso cartão de pesames.

QUESTÃO ABERTA

Um dissidente n' A Revolta

LEVES CONSIDERAÇÕES CARTEIRA D'UM REBELDE

Ao ver o senhor Alpoim Manoel com aquelle ar de Topsy e conselheiro que passou a ter depois da sua viagem ao Egypto e da qual diga-se de passagem conta apenas ter trazido na mala umas pessimas garrafas de vinho, com que estragou o estomago dos amigos, alem do vazio na cabeça com que já para lá partira — mal diríamos nós que s. Ex.^a fosse capaz de escrever as palavras mal creadas que nos dirigiu no ultimo numero deste jornal.

Francamente não percebemos quaes os motivos que levaram o sr. Alpoim Manoel a ser tam aggressivo para conosco que toda a vida o tratamos com a consideração que se tem por aquellas pessoas que nos som completamente indifferentes.

Lemos e relemos o pseudo artigo do sr. Alpoim Manoel e nada encontramos que viesse destruir ou pelo menos contradizer as despretenciosas linhas que haviamos escripto, dias antes, criticando o *Bloco Dissidente-Vilhenista* e que contra nós lançaram as iras implacaveis do sr. Alpoim Manoel... Judicibus.

As poucas linhas que escreveu referem-se apenas ao artigo do muito illustre colaborador da «Revolta» Sherlock Holmes (?), por cuja intelligencia temos a maxima admiração e nisto foi o senhor Alpoim Manoel absolutamente justo.

Pelo que diz respeito á nossa pessoa o senhor Alpoim Manoel foi unica e simplesmente malgrado, o contrario do que era de esperar das suas pretensões fidalgas. E termos-hiamos conservado silenciosos, tendo apenas o desprezo como resposta, se o sr. Alpoim Manoel não tivesse feito uma afirmação que poz em duvida a sinceridade que podia haver nas suas afirmações.

«Somos nós os dissidentes renegados etc.» diz o sr. Manoel.

Nós os dissidentes!

O senhor Alpoim Manoel dissidente!

E á nossa memoria acudiu a lembrança duma celebre assembleia geral da academia em que o senhor Alpoim Manoel fizera a sua profissão de fé republicana.

Fora quando andava mais acesa a questão dos tabacos e quando o sr. José d'Alpoim — o tio — acabava de separar-se do seu antigo chefe.

A questão interessou tambem a academia e, sem se saber de quem vinha a ideia, começou a dizer-se que ha eria uma assembleia geral naquella dia.

Para lá fomos. Constituiu-se a mesa, e como ninguém apparecia a dizer os motivos d'aquella convocação anonima dispunhamo-nos já para retirarmos em paz quando o senhor Alpoim Manoel surtiu sumido e enfiado a dizer de sua justiça.

Era já conhecida a orientação dos estudantes republicanos que na vespera haviam reunido e deliberado não fazer o jogo dos partidos monarchicos nem dos estudantes que desejavam feriados.

E o senhor Alpoim Manoel sabendo isso começou por dizer que era tambem republicano, não d'— que andavam pelos comícios e jornaes, mas republicano de gabinete. — Já nesse tempo o senhor Alpoim Manoel aspirava a sabio!

E logo a seguir traçou o caminho a seguir pela academia de Coimbra que vinha a resumir-se em levar o senhor Alpoim, tio, ao poder.

Foi por isso que nos admirou a sua profissão de fé dissidente e nos leva a não concordar com as amaveis palavras do director deste jornal que viu no artigo do sr. Alpoim Manoel o fructo duma convicção politica sincera. A não ser que quando o sr. Alpoim Manoel se disse republicano na dita assembleia geral da academia, quizesse apenas arrastar consigo os estudantes republicanos e satisfazer assim os seus designios; ajudar a subida do tio ao poder e alcançar meia duzia de feriados. De resto a attitude do sr. Alpoim na greve academica parece levar-nos a acreditar que os feriados sam coisas que lhe agradam e que foi por causa delles que elle se fez grevista... furante.

Mas já dissemos demais e já gastamos muito tempo com o senhor Alpoim Manoel, e já agora queremos tomar o seu conselho: escrever o menos possível... a seu respeito.

Carneiro Franco

No ultimo numero d' A Revolta — de- vem os nossos leitores estar lembrados — o sr. José d'Alpoim Napoleo Manuel poz sobre os hombros a pesada cota d'armas dos cavalheiros do Tavola Redondo, firmou-se bem no arção da sella, deixou cair a vizaira, e de lança em riste, no fogos corcel da sua indignação, contra nós arremeteu por sua dama que é, no presente caso, o seu Excellentissimo e rotundissimo tio.

Começou o sr. Manoel por umas referencias ao auctor d'estas linhas, que nem por serem amaveis e inmerecidas, nos captivam ou penhoram. Nós não somos o astro que o sr. Manoel imagina e a estreita orbita em que giramos é tão nua e vazia de satellites como são nuas as paredes do nosso humilde quarto de estudante.

Não lhe agradecemos as palavras amaveis que nos dirige; ellas produziram-nos antes uma triste e dolorosa impressão, porque suspeitamos bastante que o motivo que as dictou, não foi o sentimento da justiça devida mesmo aos mais irreductiveis inimigos.

O sr. Manoel imaginou dirigi-las a quem, pelas suas excepçoes qualidades já tantas vezes provadas, a ellas tinha exclusivamente direito e o Sherlock-Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um rebelde», é um republicano convicto mas humilde — tão humilde que recebe muito sinceramente descobrir o seu nome, não vá o sr. Manoel desalojar-lo das alturas a que, por um lamentavel descuido o elevou, e donde os astros irradiam a luz suavissima que inspira os poetas e faz estremecer o peito innocente ás virgens solitarias nas perfumadas noites de hystérico luar.

Dictas estas palavras, que reputamos d'imprescindivel necessidade para desfazer o lamentavel engano do sr. Manoel (tratamos assim o sr. José d'Alpoim para evitar tambem a lamentavel confusão com seu tio, cujo talento, como dissemos, admiramos) vamos entrar propriamente no campo a que o repto do sr. Manoel nos chamou.

A existencia d'uma monarchia liberal, em que, como dissemos, se possam accomodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno, é para nós agora um milagre absolutamente irrealisavel.

Quando a memoria da ultima experiencia tragica de João Franco não fosse prova concludente, inilludivel, bastava lançar os olhos para o estado actual da sociedade portugueza para inevitavelmente sermos arrastados a essa conclusão.

O que ampara e assegura estabilidade a um regimen politico não é a força das baionetas que póde de um momento para o outro ser vencida, nem é a voz dos canhões, porque ha outra voz mais forte, mais vibrante, mais clamorosa, — a voz das revoluções que perdura atravez dos seculos e eternamente fica gravada nas paginas da historia como se gravam nos discos dos gramophones as arias dos melhores artistas.

O que ampara e assegura estabilidade a um regimen politico é a força da opinião sobre que assenta, os principios que o escoram e a directa correspondencia entre o espirito da epoca e sua realisação por parte do regimen.

Ora, não é, certamente, precisa uma grande demonstração para provar que nem a força da opinião é pela monarchia, nem a excellencia dos principios é apanagio do regimen e muito menos que elle corresponda ao espirito e as exigencias da epoca.

Isto deu occasião a que a vida politica da nação se fragmentasse em dois campos perfeitamente distinctos e absolutamente incompativeis: d'um lado, «o progresso, a civilisação, o futuro» — é a republica; do outro, o passado, a estagnação, a inercia — é a monarchia com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Quiz o sr. Alpoim, como o quizera João Franco, quando dizia que «caçava no mesmo terreno que os republicanos» — associar duas coisas, pela sua propria natureza, irreductiveis e d'aqui o facto d'acompanhar o sr. Alpoim ainda um numero mais reduzido d'incultos do que aquelle que acompanhou João Franco.

Sendo assim, visto que o sr. Alpoim não tem a valorisar o seu programma,

a força da opinião que o eleva ao poder e lá o mantenha, se quizer um dia ser governo, o sr. Alpoim só dois caminhos encontra abertos: ou declarar-se francamente republicano e com os republicanos colaborar na obra de radical transformação politica, como já uma vez tentou, quando toda a gente suppunha a republica transformada de vaga e generosa aspiração n'uma realidade palpavel e certa, ou ir buscar a força e o apoio, que lhe faltam aos outros partidos da monarchia que o sr. Alpoim tão dura e justissimamente tem fustigado e d'um dos quaes s. ex.^a desertou porque n'elle não cabiam a sua indomavel aspiração ao progresso e o seu entranhado amor á democracia.

Adoptou o sr. Alpoim o segundo e não o felicitamos por isso.

Talvez porque ainda visse longe a implantação da republica (deixe-me o sr. Manoel aventar esta hypothese que n'ella não vae injuria para seu tio) a sua insaciavel vontade de governar fello ir buscar apoio ao grupo do sr. Vilhena.

Mas o sr. Vilhena é aquelle mesmo sr. Vilhena que em plena camara dos pares não hesitava não só em defender os adeptos e os adeptadores como igualmente declarava — não sabemos se com uma inconsciencia que é para lamentar num chefe de partido, se com uma desfaçatez que causa arrepios — que adeptos fariam tambem se lhos pedissem.

Mas no grupo do sr. Vilhena está o sr. Teixeira de Souza, adeantador confesso, está o sr. Pimentel Pinto, reconhecido reaccionario e catholico, estão muitos d'aquelles que já sentiram o peso esmagador da sua palavra cadente e fulgida e nos quaes o paiz inteiro tem os olhos fixos, apsentando-os num gesto cheio de coleras santas, ao tribunal incorruptivel da historia.

«Mas as declarações do sr. Vilhena no palacio da Ega? — clama-nos o sr. Manoel.

Ah! a eterna bretoeira que ataca a pelle mimosa dos nossos politicos d'officio quando o pontapé do dono lhes tira da frente a larta gamella do poder!... Como isso nos faria rir, se nós não sentissemos no coração, cruéis como punhalas, os gemidos lancinantes d'uma patria estremecida e infeliz na agonia indizivel de quem se sente morrer irremediavelmente, inevitavelmente sa lhe não accudirem de prompto, e muito está apeçada á vida como os lichnes aos robbes velhos, como as heras ás pedras dos muros!

E aqui tem o sr. Manoel muito resumidamente expostas as razões porque nós julgamos d'impossivel realisação a monarchia liberal do sr. Alpoim e porque estabelecemos o paralelo entre s. ex.^a e o dictador maldito de tão tragica memoria, nos primeiros tempos d'oposição.

E para terminar rogamos-lhe a fineza de, quando tiver que se nos dirigir, não nos chamar astro, porque nós, com franqueza, sempre nos suppozemos um raizto apresentavel e muito nos custa se algum imagina que temos cara de lua cheia que é como quem diz, cara de parvo ou alguma carranca de metter medo como a do chafariz do Sol... ao Rato.

Sherlock-Holmes.

DE LISBOA

Pedem-me vocês uma carta semanal para « A Revolta » que seja, como dizem, uma resenha dos factos predominantes da semana, annotados por mim. Ora, meus caros, a tarefa é espinhosa. Em Lisboa, como em todo o paiz, passam-se, dia a dia, immensas coisas, uma infinidade de pequeninas coisas, para a notação simples das quaes, não basta um depoimento de testemunha e é preciso mais — a fita d'um animatographo, por exemplo.

Mas o que vocês requerem de mim, não é a minucia e o detalhe. Justamente deixam essa tarefa ao noticiario dos grandes quotidianos — esses prolixos documentos para a futura reconstituição da vida social contemporanea, que annotam tudo, commentam tudo, d'este a ultima proeza dos gatunos de mosco, até ao emprestimo realisado pelo ministro da fazenda.

Querem só « os grandes factos » — as coisas de volume e de peso — como pittorescamente dizem. E aqui estou eu seriamente embaraçado! Fiam assim da minha incompetencia e da minha visão imperfeita, o papel de julgar, d'entre tantas coisas « de volume e de peso » que eu vejo passar ante meus olhos, quaes as « sufficientemente volu-

mosas e pesadas » para merecerem o meu e o vosso interesse. Eu não sei que lhes diga...

Agora mesmo, em frente á porta do café, a uma mesa do qual, esta lhes escrevo — passou o sr. Alpoim e, mais atraz, o conhecido actor Chaby Pinheiro. E, logo ao meu espirito occorreu que estes dois homens eram sufficientemente « volumosos e pesados » para merecerem que eu notasse a sua passagem...

Como seja a politica a preocupação absorvente da actual sociedade portugueza, e o sr. Alpoim, seja um politico, a sua passagem sugeriu-me a ideia de preencher esta minha primeira carta, com a narrativa ou, por outra, com o relato da impressão que em mim tem deixado as sessões parlamentares a que tenho assistido estes dias, por simples curiosidade, que eu — como voces sabem e pelo que asperamente me censuram — não sou « politico ». As razões por que o não sou, são simplesmente estas: por um lado, julgo-me absolutamente incapaz de ajudar com utilidade apreciavel, á salvação da Patria e, por outro, sou sufficientemente limpo para não querer contribuir para a sua ruina.

Não me levei ainda « á superior compreensão dos interesses colectivos » — como já ouvi dizer não sei a quem. Estas coisas, meu caro, nascem com a pessoa.

Não sou « politico » pela mesma razão que não sou loiro. No entanto vou ao Parlamento. E, sabem por que eu lá vou?

Porque ando empenhado na resolução d'este problema: saber se aquelles homens que eu vejo, cá de cima das galerias, agitam-se na sala, dizem coisas, fazem barulho, indignarem-se, gritarem, estão a fazer aquilo a serio ou a brincar! A serio não póde ser! Eu não concebo que seja a serio!

Então, é ou não verdade que o paiz atravessa uma crise afflicta, medonha, que parece o « começo do fim »? E' verdade. Sobre isso não tenho eu duvidas. Que a situação é desesperada estão a attesta-l'o no Norte, com uma evidencia de estarrecer, estes factos: em pouco menos de tres mezes vão pelos ares os papeis de tres repartições publicas faz-se uma fogosira com os documentos publicos que garantem a propriedade individual e representam as bases sobre que o Estado lança o imposto de que vive. E' a subversão da ordem social, é o desespero, é a anarchia!

Pois muito bem. Em tal caso o que os representantes da Nação tem feito é isto: por um lado as opposições dizem d'um homem, — o ministro da fazenda — as coisas mais graves que existem —, — ao que me tem querido parecer, provam-n'o; e, por outro lado, a maioria, solidarisa-se com esse homem, que se não defende, ou pelo menos, se defende com tão subtis argumentos, que eu não attinjo, não percebo! Não saberia mesmo que quizesse, reproduzi-los! Isto não se entende, não tem, pelo menos, logica! Nem as opposições a têm — desculpem-me vocês, a franqueza. Se esses factos são verdadeiros o papel das opposições não é lá dent o — onde a acção seja decisiva, definitiva, como o momento me parece requerer.

Pois se ha fome — e se roubam o faminto, o paiz! Que esperam os seus defensores? Que acabem com elle?

Dizem-me que ha quem pense o contrario e que entenda que mais do que nunca, é necessario « prudencia e proposito ».

Talvez seja por eu não estar no segredo da Politica, que vejo as coisas assim. Vocês dirão...

Mas agora reparo, que felizmente para os leitores da « Revolta » já enchi os linguados de papel que vocês de mim exigiram e por isso, até á seguinte.

Timido.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1.º

COIMBRA

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONARQUICA» Roelo.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ENSAIOS DE CRITICA

Formas de composição

A expressão em musica faz-se por meio de periodos representativos de imagens, ou motivos destinados a despertar no ouvinte uma associação de ideias tal que a imaginação deste, collaborando com a do auctor, reconstrua o conjunto e seja impressionada e sinta o que a musica descreve ou exprime.

Durante o classicismo os modos de variar e succeder estes periodos por inversão, transposição, repetição e imitação, fixaram um certo numero de formas que os musicos da epoca, adstrictos ás regras existentes, só com relutancia alteravam.

Dentre essas formas de composição os que se destacam como mais importantes são o canon, a fuga, a variação, a suite, o rondó, a sonatina e a sonata.

O canon é a forma em que a melodia, pelo seu desdobraimento, se acompanha a si mesma.

E' de notar que o numero de canones, que com uma só melodia se podem organizar, é grande, visto que aquella melodia pode ser alterada por transposição, modificação no movimento (drecção do desenho melodico), no compasso, no valor das notas, no rythmo, no numero de partes, etc., obtendo-se assim canones por movimento semelhante ou contrario; por augmento, diminuição a contra-tempo; em unisono, em segundas, em terças, em quartas etc.

Aqui está em poucas palavras a forma musical que tanta influencia exerceu pelo seu desenvolvimento e applicação, sobretudo na musica religiosa, onde ainda hoje se encontra largamente.

Apresenta-se como episodio na fuga, raramente na symphonia e mesmo na musica dramatica vocal. Ainda assim alguns exemplos se poderiam citar, como duas passagens de *Les voltures versées* de Boieldieu, trío do *Mahomet* de Rossini, o canon a 3 vozes de *Nabuchodonosor* de Verdi e a abertura do *Carnaval Romain* de Berlioz.

Nenhum destes trechos tem contido a forma rigorosa do canon; são antes entradas em forma de canon, da que Wagner mesmo se serviu, por vezes, para os instrumentos.

O mais celebre dos canones dramaticos é o quator vocal do *Fidelio* de Beethoven. Modernamente V. d'Indy tem um canon a 4 vozes — *Chant de la cloche*.

O desenvolvimento do canon modificado e sujeito a novas regras produziu a fuga que consiste essencialmente num desenvolvimento, por imitação e combinação, de um thema ou assumpto, seguindo leis precisas.

O thema base da fuga ou antecedente é apresentado com ou sem acompanhamentos e, ordinariamente, seguido logo duma outra parte da resposta ou consequente tirado do primeiro, segundo regras fixas para a correspondencia das notas. Quando a resposta não segue immediatamente o thema, as notas que medeiam constituem a *codetta*.

Pode tambem haver um contra-thema que, reduzido ao seu papel minimo, não é senão uma figura acompanhante do assumpto ou da resposta. Mas, se é tratado de uma maneira igual ao thema da fuga, pode ser um segundo thema, e era costume expô-lo simultaneamente com o principal; neste caso a fuga é dupla ou a dois motivos, será tripla com tres e pode ter mesmo mais.

As divisões constitutivas e successivas da fuga são a *exposição* ou apresentação do thema e da resposta nas varias vozes ou partes da fuga, o *contra-thema* quando não é apresentado, como dissemos, no curso da exposição regular, os *episodios* em que motivo, resposta e contra-themas são objecto de imitações e variações; a *stretta* em que as imitações se cerram progressivamente, de modo que os effectos de contraponto attingem o maximo de intensidade; e, finalmente, a *coda* ou conclusão que consiste na reaparição do thema ou dos elementos principaes.

Attingiu esta forma a sua completa perfeição nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII.

Os mestres da fuga são Bach e Haendel, podendo citar-se ao lado destes Leo, Scarlatti, Pergolesi etc. Mozart combinou pela primeira vez a forma da fuga e a da sonata na abertura de *Zauberflöte* e na ultima parte da symphonia *Jupiter*.

Empregou-se pouco em theatro mas ha excepções, e algumas recentes, como no primeiro acto de *Sauzon et Dolia* de Saint-Saëns e a celebre fuga da *Damnation de Faust* de Berlioz. *Triplis.*

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabriam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saucisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putidas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.ª, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.ª, Rua FerreiraBorges

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vérem a veracidade do que affirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de ve tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engominar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armaes d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2,500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualq' outro estabelecimento, porque dep' is arrepentem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMB

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 111

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

EXPEDIENTE

«A Revolta» tem sido razoavelmente recebida. Feito o balanço verificamos que havia saldo e, n'essa conformidade, resolvemos visto não quererem os capitalistas, fazer a sua saída duas vezes por semana, sempre que possa ser. A cobrança das assignaturas far-se-ha por serie de numeros, d'aqui por diante.

Que os republicanos portugueses, que são os nossos unicos auxiliares, continuem a julgar que servimos, modesta mas honradamente, a causa commun e o que desejarmos — por unico premio do nosso esforço.

UNHAS ADUNCAS

Havia no paiz uma especie de gente que, não se atrevendo a negar e achando-se impotente para attenuar, levemente sequer, os crimes odiosos contra a liberdade e contra o Direito, praticados pelo dictador, de tragica memoria, uma coisa invocavam sempre como sua unica defesa: a honestidade de João Franco e dos seus sequazes.

João Franco, não era mau porque não roubava — num paiz, onde, á saciedade, está demonstrado que, «homem d'Estado» é quasi sempre synonymo de gatuno. Todos os outros repugnantes feitos do politico e do homem, desapareciam diante d'este facto: — não era um ladrão.

O decreto dos *adantamentos*, pretendendo saldar um saque de milhares de contos, feito ao thesouro publico, duma forma ignobil, por uma trapaça indecorosa, não era, para esses *franquistas attenuados* um roubo declarado e confesso, com a agravante de ser feito á *má cara* — calcando as regalias nacionaes, amordaçando a opinião, perseguindo, deportando, fuzilando o povo nas ruas!

Essa monstruosa liquidadação dum roubo, era, para essas *honestidades* e essas mentalidades de *via-reduzida*, uma maneira de pôr ponto final na ininterrupta serie de peculatos e concussões que tem sido, entre nós, a gerencia dos dinheiros publicos! Mas, liquidadas as culpas antigas, entrava-se no caminho da mais escrupulosa honestidade. Não mais *adantamentos*, não mais desfalques, não mais *unhas aduncas* sobre a fortuna publica, — diziam esses. Porisso lá estava a *honestidade* de João Franco, que respondia cabalmente ás suspeições! Com um roubo a mais punha-se ponto final na serie monstruosa e d'ahi por diante, a vida nova começaria, entrava-se no verdadeiro regimen da *virtude triumphante*.

Pois bem: nem isto, que é pouco, que não é nada, que só pode ser invocado como attenuante por caracteres mais que duvidosos e por intelligencias menos que elementares, nem isto mesmo é — ao que parece e, em breve, o paiz minuciosamente, conhecerá — nem sequer isto, é verdadeiro!

«Ralhavam as cãmdres, descobrem-se a verdade!» — diz o dictado. Aqui, foi o antigo *compadre* do *franquismo*, a *velha raposa* da poli-

tica monarchica, José Luciano, — quem ralhou — e logo uma verdade surgiu, ao cimo d'agua: o *honesto franquismo*, cravou, como todos os bandos monarchicos «unhas aduncas» nos cofres publicos!

Quer dizer: á lista interminavel dos heroicos feitos, praticados pela *virtude rotativa* com que, pelo decreto dos *adantamentos*, João Franco, se solidarisava, ha a accrescentar os feitos proprios da sua *puritana virtude*. São os *compadres*, os *cumplidos* que o dizem: elle é tão bom como nós; se menos fez em *quantidade* as suas *unhas* nada ficam a dever ás nossas!

Mas, — e é o mais curioso! — ao mesmo tempo que se faz a denuncia, saída talvez da penna dos *escribas* do «Correio da Noite» por uma inadvertencia, invoca-se cynicamente, para occultar do paiz a verdade, esta coisa monstruosa: o interesse das Instituições!

Não bastam já — que o povo, o pobre povo resignado, o saibal — as monstruosidades que a monarchia, não pode occultar e são hoje do dominio publico! Ha mais — quantas mais! — mas não se devem dizer, não se devem punir, no «interesse das Instituições»!

A solidariedade de todos evidencia-se, mais do que nunca completa. O que se sabe era já mais que sufficiente para que um grande e nobre movimento de colera e de justiça, tivesse, de ha muito, varrido do solo sagrado da patria a chol-dra estercoraria.

Mas os *franquistas* dizem: — Nós temos provas! temos documentos! se nós quizessemos... Respondem os outros: — Vocês que fallam são tão bons como nós...

E uns resolvem calar-se, conchavar-se no mais criminoso dos silencias p' r esta coisa: os interesses do Regimen, que é como quem diz, a unica garantia de que a *bambochata*, o *baixo imperio*, o escandalo, continuam!

E isto quando a Nação agonisa! Quando se está rodeado de mil perigos! Quando o *dia d'amanha* para a Patria, mãe-commum é incerto e tenebroso! Quando ha fome, quando o desespero invade as almas e dos olhos dos que, no Douro, soffrem as mais negras torturas, fogem as lagrimas da supplica para dar logar ao lampejo das allucinações e das iras supremas.

Isto, este horror, no momento em que a crise nacional tem estas duas unicas valvulas de segurança: a emigração ou a morte — mas a morte lenta, a morte vagarosa, sem esperança de remedio!

Chega a não se acreditar como tal possa acontecer, como isto se pode estar passando, n'esta apparente quietação em que se vive! O que sairá de tudo isto? Que dias historicos ineditos iremos nós, os homens d'hoje, atravessar em breve?

Sejam quaes forem, — faltaria a logica á Historia, se o castigo, se a punição tremenda de tantos e tão repetidos crimes, não fosse, como elles tambem formidavel e tragica!

COISAS & COISOS

Intellectuaes

Todos os dias surgem livros no mercado litterario de Coimbra, que são lamentavelmente uma *porcaria*.

E' uma especie de febre infecciosa a contaminar uma geração, que pretende vincular o seu nome a uma grande aureola de imbecillidade. E' essa *litteratura de cordel* que appareceu sempre nas grandes phases de decadencia moral, a revelar o pulso d'um paiz. Que tristeza! Não se aproveita um traço, uma phrase, um verso!

O prosadôr de Coimbra, embebada-se primeiro com o Eça, mastiga-lhe as ironias, tritura-lhe as phrases, e cóspe depois numa duzia de paginas todo o producto d'esse trabalho intestinal. Por isso o leitor, ás vezes, começa a desenterrar d'um livro, atulhada de cebo e de estupidéz, a figura do Eça reduzida a cacos.

As descripções enfastiam, *chateiam* como planicies extensissimas e áridas onde a terra é ingrata. O detalhe é comprido, arvezado, sem essa leveza adoravel e torneada que illumina instantaneamente o espirito e prende os olhos de quem lê.

Palavras, muitas palavras, para dizer sempre *des reis de mel coado*.

Pois estes carpinteiros litterarios, tem sempre uma *côrte* que os adula e lhes enche a cabeça de minhocas.

E' nessa *côrte* que os *poetas* medram e se reproduzem.

Recebem a galladela do *pontifice* e põem um livro, tal como a gallinha põe um ovo.

E' o França Amado quem aguenta o parto, e expõe os ovos na vitrine. Faz-se um *réclame* immenso. Nas esquinas os *placards* annunciam o feliz successo — o sr. F... pôz — e o França Amado sempre que alguém se abeira do balcão, vem sollicitamente transmittir-lhe a nova — *antão, já sabe?!* o sr. Fulano pôz, é coisa boa!!! E' tão bom homem este França Amado!!!

O livro não se vende, é claro, porque os versos são intoleraveis. Imitações mal feitas do Cezario Verde ou do Antonio Nobre. A'quelle copiam-lhe a *côr*, a a plastica, a imagem. A este, a tristeza genial do seu temperamento. Mas como a imitação requer talento, e o auctor é *tauco*, o livro é sempre uma miseria.

D'ahi, o vêr-se um burro a lamentar tristezas, e um tolo a desenhar imagens, num soneto embutido a martelão capaz de resistir a um tremór de terra. Os jornaes agradecem sempre a offerta do *livrinho* em termos lisongeiros, incitando o auctor a novas *calamidades* e *perdas de tempo*.

Alguns dos nossos escriptores, menos escrupulosos, enviam os seus cartões a trasbordar de *hypocrisia*. Tudo falso, tudo mentira, mas o auctor que é burro, incha nesta consagração até rebentar com um novo original.

Neste segundo livro é costume transcrever todas as barbaridades que os jornaes disseram do primeiro, e isto para a gente *calhar* em o comprar. Já não é portanto uma simples tentativa litteraria, é uma *burla* com auctor e *cumplidos*.

Um dos nossos grandes poetas, dizia uma vez a proposito d'um *primeiro livro* que recebera — *acho melhor callar-me, porque o auctor precisa do meu elogio, apenas para enganar o publico*.

E' assim é. Que immoralidade litteraria! Que tremendissimo chiqueiro!

Compreende-se. Coimbra é um meio ingrato para crear artistas, porque se tem retrocedido muito em grandeza moral e em criterio. Respira-se o ar viciado d'uma politica górdia, envelhecida, réles, que atrophia to ia a nossa vida e não deixa vingar a nossa mocidade.

Artistas em Coimbra!? Arte, para educação, é coisa que não há. O *intellectual*, estarrece-se ao Domingo com a musica do 23, e assombra-se em frente

CELEBRES... DE BORLA



LÉVESINHO...

Parece de *celuloide*
Tão *mignon* e tão *franzino*
Que duvida toda a gente
Que seja já um doutor!
— Até nem mesmo é decente,
Sendo assim inda menino,
Que seja lente, Senhor!

Deixe crescer o bigode
E faça-se um *homensinho*
Depois então é que é!...
— Que enquanto for «rapadinho»,
Parece mais um actor,
Ou foi sacristão da Sé
Ou é... toureiro amador!

Foi com elle ou com o irmão,
— Com quem é muito parecido —
Que se passou a tal historia
Que eu estou farto de contar,
Da *cathedratica gloria*,
Indo-lhe um d'elles fallar,
Dizer « — Não sei, não decido,
Se estou certo, se m'engano,
Se acabo de o encontrar,
Ou ao mano!

Dr. Watson.

do Leão da porta-ferrã. Come arroz com a fáca, e nunca toma banho. A meio da leitura d'um soneto, arróta, e sublinha a grosseria com um *peço desculpa* muito natural. Limita-se a ter póse, a uzar luvas, e a mudar de ceroulas ao Domingo. Conheci um, em tempos, que escrevia peças para o theatro, e dizia — *eu nunca sei o que vou fazer; vou escrevendo, escrevendo, escrevendo, e no ultimo acto... zás, entio lhe a these... e bumba.*

Pois este *kázado*, teve uma peça premiada n'um concurso!!!!
Felizmente que o publico, na *prémi-*

ére, foi ouvindo, ouvindo, ouvindo, no ultimo acto... *zás*, apresentou-lhe as *armas de S. Francisco*... e bumba.

Ah! que se não fossem estas sinceridades do nosso povo, ninguém suportava a vida em Portugal.

Eu, por mim, quando vejo um intellectual dos que não tomam banho, não tenho hesitações, curvo o braço direito e... bamba. Póde ser duro, mas é bastante confortavel. E' confortavel e é sincero.

MIUDEZAS...

O celebre dr. Potenzen, sabio especialista de doenças nervosas, fôra chamado à corte do grão-duque que lentamente se definhava, se consumia, torturado por algum mal occulto e arrasando os seus melancolicos dias pelas grandes salas do palacio, como uma sombra, — sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

O illustre especialista requisitára para suas ajudantes, cinco enfermeiras que elle proprio fôra escolher, entre as formosas damas da corte, — que a isso gostosamente se prestaram na esperança de contribuirem com o seu esforço para as melhoras do illustre enfermo.

E todas tinham entrado para a alcova ducal, — emquanto, cá fora, na antecâmara, a vistosa camarilha, esperava ansiosamente que o dr. voltasse a dizer a sua ultima palavra sobre o mal mysterioso que, lentamente, consumia o joven grão-duque, — fazendo-o andar como uma sombra pelas altas salas do palacio, sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

Dentro, subito, ouviram-se gritos do doente. A camarilha, sobresaltada, ansiosa, escutava.

—Coitadinho! Que lhe estarão fazendo! — segredavam umas ás outras, lindas fidalgas, compadecidas.

E um moço loiro e fêmeo, revirando o bozalho do olho languido, suspirou:

—Ail não ser comigo...

—Schü! — fez um general, severamente, impondo silencio.

Porque, n'esse momento, atraves do pesado reposteiro de velludo vermelho armoriado a ouro, como um reposteiro d'egreja em dia de «lauspremie», ouviam-se mais distinctamente os gritos do enfermo, o rebolico que ia na alcova.

Percebiam-se até phrasas soltas:

—Deixem-me... Fúrias! — Querem perder-me a alma... Mamã... Padre...

—Que horror! — murmuravam damas edosas, atterradas, pondo as mãos.

E a scena dentro prolongava-se, parecia eternisar-se.

Decididamente, Potenzen, o sabio especialista esgotára os ultimos cartuchos.

O pesado reposteiro de velludo afastou-se e o medico appareceu, correcto e loiro, como um verdadeiro sabio da sabia Alemanha.

O seu fino olhar azul claro, fuzilava, atraves dos oculos com malicia. Atraz vinham as cinco enfermeiras, com o ar despeitado e triste, e umas rosetas nas faces, indicadoras de cansasso e de fadiga...

—Então, dr.? — perguntou-lhe um ministro.

—E' impossivel! declarou o sabio com a sua pronuncia gutural de allemão, pausadamente.

E elucidou:

—Fez-se tudo. Todo o possivel e nada... Molestia grave, molestia de raiz... Enfermeiras de rara dedicacão.

—Loda a camarilha se entrecolheu um momento, desolada.

E o ministro interrogou de novo o doutor.

—E agora? Que aconselha?

—Agora — respondeu gravemente o sabio — ... agora mandem chamar os primos todos!... E' a forma... Cumprimentou e saiu — deixando a camarilha boquiaberta.

D. Fuas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

São os methodos, os professores, e não os programas que seria preciso reformar. Todos os programas são bons, quando nos sabemos servir d'elles.

Os alumnos limitam-se a decorar subtilzas dissertações sobre assumptos que nunca leram.

Psychologia da Educação. Gustavo Le Bon.

Meu caro

« A Universidade é a representante actual do espirito, dos methodos, da mentalidade jesuitica ». E' com esta affirmacão que Le Bon inicia o seu trabalho de critica ao ensino que o Estado ministra em França. Claro, que ninguem irá tomar esta affirmacão, n'um sentido absoluto. Nem lá nem cá e muito menos lá — os professores são todos reaccionarios, arredados do seu tempo, imbuidos de dialectica Thomista e acreditando na infalibilidade pontificia! Não, senhor! Para a França ocioso será dizer que Le Bon não pensou tal, ao formular a sua these e para Portugal, sabe você tão bem como eu, que a quasi unanimidade do nosso professorado é louvavelmente livre pensadora e nem por sombras acredita por exemplo — no dogma da Immaculada.

Mas... Leu você a oração de Sapiencia pronunciada na sala dos Capellos, este anno pelo lente da Mathematica, dr. Sidonio Paes?

Pois se a leu, ficou você sabendo, se ainda o ignorava que na nossa tradicional Universidad, hoje, n'estes nossos tempos de analyse e de critica, com a « hypothese de Deus », relegada para o logar de curiosidade historica. — tola a vida scientifica do professor e do estudante está em constantes e cordealissimas relações, com a Divina Providencia, com Maria Virgem, com o Espirito Santo e varias outras personalidades illustres da religião.

A Universidade, é como o Estado fidelissimo, catholica.

O estudante, ao abrir matricula no 1.º anno, jura, de joelhos sobre uma almofada e com a mão sobre a Biblia, immensas coisas.

Antes dos actos invoca-se n'um mau latin, a protecção da corte celestial. Os graus são dados igualmente em latin e com o candidato de joelhos. Os de licenciado e doutor, confere-os o reitor, solemnemente, na capella, depois de uma confortativa e reparadora missa, com hyssopes, aspersão d'agua benta e um juramento da parte do candidato, que é segundo creio, de arripiar os cabelos... Na abertura das aulas ha a competente missa do Espirito Santo e o discurso solemne feito na cathedra da sala nobre é a « Oração de Sapiencia ». Em resumo, o latin, que ninguem aqui sabe, a não ser os theologos e os lentes prehistoricos que n'essa lingua ainda defenderam as suas theses, é a lingua official e solemne da casa. Dirá V e com razão que isto nada prova e eu concordo, porque se por exemplo, eu amanhã he encadernar como um missal antigo, fradesicamente, um livro da Haeckel, nem por isso o conteúdo do livro se modifica.

Mas, por outro lado, não acha V que isto dá atmosfera, cria ambiente? Talvez não... e talvez sim. Isto é, pelo menos symptomatico. Vamos agora a vêr se a casca corresponde ao miolo. No tempo em que estas, hoje sobreviventes formulas externas, estavam em plena florescencia, qual era, o processo de ensino, o methodo da nossa Universidade e dos estabelecimentos congeneres, nella Europa fóra?

Era o processo dogmatico, que o estado do espirito humano csntemporaneo e o limitado ambito da sciencia d'então plenamente justificava. As faculdades de critica, de exame, de iniciativa intellectual dos estudantes, eram exclusivamente applicadas á exegese das obras, das theorias metaphysicas, de tudo emfim, quanto anteriormente se pensára e se escrevera.

A innovação, o progresso scientifico — se assim lhe podemos chamar — podia dar-se, mas num ambito muito limitado, porque, de contrario, seria revolucionario, heresia — e a esse tempo não se brincava com taes coisas. Era emfim a epocha do « problema dos Universaes; da « escholastica », das « humanidades puras ». A Medicina era Galeno e Hypocrates; o Direito, Ulpianus e as Pandectas.

O tipo do sciencista d'então, era — o erudito, o homem que mais sabia de tudo quanto fóra pensado e escripto antes del le e que, exactamente por essa plethora de conhecimentos estava impossibilitado de pensar, por sua conta, coisa alguma. A Inteligencia, o valor era apenas a argucia, a dialectica, a sophistica e sobretudo a Memoria, — elemento fundamental preponderante, hypertrofiado á custa de todas as outras faculdades do espirito.

Foi preciso toda uma enorme revolução mental, todo um cataclysmo scientifico lentamente preparado pelo genio de muitos homens atravez de longos annos, para mudar a face das coisas. E então, desmoronada a primeira pedra do espesso muro atraz do qual a Verdade se escondia, armado o esforço humano, de novos methodos, novos camartellos mais fortes e poderosos, a derrocada fez-se vertiginosamente e a Sciencia abandonou o passo roncino que levava e... passou a andar d'automovel hoje, e amanhã, como tudo leva a crer, lançará mão, para andar mais depressa... e mais alto... do aeroplano.

O sabio d'então, o erudito, é impossivel hoje e é sempre inutil e ridiculo. O humanista, o metaphysico, recolheu-se ao bolór das Academias e á somnolencia das Bibliothecas conventuales.

Hoje, só se estuda o passado quando elle pode dar ensinamentos aproveitaveis ao futuro. Quem hoje se propozer discutir, a não ser por mera distração, a immortalidade da alma, ou a existencia de Deus, é, pelo menos, imbecil. Esse cavalheiro já hoje se não ataca de frente, mas indirectamente, — com aparelhos, com rebortas, com bisturis, com a picareta que serve ás escavações geologicas. E... etc.

Ora, meu caro, acompanhou a Universidade o espirito moderno? N'uma Faculdade de caracter essencialmente profissional como a Faculdade de Direito, os seus professores conseguiram emancipar-se das influencias do Passado, apesar de toda a sua boa vontade, para serem os homens do seu tempo, os homens capazes de fazer progredir a sciencia, de educar outros homens por sua vez, capazes de enriquecer tambem, ou, pelo menos, — habilitarem, como o paiz requer e para o que lhes paga, razoaveis profissõeses do Direito?

Não! O orientação que se colhe aqui em cinco annos, permite que o paiz tenha a esperança, de que lhe estejam a chocar sociologos, legisladores, jurisperitos progressivos, uteis e de valor?

Não! O erudito antigo é, entre os professores o melhor que por cá temos.

Este, por sua vez, dá origem ao urso, — que elle tambem já foi — urso, que por sua vez ha-le ser lente, p'ra crear novos urso... e assim, até á consummacão dos seculos.

Salva-se quem? — O musico que, se não for estúpido, e que se alguma coisa valer, nada ficará devendo á Universidade, que apenas lhe roubou tempo.

Continuaremos e creia-me

Seu amigo

Ramada Curto

Factos e Commentarios

Reinte

Parece-nos que a benta Polavra anda proposadamente a desconsiderar o Mestre.

Outro dia era o sr. Vilhena que, se tivesse ficado na Universidade, seria o seu primeiro professor; agora é o sr. Espregueira que é muito considerado lá fora pelo seu saber financeiro.

E do Mestre nem palavra!

Aqui fica o nosso protesto contra essa pena do silencio.

Nacionalices

De uma conferencia do senhor Dr. Pinheiro Torres paladino do nacionalismo:

« E, pelo amor que devemos restaurar a Patria, é pelo amor que resolveremos o momento problema social, dizendo aos ricos: — amae os pobres: dizendo aos pobres: — amae os ricos. »

E prompto! Tres palavras da parte dos pobres, outras tantas da parte dos ricos com seus posinhos de perlipimpim ali do senhor Pinheiro Torres é...

Ora bolas!

Engano

Um collaborador de Palavra depois de nos dizer que 300 annos A. C. já havia distribuidores automaticos que mediante uma moeda forneciam ao publico medicamentos, diz que agora esses dsitribuidores só nos dão bombons, cigarros, lumes e outras coisas inuteis.

Com que então o articulista acha que os lumes ou phosphoros são coisas inuteis?

Pois engana-se. E, se duvidar, pergunte aos povos de Alijó, Valpaços e Murça...

Não é, não senhor...

A proposito da Liga Monarchica affirmo a Palavra que Lisboa não é republicana.

Mas por que artes de berliques e berliques descobriria ella isto! Querem ver que é bruxa?! Sôme te cousa má... T'arrenego mafarrico.

Maus ligados

Atira-se o Portugal desenfiadamente ao pobre Mekavenko como Santiago aos Mouros por causa de no final do seu discurso ter metido aquella tirada em que offerecia o seu garfo aos elementos liberaes p'ra lutar contra o pastelão reaccionario.

Que maus ligados! Até nem o pobre Mekavenko escapa. Sabe que mais Portugal amigo, — purgue-se, purgue-se.

Caçoando

No seu discurso ha dias na Liga monarchica o conselheiro Jacintho Candido defendendo o conservantismo, objectou que — a combatia os processos revolucionarios, que tudo destroem sem crearem nada de util...

Logo vimos que o sr. conselheiro não tomava a Liga a serio. Fazemos-lhe a justiça de o crer sufficientemente erudito e intelligente para só fallar assim... a caçoar.

Um dissidente na "Revolta,"

Do sr. José d'Alpoim Napoles Manuel recebemos dois artigos em resposta aos srs. Sherlock Holmes e Carneiro Franco que por terem chegado ás nossas mãos já quando o jornal estava quasi composto, só no proximo numero de 4.ª feira insere-remos.

Capellos

Domingo lá vão receber as insignias doutoraes os dois ultimos candidatos.

A festa promette ser de espavento. Até a charameilla mette peça nova que já está ensaiando ha dias.

E' aquelle que por ahí se cantou ha dois annos, conhecida por Hymno da greve.

Além d'isso o sr. Gayo, em traje de bailadeira indiana, fará o seu pé de dança em homenagem a um dos doutorandos.

Nenhum brioso recitará.

Já veem que não pode ser melhor o programma.

Lá estamos cahidos!

Boa Logica

Na Palavra um collaborador que assigna Banco de Pé conta uma linda historieta em que ha dois cavalheiros que num restaurante não comem carne, um por conselho de dois medicos e o outro por ser menino de muita religião.

Até aqui nada de notavel.

O que é de primeira ordem é a conclusão que o homem tira.

Ahi vai:

« Tinham recusado dois... um em nome da sciencia... outro da religião! »

Mais uma vez as duas antagonistas... estavam de accordo!...

Ora bolas, sr. Banco de Pé... dra!

S. José

A Igreja festejou hontem com a devida pompa este symbolo. As canastras devem ter feito novena cheias de gratidão pelo bello exemplo de tolerancia que aquelle ancão déra. É uma tocante consagração posthuma ao humilde carpinteiro de Nazareth que, velho e alquebrado ao peso do duro e ingrato trabalho, assediado pela miseria, teve por fim de sua vida a suprema consolação de ser brindado com um lindo menino que a sua jovem e formosa esposa de collaboração com... o Espirito Santo lhe apresentou, enternecida!...

Coitado!...

NA BRECHA

II

D. MIGUEL

Vejo nos jornaes a noticia da renuncia do sr. D. Miguel de Bragança aos seus direitos á corôa portugueza.

Muita gente vê grave perigo n'essa renuncia o no regresso a Portugal do principe proscripto.

Aventa-se mesmo a hypothese duma tragedia, ou da esterilidade do senhor D. Manuel como causas da falta de successor legitimo a que poderia concorrer o sr. D. Miguel trahindo a sua renuncia.

Mas que nos importa a nós o nome do monarcha? Que variacão de cambios póle haver, pelo facto d'uma corôa mudar de cabeça? Fundamentalmente é tudo o mesmo.

A corôa não daria pela mudança de dono. Quando muito só se sentiriam as cabeças.

De resto, tudo o mesmo. O sr. D. Manuel não é um rei completamente constitucional, como o sr. D. Miguel não teria a louca pretensão de ser um rei completamente absoluto.

Seriam sempre eguaes um ao outro, para o que pouco teria de transigrir o sr. D. Miguel.

O sr. D. Manuel, constitucional, tem descido tanto até ao absolutismo, pelas circunstancias e por hereditariedade como o sr. D. Miguel teria de subir até ao constitucionalismo.

Assim, estando um onde está, e subindo o outro quasi nada identificar se-hiam completamente.

Ha apenas um papel a mais ou a menos: a Carta.

Mas o mais importante da renuncia é a sua significação politica e social.

O sr. D. Miguel, proscripto e eterno pretendente, nunca abdicaria dos seus direitos se no seu espirito coubesse a ideia do seu triumpho num futuro mais ou menos longiuco.

Um throno não se dá a um amigo por sympathia, ainda que esse amigo seja um primo de radiosa mocidade, loiro e formoso como Apollo. Um sceptro não é uma bengala que se aborrece e se dá ao primeiro amigo que apparece.

Uma corôa não é um chapéu que passou de moda e se atira generosamente á cabeça d'um valet de chambre. Um throno, mesmo hypothetico dá tamanhas honras e regalias que deve satisfazer mais a vaidade do que um logar de director geral, porque o sr. D. Miguel declarando não querer ser incluído na lista civil, deixa-nos o direito de suppôr que enfileira no orçamento pelo menos como simples burocrata.

Nada d'isso.

E' que o sr. D. Miguel sentiu a par da saudade da terra dos seus maiores, esta coisa ilagrante e palpavel — que a monarchia foi terra que deu vinha e vinha que saltadeadores astuciosamente roubaram.

O acto do sr. D. Miguel não é o gesto sympathico dum absolutista que abre os olhos á luz e os braços á liberdade.

E' muito mais. E' o salto gigantesco d'um legitimista que se passa para a Republica, que outra coisa não é o reconhecimento tacito da fallencia da monarchia velha, a que uma sonhada monarchia nova queria dar um sacco tão forte que as prostrou a ambas.

Chapadas as duas, sobre ellas surgiu o espectro do sr. D. Miguel a sancionar o estenderente.

De resto, se viesse o sr. D. Miguel, que mais poderia fazer do que mandar chacinar o povo na praça publica, confundir os erarios, coarctar as liberdades, e arvorar em Pina Manique o primeiro Padre Mattos que lhe apparecesse, e em ministro da fazenda qualquer apache contratado na sua passagem em Paris.

E... se o fizesse... Nihil sub sofo novum.

Os mesmos ministros serviriam S. M. o mesmo exercito escolta-lo-hia, as mesmas canastras adulariam a sua belleza e encostar-se-hiam á rainha sua esposa.

Tambem os cães quando mudam de dono, lhe ladram no primeiro momento, mas acabam sempre por lamber-lhe as mãos.

A questão é que seja dono.

E, caem raios nos desertos!...

A. F.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sôphla — 57, 1.º

COIMBRA

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ha pouco mais d'um anno, numa tarde tragica de Fevereiro, dois heroicos filhos do povo, com o seu rubro sangue de plebeus, amantes até aos ultimos sacrificios, do seu paiz, na historia d'esta infeliz patria escreveram uma pagina que não mais se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Um tiro de carabina, por mão certa disparado, no mesmo leito sangrento prostrou um rei e um principe; e como se a morte — a grande mestra da vida! — mais uma vez quizesse provar que o seu gelado e funebre beijo tanto poisa sobre os aristocraticos labios reaes como sobre as lividas faces dos desherdados e dos párias, ali mesmo tambem, sobre os olhos para sempre parados dos dois martyres, desceu o somno eterno da eterna noite.

Não foi um assassinio vulgar, esse que enopou de sangue o chão do Terreiro do Paço. Os tiros que quebraram o pezado silencio d'essa tragica tarde não foram senão o echo do grito sffilitivo e estridido que sahia do peito opprimido d'uma patria inteira; e as balas que victimaram D. Carlos e o principe real foram feitas com as lagrimas crystallizadas que olhos soffredores choraram por longas e fatidicas noites, vendo partir para as terras distantes do exilio os parentes e os amigos, sem esperança talvez de os tornar a apertar nos braços carinhosos, presentindo-lhes o soffrimento, a tortura infinita de aprobecherem lentamente na immundicia das enxovias, ou cahirem, para sempre vencidos das febres des climas ardentes, sem uma unica mão amiga que os olhos lhes fechasse no ultimo momento.

Ah! não foi um assassinio vulgar, esse que enopou de sangue o chão do Terreiro do Paço.

Por isso essa tragica data nunca se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Ha pouco mais d'um anno que D. Manoel é rei. Sobre a sua cabeça, mais acostumada aos devaneios e ás doiradas fantasias das creanças, pesa agora uma corôa com sete seculos d'existencia e nas suas inexperientes e inhabeis mãos, mais acostumadas a manejar soldados de chumbo, está agora collocado o destino de cinco milhões d'almas.

Ah! o difficil officio de reinar!... Em torno da sua mocidade e em torno da sua radiosa belleza pretendeu-se crear uma atmosfera de piedosa sympathia, d'amorosa cumplicidade mesmo, e meninas hystericas, em calidas noites de perfumado luar, quanta vez não sonhavam apertar no vivo marfim dos seus braços o seu busto gentil, sorvendo na rubra flor da sua bocca real o beijo infinito e soffregio do seu primeiro amor.

Conselheiros graves e circumspectos, cuja cabeça encoaceu na ardua tarefa da politica, conhecendo a intello facilmente suggestionavel do povo portuguez, andaram em viagem triumphal — diziam — expondo o pelos quatro cantos do paiz, como — vá a comparação sem intuitos offensivos — como os bandos dos ciganos andam pelas feiras mostrando, ante o pavido olhar dos laponios, ursos domesticados e macacos que fazem habilidades.

« Reinado novo, com um rei novo e gentil... ah! decedidamente o paiz pode confiar! » E suas Excellencias por toda a parte tocavam a campainha d'este reclamo, como certos figurões que impingem, nas praças publicas, a troco d'alguns cobres, drogas avalladas, boas para tirar callos e arrancar dentes sem dor...

Ha pouco mais d'um anno que o Sr. D. Manoel é rei.

E contado, no curto espaço d'um anno os acontecimentos tem se succedido com a rapidez d'um quadro d'animatographo, destruindo uma a uma tantas promessas risonhas como o vento desliza os flocos tenuissimos da espuma. E' o augmento da lista civil, são os emprestimos ruinosos, é o esbajamento das ultimas migalhas do nosso patrimonio, é o nosso descredito no estrangeiro, são as *Espregueiricas* e a vergonha d'uma infima politica de compadres, e sobre tudo isto a fome, uivando o seu longo e funebre gemido nos desolados lares do Douro, das Beiras, do Alentejo, de toda a parte emfim.

« Reinado novo com um rei novo e gentil... ah! decedidamente o paiz pode confiar! » E o Sr. D. Manoel, para bem servir a seu povo, cerca-se de padres, reza todas as noites um comprido terço para afungentiar os espiritos mali-

gnos, confia á Divina Providencia a resolução dos mais graves negócios publicos, de tal maneira que o Paço se pode dizer transformado num convento e a monarchia encarnada no padre Mattos. Talvez uma unica vez na sua vida, D. Carlos viu o seu povo victoria lo sinceramente.

Foi quando elle se declarou abertamente contra a reacção clerical.

Pois nem essa lição se aproveitou e a monarchia do Sr. D. Manoel, com pouco mais d'um anno d'existencia, entrega se francamente, sem o mais pequeno rebuço nos braços da mais feroz e intolerante reacção religiosa, reconhecendo o mais irreductivel inimigo da luz e do progresso, porque das trevas e da estagnação moral e intellectual tira a razão unica da sua existencia.

Sherlock-Holmes.

A' tesoura

Da Palavra:

Cousa notavel: o sr. Espregueira é o ministro da fazenda mais combatido no nosso paiz, aquelle que uma grande parte da opinião reputa pernicioso e nocivo aos interesses publicos; e é, ao mesmo tempo, o ministro em que o estrangeiro tem mais confiança.

Podéra! Pois se o estrangeiro o vê trabalhar com tão boa vontade para lhe entregar o bólo!

E' claro que tem nelle toda a confiança...

Do Portugal:

Eis ahí os fructos d'essas doutrinas que diariamente vemos ahí apegoadas em toda a parte.

Eis ahí o fructo da educação sem Deus.

Isto diz Padre Mattos depois de noticiar que na Lourinhã uma fera matou o proprio pae e feriu outro individuo.

Os culpados é claro que são os republicanos, pois a elles se refere o bocadinho que recortamos.

E são estes os processos de combate daquelle jornal!

A infamia seria revoltante se não fizesse rir pelo disparate e pela estupidez.

Do Noticias de Lisboa:

Não pode dizer-se que seja merecedor de cumprimentos e felicitações o alvorecer d'uma carreira, em que um rapaz de 28 annos colloca um velho de 75 na necessidade de se bater com elle.

E' claro. O que merece cumprimentos e felicitações é o finalizar d'uma carreira em que um velho de 75 annos se colloca na situação de leilão o que ainda ha de valor no paiz de que é ministro.

Ou o homem, para arruinar a nação, não tem 75 annos?

« Talvez seja só para duello... »

Da Nação:

Nas horas em que o sentar-se no throno ou simplesmente acercar-se d'elle podia parecer uma regalia, o exilio era nobremente supportado.

Mas, agora, o caso é radicalmente outro. Viver no estrangeiro é a segurança, a quietação. Acercar-se do throno é correr para o foco do perigo.

Trata-se, é claro, de D. Miguel.

Eis explicada a razão da sua vida para Portugal.

Vem para o foco do perigo.

Mas que amor ao perigo...

Que tesural!

DE LISBOA

A questão culminante d'estes ultimos dias, foi, sem duvida alguma, o duello entre Caieiro da Matta e Espregueira. A esta hora já todo o paiz sabe o desenlace da pendencia.

As balas das pistolas não furaram o chapéo alto de nenhum dos padrinhos e foram, bondosamente, perder-se no espaço. Ainda bem. Somos avessos ás soluções violentas, quando inuteis, e repugnamos a effusão de sangue humano. Nunca fomos capazes de vêr matar uma gallinha. E' uma questão de feitto que não carece de ser justificada pois que « cada um é como Deus o fez ».

Mas, este duello suggerer-nos umas ligeiras considerações que vamos fazer, despretenciosamente.

O sr. Caieiro da Matta, num inflamado discurso e em gesto tribunicio, em plena camara, na presença dos seus collegas que enchiam o hemicyclo, das galerias apinhadas de gente e, pôde dizer-se, do paiz inteiro que, no dia seguinte, teria conhecimento das suas palavras pela imprensa, accusou o sr. ministro da fazenda de reu confesso do crime de burla, em face do Codigo Penal.

Para o sr. Caieiro o sr. Espregueira era, nem mais nem menos do que — um burlão.

O sr. Caieiro é um homem de bem, incapaz por consequencia de chamar tal coisa o ninguem sem estar, da sua veracidade, absolutamente convencido. Alem de tudo, o sr. Caieiro fallava no assumpto com mais auctoridade do que qualquer outro, pois que é professor de Direito Penal, ahí em Coimbra, na unica Faculdade de Direito que nós temos e por consequencia a primeira «competencia official» do nosso paiz, para apreciar taes questões. Convidado pelo sr. presidente a retractar-se, o illustre deputado manteve, nobremente e indefectivelmente, a sua accusação.

Para o sr. Caieiro, o ministro fôra, era e continuava a ser — um burlão.

Eu não tenho a honra de ser jurista mas creio que esta coisa de burlas é uma coisa séria, que aggravada no caso presente, pela excepcional situação do accusado, não se traduziria, positivamente, na offerta por parte da Nação ao sr. Espregueira, d'um rebuçado d'ovos, no caso de vir um dia a tornar-se efectiva a grande responsabilidade em que elle incorrerá perante a lei penal. Mas isto é o menos.

O mais, é a questão moral pois que, se por vezes a responsabilidade juridica se pode separar da responsabilidade moral, n'este caso d'um ministro, d'um homem culto, que, propositada e criminosa, desvia dinheiros confiados pelo paiz á sua guarda, para servir interesses inconscissaveis, proprios e de terceiros — as duas responsabilidades formam um todo de tal ordem, que tornam a creatura absolutamente incompativel com qualquer homem de bem.

Isto é, parece-nos, indestructivelmente assim. Nos chamados codigos d'honra pode a questão vir regulada bysantinamente. Mas, o bom senso, ou, pelo menos, o meu bom senso, e a minha consciencia — de que eu não abdicoo porque não quero — não o podem entender d'outra forma.

Pertanto, se eu como o sr. Caieiro da Matta tivesse a convicção de que o sr. Espregueira era um criminoso — e d'outra forma eu não admitto que tal se affirma — eu, depois de solememente o ter declarado — não me batia com o sr. Espregueira.

Quando muito, batia-lhe — o que é differente. «Pendencia d'honra» com um homem que eu solememente affirmára que commettera um acto deshonroso! De modo nenhum!

Esse homem só podia ter pendencias com a policia!

O seu campo d'honra era o Limoeiro.

Dir-me-hão podiam chamar á minha recusa, covardia. Isso não é razão. Positivamente, se eu amanha vir na rua um gatuno «picar» uma carteira, e o increpar com a violencia requerida, eu mesmo que o gatuno se susceptibilise e me mande desafiar, não accetto — porque não troco a minha vida pela do meliante.

O que faço é avisar as testemunhas do sujeito, se essa consideração me merecerem, por julgal-as illudidas, de que o seu constituinte é um cavalheiro que eu «vi picar uma carteira». E se ellas «re-pontarem» eu mando as sahir para que me não incomodem.

Se por esse facto alguém me sahir ao encontro no meio da rua, defendo-me conforme as circumstancias e as «minhas posses», primeiro a murro, depois a chicote, e por ultimo a tiro, — tendo previamente o cuidado de abotoar o casaco, não vá ficar na refrega, — sem carteira tambem. Depois chamo a policia e mando prender os que me atacaram. Isto é que é logico — alem de que o duello, quando é possivel, não resolve nada. O sr. Caieiro não se retractou e guarda a sua convicção, o ministro ficou como d'antes, e depois d'isto — vae cada um dos contendores jantar para sua casa, tranquillamente, tendo corrido um risco que nada justifica.

Mas... seréi eu que penso mal?

Ha outra coisa que eu não percebo e gostava que me explicassem.

O duello é ou não é prohibido por lei e severamente punido?

— E'.

Quem, mais do que ninguem, deve fazer respeitar as leis?

Os representantes da auctoridade, creada exactamente para que ella se cumpra.

Pois, meus amigos: nós tinhamos as touras, os theatros, os animatographos, as corridas de velocipedes, todas os espectaculos emfim, annunciados com hora e logar marcados.

Agora temos outro espectaculo: o duello! Annuncia-se a hora e o local,

previamente, nos jornaes. Vae para lá tanta gente como para os toiros.

— O' coisa onde vae tu?

— Vou ao duello...

— Quem se bate hoje?

— E' um ministro e um deputado, que vão para o campo da honra, porque um chamou ladrão ao outro...

— Ah!

E ainda havemos de ouvir aqui no Rocio, contractadores gritarem:

— Cá estão bilhetes para o duello...

Cadeiras numeradas para palanque... Sol ou sombra ou quem vende algum bilhete...

Timido

O Brazil moderno

IX

Dr. Francisco Pereira Passos

Ennumerando as diversas individualidades que, com o seu esforço, têm poderosamente concorrido para o extraordinario movimento evolutivo que ultimamente se tem accentuado no Brazil, não podiamos de forma alguma, deixar de traçar o perfil deste notavel engenheiro civil e importante industrial, a quem a sua patria deve inestimaveis serviços.

A sua não pequena permanencia no cargo de director da Estrada de Ferro Central do Brazil, onde desenvolveu uma intelligente actividade, reconstruindo a estação principal, inaugurando novas vias, augmentando o material rodante, reduzindo tarifas, disciplinando o pessoal, regularizando o serviço, tendo sempre em vista a commodidade do publico, seria bastante para evidenciar não só as suas raras qualidades de administrador como ainda a sua admiravel orientação technica e profissional.

Quando eleito para supremo magistrado do paiz o dr. Rodrigues Alves, acertadamente andou este, escolhendo o dr. Passos para prefeito do Districto Federal, onde então se lhe offerencia um vasto campo em que, como em nenhum outro, poderia desenvolver toda a sua actividade prodigiosa. Essa previsão não falhou.

Encontrando seguro e eficaz apoio no governo central e interpretando o sentir geral da população, concebeu o gigantesco e colossal empreendimento de reconstruir a cidade do Rio de Janeiro, plano este que, aos olhos de tantos, parecia irrealisavel, tal a somma de obstaculos que se antolhavam.

Sem hesitações, e visando apenas o fim que na sua mente delineava com firmeza, deu inicio á primeira phase do seu plano, mandando proceder ao arrazamento de morros, e ordenando, depois das devidas e justas indemnisações, a derrubada de centenas de casas e edificios, para o que poz em jogo as forças de milhares de operarios que, revezando-se, trabalhavam dia e noite ininterruptamente.

Dentro de pouco tempo, parecia que uma grande parte da cidade, fortemente abalada e attingida por um grande cataclysmo, se desmoronara, deixando a sepulta sob as suas proprias ruinas.

Feito o desentulho e realisada a remoção, começaram então os trabalhos de medição, alinhamento e reconstrução, que atacados com o mesmo vigor e dirigidos por mão de mestre, accentuavam-se dia a dia, de sorte a causar admiração áquelles mesmos que, como nós, ali tinham a sua residencia fixa, sendo portanto continua a sua observação.

No fim de um anno apenas, era inaugurado o eixo da Avenida Central, larga e extensa arteria ao centro da cidade baixa, batida pelo sol e varrida pelo ar do Oceano, e que se substituiu á santigas viellas, onde pardieiros e vetustas moradias ainda dos tempos coloniaes, alimentavam em antinham innumerous focos de immundicia e infeção que tornavam do Rio de Janeiro uma cidade inhabitavel, apesar das suas admiraveis condições naturaes de salubridade.

Mas os trabalhos foram progredindo. Novas ruas e avenidas amplas foram rasgadas; soberbos edificios obedecendo todos á architectura moderna e de estylos differentes, foram construidos; largas praças e lindos jardins appareceram profusamente disseminados; o grandioso Theatro Municipal, com o qual muito poucos da Europa rivalisaram, foi-se rapidamente erguendo dos seus profundos e solidos alicerces; as poderosas lampadas electricas succederam-se aos bisonhos candieiros de gaz, e assim proporcionalmente, de modo que, em pouco tempo, a peza-da, sombria e assustadora cidade de S. Sebastião, imperio absoluto da febre amarella, nihão de todos os microbios, lugubre necropole dos europeus, transplantada para o dominio da tradição,

deu logar a uma das mais bellas e salubres cidades do mundo, onde a prodigalidade da natureza, rivalisa com as magnificencias realisadas pela mão do homem.

E o inicio de toda essa grande obra de remodelação, deve-a o Brazil ao ex-prefeito dr. Passos, a quem, por isso mesmo, é com justiça prestado um verdadeiro culto de admiração e respeito, e de quem ha ainda muito a esperar pela sua incontestavel proficiencia e afervorado patriotismo, apesar de, ao acabar o periodo presidencial o dr. Rodrigues Alves, haver de novo convergido a sua cuidadosa attenção para a sua importantissima casa industrial, talvez, no genero, a primeira do paiz.

(A. B.)

ENSAIOS DE CRITICA

Formas de composição

II

Por variação entende-se as differentes maneiras de apresentar uma melodia sob uma forma adornada e embelezada com ornamentos de todas as especies. Mas, por mais complicadas e multiplicas que possam ser as variações devidas á imaginação do compositor, é regra que ellas sejam taes que o thema que serviu de base, a aria primitiva, se possa sempre reconhecer. Igualmente é necessario que — se num trecho variado se apresentam muitas variações successivas — cada uma se distinga por um caracter especial de ornamento que as differencie das outras.

Quando aos processos que, na pratica musical, servem para variar uma melodia, podem, dentro da grande variedade dos seguitos e usados, apresentar-se rapidamente os principaes. Ordinariamente procede-se primeiro diminuindo os valores: processo que suppõe ao mesmo tempo o emprego de notas de passagem e fragmentos de escalas ou arpejos. Desta maneira podem sobrepor-se ao rythmo principal, que não é essencialmente alterado, muitos outros rythmos accessorios diversamente combinados. O numero destas combinações é infinito, tanto mais sendo empregadas simultaneamente. Serão ainda elementos para novas variações todos os artificios de contraponto.

Tudo isto sem que a harmonia mude; pois querendo modifica-la novos effeitos se obterão; um dos mais classicos consiste em mudar de modo, passando do maior para o menor e inversamente.

Era ordinariamente ao virtuose que compelia fazer as variações, sendo, umas vezes, feitas de improviso, no momento de executar, outras não. Por isso apesar da multiplicidade apparente dos meios, a monotonia destes ornamentos era muito grande.

Mais tarde, os mestres deram-se ao trabalho de escrever as suas variações: a aria variada é uma das formas favoritas da sonata ou da symphonia de Haydn, Mozart, Beethoven. Mas, se as arias variadas dos dois primeiros Mestres, apesar da sua elegancia e ingenho, não modificam o caracter expressivo do thema, a variação beethoveniana tem um caracter absolutamente diverso. Prodigiosamente amplificada reveste o caracter de um verdadeiro desenvolvimento; tendo partido do mesmo ponto para cada variação, o grande compositor chega a dar uma expressão completamente original a cada apresentação do thema cujo sentimento se modifica incessantemente.

Este processo já tinha sido esboçado por Bach, particularmente nos coraes variados, mas só attingiu um grande desenvolvimento e perfeição com Beethoven que o empregou constantemente.

Basta citar as variações do quator 12, o *andante com variações* da sonata 12 para piano, ou o *adagio* variado da nona symphonia, para ver a differença que ha entre a variação assim entendida e a que os virtuoses praticaram — simples trabalho de applicação que apenas tem por fim espantar o ouvido com prodigios de agiltade ou mecanismo.

Um processo raras vezes empregado, se não é invenção do auctor, é o que Vincete d'Indy adpôu no poema symphonico *Istar*. Consiste em fazer ouvir as variações antes do thema de maneira que este, ao principio mal percebido, se vae progressivamente precisando até o momento em que apparece com a sua forma definitiva.

Por estas ligeiras referencias se vê a importancia desta forma que foi muito usada, tanto isoladamente, como diffundida entre outras, chegando mesmo a ser empregada para dar unidade ás *suites*, forma de composição menes, importante e de que em breve falaremos.

Triplum.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tete d'Achar Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margarida.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C., Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C., Rua FerreiraBorges

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de ve-tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armuers d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep is arrepenlem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14
Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecce impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinaes do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

D. MIGUEL

A vinda de D. Miguel para Portugal é um expediente da *clericalha* dominante, reforçando as hostes e tomando posições, com o fim de garantir o exito final da lucta em que anda empenhada contra a Liberdade e contra a Nação. Agora já não pôde haver duvidas, pois que a Reacção desmascara uma das suas baterias.

Depois da morte de D. Carlos os arbitros dos destinos do paiz são, incontestavelmente, os jesuitas. O perigo não está no Padre Mattos, porque esse é um desbocado e repugnante banaboa que tem um publico imbecil e impotente de beatas, padres sertanejos e lanzudos, e alguns androgynos de cerebro estreito e alma de laçao, com a monomania fidalga. Estamos mesmo convencidos que, se a imprensa ultramontana é essa coisa reles e tórpe que para ahí está escripta por collarejas e matoides, isso obedece exactamente a uma tactica habil de quem, por traz e na sombra, meche os cordelinhos do drama. O espirito liberal do paiz não se assusta, não se previne, não e reage, porque não vê um perigo n'aquella miseria, n'aquella baixaza que enoja e faz rir. As gentes, ostensivamente ultramontanas em Portugal, não fazem presumir que por traz d'ellas esteja um grande exercito, superiormente disciplinado, intelligentemente dirigido, tenaz, persistente, habilissimo, aguardando pacientemente um descuido do adversario, para saltar sobre elle e dominá-lo definitivamente. Os da "Palavra", o Mattos, o homem das "Folhas Soltas", quando muito se fazem suppor alguma coisa é que sejam a vanguarda d'uma manada d'onagros, vomitando baboseiras e aos coices.

Mas não é o caso. Por traz d'este rebotalho human oestá—é indubitavel!—o *jesuita*. Sim, meus senhores, o jesuita. Até ha pouco tempo o *jesuita* era para toda a gente que usa gravata ao pescoço e presume ter duas ideias na cabeça uma figura de rhetorica boa para os palurdios ou um producto de confeitaria.

Havia quem se risse d'alguns pobres diabos que tinham a mania do *jasuita*, e, por toda a parte, estavam a descobrir, agachado na sombra e prompto ao salto, o *jasuita temeroso*. Como alguns d'esses pobres, tinham, na sua inconsciencia, profundamente rasão! Foi assim pela indiferença e o septicismo de todos e com a cumplicidade da monarchia, representada para o caso por Amelia d'Orleans, que a Reacção espalhou a sua rede pelo paiz, minou-o d'um formigueiro de congregações, apoderou-se sob todas as formas da educação da mocidade, em collegios esplendidos que atrahiam a frequência dos filhos da burguezia pretensamente liberal que respondia a quem a censurava de metter os filhos n'esses coices que "tudo isso são historias, e educam-n'os bem e depois as caraminholas das rezas

desapparecem cá fóra sem custar! Desapparecem?!
Nós aqui em Coimbra sabemos o quanto isso é falso em face dos productos que nos vêm de S. Fiel e de Campolide, annualmente.

Querem um pequenino facto!
Pois ahí va: a poucos dias um do outro, enlouqueceram este mez dois infelizes rapazes com a monomania religiosa perfeitamente caracterizada n'um dos desgraçados Ha mais. Existem aqui, matriculados na Universidade, alguns estudantes, — não é um nem dois — que se ciliciam, andam de corda de nós amarrada a cintura, atiram-se a rebolar do alto de escadas, dormem no soalho, não consentem que as serventes lhes entrem nos quartos e consomem longas e interminaveis horas a mastigar resas sobre resas!

Mas nem só estes *tipos extremos* são symptomaticos. Uma parte mesmo, dos estudantes que frequentam a Universidade são — porque não dize-l'os? — reaccionarios, os que o não são em religião, são-n'o em politica, são-n'o por qualquer outra formal E d'anno para anno a percentagem augmenta. Nós aqui não fazemos, por programma, *politica academica* e podemos fallar desassombradamente como sempre.

Ha aqui creaturas que defendem o poder pessoal, o despotismo, a tyrannia e o arbitrio e para quem as conquistas do espirito humano, na lucta pela sua emancipação, são frivolidades irrisorias. Ha na nossa Universidade, entre rapazes de vinte annos, *estudantes franquistas*, estudantes que applaudem o *dictador*! Isto é extraordinario, mas é assim! Quem escreve estas linhas tem o intimo receio de que, se a obra da Reacção, na conquista das gerações futuras, poder prosequir sem obstaculo, em dez annos, teremos mudado a maneira de ser e a mentalidade da classe que exerce as profissões liberaes.

Ora quem faz esta obra?
Quem tem dirigido o extranho trabalho de *sapa* do Ultramontanismo em Portugal? O padre Mattos?!
O irrisorio estúpido, coitado! São creaturas intelligentes, astutas, habilissimas, que em Portugal estão hoje governando, manobrando na sombra. São os *jesuitas*. E, por exemplo, o director de Campolide, — o padre Gonzaga Cabral — e outros mais.

Ora essa gente precisa da monarchia para completar a sua obra. Se a monarchia lhes foge, basta que se volte á execução das leis d'Aguiar, revogadas pelo reaccionario Hintze, para que elles fiquem perdidos.
Mas a Republica, faria inicialmente e sem esforço, muito mais, — separando, por exemplo, a Egreja do Estado, garantindo a egualdade de cultos perante a lei, a liberdade de manifestação religiosa, — sem a qual a "liberdade de consciencia", da Carta é uma burla, — laicizando o ensino, e, sobretudo, contrapondo

á obra clerical, a obra de instrução, de educação, de liberdade, que só é possivel dentro das formulas politicas democraticas. Ora isso era a morte do clericalismo e por isso *elles* odeiam a Republica e como a successão monarchica seja apenas hoje uma probabilidade fallivel, que venha D. Miguel, — que não *renuncia* mas apenas se abstem dos seus *direitos á coroa* — para prevenir qualquer hypothese e ser, ao mesmo tempo, o nucleo, o fulcro, o centro d'acção do Ultramontanismo!

O que farão os monarchicos liberaes do paiz? Deixarão reconstituir-se, com uma tolerancia criminosa, aquella sociedade, que, pelo menos, perdeu o poder, com a convenção d'Evora-Monte, e a que só o constitucionalismo burlão e fradesco dos Braganças reinantes, tem emprestado força e deixado medrar, — ou, percebendo a cilada, defenderão a Liberdade ameaçada e o que resta da obra dos nossos ingenhos mas bem intencionados avós? As prisões d'Almeida, a força, Telles Jordão, o exilio, o confisco de bens, os assassinatos covardissimos praticados contra os liberaes, tudo isso se desvaneceu, tudo esqueceu?

Receamos bem que elles, os politicos da Monarchia, o tenham, esquecido, mas o povo é já outro, o tempo outro é tambem e, com um e outro, nós contamos.

João Fernandes Costa

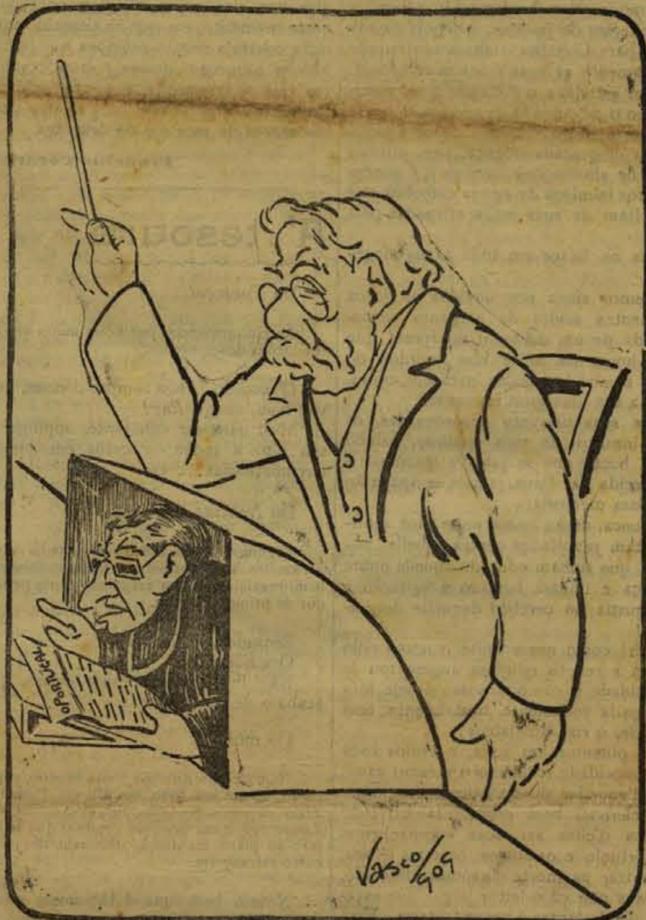
Ante-hontem, pelas quatro horas da tarde, fomos dolorosamente surpreendidos pela noticia de que este nosso querido camarada e amigo, fóra victima dum desastre, na occasião em que, ao que parece, examinava um revolver que se disparou indo a bala alojarse-lhe no craneo. No primeiro momento, no entanto, não calculámos a gravidade pavorosa do facto e tratámos de nos informar.

Era infelizmente verdade. João Fernandes Costa, fóra transportado de sua casa para o hospital afim de se tentar uma intervenção cirurgica melindrosissima e os amigos communs a quem nos dirigimos tiraram-nos logo toda a esperança de nos restava. O nosso desgraçado amigo estava irremediavelmente perdido e na madrugada d'hontem exalava o ultimo suspiro, deixando a sua familia extremosissima presa da mais crueante das dores humanas, e os seus camaradas consternados e aflictos.

João Fernandes Costa, era um rapaz extremamente sympathico, physionomia expressiva e insinuante que captivava todos que, de perto, o conheciam. Dotado d'uma bondade enorme tinha innumeros amigos entre os seus camaradas de estudo. Pode affirmar-se que o malogrado moço só contava dedicções e sympathias — e a vivacidade, a espontaneidade da sua intelligencia, a communicativa suggestão do seu espirito, davam o direito de suppor a quem com elle privava que estava ali uma promessa radiosa de futuro. E tudo isto foi brutalmente, barbaramente ceifado por uma fatalidade inesperada! Pobre amigo! desgraçado camarada! Pela nossa magoa profundissima, pela desolação em que nós todos ficámos, podemos nós avaliar a angustia inenarravel, a dor immensa que a palavra humana se nega a traduzir, que neste momento deve esmagar o coração de seus paes e de seus irmaos.

Todas as palavras de conforto que nós d'aqui, lhes poderemos dirigir nada poderiam significar e em nada attenuariam a enormidade d'aquella afflicção.

OPERA BUFFA



O maestro e o ponto

Lá fomos hontem em piedosa romagem, acompanhar o cadaver do desditoso moço, até ao cemiterio de Santo Antonio dos Olivaeas. A grande quantidade d'estudantes que se incorporaram no imponente prestito provaram, á saciedade o que acima escrevemos — que o nosso amigo gosava entre os seus camaradas d'uma privilegiada situação de sympathia. E lá o deixamos no seu jazigo, a um fim de tarde, já tocado da graça e do encanto da primavera nascente, aquella outra primavera que tão tragicamente se extinguiu.

O Centro Republicano Academico, de que o fallecido era socio, depoz sobre o feretro uma corôa e grande numero de estudantes n'elle inscriptos acompanharam o cadaver até ao cemiterio. Outras corôas da Commissão Municipal e Commissions Parochias Republicanas, do Centro Fernandes Costa e de todos os cursos do lyceu, cobriram a carreta que transportava o corpo.

A "Revolta", fez-se representar por toda a sua redacção — e, á familia enlutada, envia a sincera expressão do seu profundissimo pesar.

Factos e Commentarios

Registo

Do Ex.º Sr. Manoel Marques Ferreira recebemos um folheto em prosa e verso intitulado *Grito de Revolta*.

São 16 paginas de verdadeiro e justo ataque á actual situação politica do paiz, cuja unica solução é a inadiavel proclamação da Republica.

Vende-se ao preço de 60 reis e todos os pedidos devem ser feitos ao sr. Armando Magalhães, Rua de Serralves 566 — Porto.

Ao sr. Marques Ferreira agradecemos o exemplar que teve a gentileza de nos offerecer.

Horriavel crime

«A misera, ao desatino N'aquella scena de horrores, Fustiga o vil assassino Co'o ramo gentil de flôres!

Logo apoz, olhos de assombro Erguendo a vér o que seja, Vê d'arma fincada ao hombro Monstro que os filhos lhe alveja,

— «Oh! Não! Não! Que atroz maldade!
«Se já matastes o Paé!
«Os Filhos, por caridade,
«Meus Filhos, orphãos, poupae.

O troar de arma de fogo Responde ás vozes da Mãe, E tomba um dos Filhos logo, Esphacelado tambem!

Está o leitor a pensar que isto é um bocadinho d'uma d'essas historias rimadas de *horriavel crime* que por ahí se vendem ao povo das aldeias, não é verdade?

Pois fique sabendo que é obra de um official de engenharia a quem deu para prantear em verso o dia 1 de fevereiro, como diz o *Portugal*, d'onde recortamos a preciosidade.

Emfim, a lagrima é livre e a asneira tambem...

As canastras

Conta-se que as *canastras* de Lisboa já estão sendo ensaiadas pelo rufião do Mattos, do tal, para irem para a Torre de S. Juliao, cantar o hymno patriótico de D. Miguel, mal chegue á barra o vapor que o conduz.

Para as *canastras* que desejarem assistir á chegada e não possam comparecer aos ensaios, aqui lhe damos a quadra do hymno:

D. Miguel chegou á barra, Padre Mattos lhe deu a mão. Anda cá filho da... minh'alma, Filho do meu coração!

P. Mattos

Educação Religiosa

Dois factos da maior gravidade tiveram lugar a semana passada, e para os quaes julgamos absolutamente necessario chamar a attenção daquelles homens que, não desiludidos ainda da salvação desta pobre patria portugueza, á custa de tudo procuram conquistar-lhe um futuro cheio de felicidade que a faça esquecer das desgraças presentes e dos crimes passados.

Acabam de endoidecer nesta cidade de Coimbra dois estudantes, e o caso seria banal, embora para lamentar, se ambos elles não tivessem como causa fundamental da sua desgraça a educação religiosa.

Ambos elles, haviam sido educados em collegios de jesuitas, e depois da sua vinda para Coimbra, tinham continuado assiduamente as suas praticas religiosas.

Um estudava o 7.º anno dos lyceus, o outro o 2.º anno de medicina.

Um e outro nos momentos agudos da sua desgraçada doença, sam vitimas ainda de alucinações misticas e é contra supostos inimigos da igreja catholica que se voltam as suas mãos crispadas pela dor.

Eis os factos em toda a sua singularidade.

Temos ainda nos ouvidos os gritos lancinantes saídos da garganta enrouquecida de um delles, o do lyceu, que altas horas da noite nos acordou do nosso somno tranquillo para nos comunicar a sua amargura immensa.

As suas palavras desordenadas, os seus insultos, as suas supplicas, saindo duma bocca que se julgava inspirada e fortalecida por Deus, jamais se apagarão da nossa memoria.

Nunca, como nessa noite, nos sentimos tam revoltados contra aquelles homens que tinham educado aquella pobre creança e tinham lançado a agitação e a angustia no cerebro daquelle desgraçado!

Ah! como nessa noite o nosso odio contra a reacção religiosa augmentou de intensidade e como o nosso desejo fora esmagar-la rudemente, brutalmente, sem piedade, o riso nos labios!

E olhamos em roda, e vimos toda uma mocidade trilhando o mesmo caminho d'aquellas duas victimas da educação clerical, bem pronto, talvez, indo muitos d'elles ser seus companheiros d'infortunio e os outros, os mais felizes, encontrar na morte o repouso desejado.

Mas não vá o leitor julgar que estamos dando largas á nossa fantasia. Esta é infelizmente a verdade. Sim, porque neste anno que vai correndo, o anno de 1909, muitos annos volvidos depois da Revolução Franceza e das descobertas de Lavoisier, ha em Coimbra rapazes com menos de 25 annos, estudantes de sciencias sociaes, naturaes e medicas, que passam as melhores horas do seu dia a ciliarem-se e a rezar o terço!

Não acredita o leitor! Pois é simplesmente a verdade.

E os males que d'aqui resultam são maiores do que á primeira vista parece.

Este estranho misticismo, signal evidente de degenerescencia mental, é quasi sempre acompanhado do horror pela mulher e pela familia, e do consequente onanismo.

Conhecemos ahi muitos rapazes em cujos quartos não entrou jamais um riso de mulher e se alguma de sangue mais quente tenta aproximar-se d'elles, atrahida talvez pela tristeza dos seus olhos cavados, logo elles tratam de as afastar rudemente, ameaçadoramente.

Aos vinte annos que tristeza! Dum sabemos nós que não consente que a mãe ou a irmã o beijem, quando vai a casa nas terças, porque nos beijos d'ella elle vê apenas lubricidade, o canalha!

E ao ve los passar, envoltos nas suas capas negras, muito pallidos e muito tristes, os olhos fundos, parados e sem brilho, sem um gesto de alegria ou de vida que traia a sua idade juvenil em que é costume viver cantando e amando, nos lemos nas suas frentes caidas a marca da casa que os educou e lhes tirou a vontade e a alegria.

Aos vinte annos e já velhos!

Pobres victimas!

Atirados de pequenos para o collegio, ao chegarem á idade em que um vago desejo da mulher os perturba, e o seu espirito deseja abrir-se francamente ao sonho, não encontram para a sua satisfação, mais do que os vicios repugnantes que os proprios professores lhe inculcam, e a adoração mística da Virgem.

Vindos para Coimbra, vigiados de perto pelos representantes dos seus pri-

meiros educadores e encontrando organisadas dentro da academia as forças clericas, hade ser difficil que um d'elles consiga escapar-se-lhes da rede e libertar-se, para sempre, das suas garras esmagadoras.

Ah! mas é preciso que se oponha um dique invencivel a esta corrente de desvario.

Não se deve continuar a permitir que se mutilem intelligencias e se aniquilem vontades nas fabricas de loucos e de monstros que sam essas casas de ensino religioso, sob pena de não podermos evitar a derrocada que se avizinha para a nossa pobre raça e para o nosso desgraçado paiz.

É um apelo angustiado que neste momento dirigimos aos liberaes portuguezes para que pousem os olhos no que vai por esses collegios, para que neste momento, em que se desenha uma lucta contra a reacção religiosa e politica, não se esqueçam dessas pobres creaturas que a ignorancia e a cumplicidade de muitos paes atiram para dentro desses antros de morte e de desgraça.

Francino Corare

A' tesoura

Do Portugal:

As circumstancias justificam muita vez as resoluções desesperadas.

D'accordo. Diga sempre d'essas, que vai bem, amigo Ruy!

Mas, para ser coerente, applique o seu dito a todos os casos em que as circumstancias... etc.

Do Noticias de Lisboa:

Seguiu-se-lhe o illustre deputado o sr. Alexandre Albuquerque que fallou muitissimo bem, revelando-se um estudioso e um pensador de primeira ordem.

Pensador, o Xandre?! Ora adeus... Não lhe chamem essas coisas, que acabam de o estragar!

Do mesmo:

Na collecção Antonio Maria Pereira, appareceu agora um livro de Alberto Pimentel *Fitas de animalographo*, de que damos em *Livros novos*, um gracioso capitulo que se refere ao piano, instituição universal, tão nossa como estrangeira.

Notem bem que é tão nossa como estrangeira a tal instituição universal.

Não haja enganoso. E' tão explicito que até parece do Mestre!

GAZETILHA

P'ra pagar certos favores, E por mandado divino, Carregaram de louvôres E metteram um menino Na assembleia dos doutores.

Era justo dar-lhe entrada A elle que bem mostrou Por maneira assignalada Que a estorço se não poupou Para a greve ser lurada.

Para as folhas predilectas, Com suprema gravidade Fez cartas com muitas tretas, Elle que estava na idade De apenas fazer... gazetas.

Tambem outros apanhavam A devida recompensa Por aquelles que chamaram. Os mestres deram licença E os *chumbos* lá se acabaram.

E agora ao vê-lo rosado Como a maçã camoeza E de capello envergado, Volto os olhos com tristeza P'ra um collega desprezado.

Pois é bem extraordinario Que ao desgraçado cabreiro Que teve o triste fadario De pôr a cabra em berreiro Nem o façam secretario.

Dr. Loria

Dr. Fausto de Quadros

Abriu escriptorio de advogado na rua da Sophia 57, o nosso illustre correligionario Dr. Fausto de Quadros.

Desejamos-lhe muita e boa clientela.

QUESTÃO FECHADA

Um dissidente n' «A Revolta»

Palavras perdidas

Palavras perdidas são estas para uma alma pequena. Sensação de espanto, de dó e de magua, mas de sabor agradável e cruel, me causou o seu artigo sr. Carneiro Franco! Pequeno, mesquinho alcance o daquelle que agora me responde desabidamente, com o rancor a saltar de cada palavra, como o faria o mais intransigente, o mais feroz nacionalista. Não responde assim uma intelligencia lucida, não devia responder assim um republicano! Empregar na defeza os mesmos meios que empregam os nacionalistas — repare que ponho nesta palavra o mais baixo conceito — é descer da dignidade que o partido republicano sempre gostou de vêr nos seus membros, e aprego sempre que todos possuem.

Que sentimento enorme de piedade se apoderou de mim quando agora descobri que aquelle rapaz meu condiscipulo que faz a entrada na aula abanando a sua *uba* — *symbolo das suas ideias* — um grande gesto de independencia escolar, esse rapaz que nós vemos querer descobrir em si a veia oratoria nos comicios republicanos, não contem no fundo mais do que o odio proprio dos reacconarios por todos aquelles que o atacam.

Descobriu-se no sr. Carneiro Franco uma synthese do Padre Mattos!

O Padre Mattos é a concretisação do odio dos reacconarios; o sr. Carneiro Franco quer ser a concretisação do odio do seu partido. Se o conhecido Padre é considerado por todo o portuguez digno da sua patria com uma alma, ... como quer que eu o considere a si, sr. C. Franco?

Sr. Ramada Curto cautela! não consinta que desabroche nessa redacção o cacto maldito! Por piedade sr. Carneiro Franco, corra para o partido nacionalista, offereça-lhe os seus serviços porque aquellas qualidades que agora evidenciou vam levantar entre si e o nefando Padre uma rivalidade só util, ao passo que a sua permanencia no partido que pretende honrar cobriria de vergonha aquelles que agora, tam illudidamente, o consideram como collega. Sentirei nesse dia um grande prazer: uma amputação necessaria no partido republicano, e uma vergontea robusta e promettedora no covil do Padre Mattos. Não devia responder-me assim, sr. Carneiro Franco. Como se comprehende de o tenha magado a minha affirmacão de que não assimila a luz que lhe lança S. H.? Não diz o sr. no seu artigo, que muito o considera? Considerar-se offendido indica nada menos do que a sua falta absoluta de sinceridade. Quando nós, os sinceros, consideramos a quem, orgulho sentimos sempre em ouvir uma affirmacão como a minha, pois é mais um preito de homenagem aquelles que estimamos. O simples facto da nossa consideração por alguém abrange, como consequencia, o reconhecimento pela nossa parte de merecimentos nesse individuo superior aos nossos, pois não nasce a consideração por aquelles que julgamos inferiores e os eguaes passam-nos desapercibidos.

Que falta de coherencia a sua, sr. Carneiro Franco! Magoar-se com esta affirmacão e com o conselho com que termino o meu pseudo, diz o sr. Carneiro Franco, artigo, confesso que é uma leviandade! *O outro, sim, o outro, — o S. H.* — não se magou e, á parte umas ironias leves que o sr. Carneiro Franco não pode conceber, o seu artigo é bem digno d'elle e não uma copia do breviario do Padre Mattos. Não temos pretensões a fidalgos, alguém dos meus aqui bem alto o disse ha pouco, mas mesmo que eu as tivesse, como o sr. C. Franco o diz, nunca insultaria ninguém porque o insulto é a arma dos fracos, é a arma das intelligencias curtas, é a arma dos... nacionalistas.

Escrevo debaixo da desillusão profunda que, sobre o seu character, as palavras que escreveu me causaram.

A minha profissão de fé dissidente não é uma renegação da affirmacão de «republicano de gabinete» que o sr. C. Franco pretende ter-me ouvido.

Nunca até hoje fiz a mais leve affirmacão publica de principios partidarios, e o que eu disse nessa reunião da academia pode bem sabe lo quem quiser lêr a correspondencia de Coimbra para o «Diario de Noticias» de 12 de fevereiro de 1906. Vá ler esse numero com attenção, e diga-me depois, arrancando a volta e despidendo a batina, se não é falsa a afir-

mação que faz. Não horam nada o seu character, sr. C. F., os meios com que me combate, e eu sinto-me triste, muito triste, muitissimo triste em ter inconscientemente concorrido para fazer cahir a mascara que agora com certeza ha-de pretender esconder, pois lhe falta o cynismo necessario para, perante aquelles mesmos que a viram cahir, a afivelar novamente. Agora um conselho se o permite, sr. C. F.: Não esereva, falle antes em comicios porque pode ser mais util do que tentando insultar: o insulto é a espada dos cobardes. Lembre-se de que o seu partido nunca se serve desses meios, e ao rancor que os reacconarios lhe mostram responde serenamente, imperturbavel, como um forte.

Neste artigo sereno não queira vêr uma fraquês: a primeira condição da victoria é a serenidade.

Tenha mão nos seus nervos sr. C. F., poupe-me ás suas iras e acredite que, se para isso precisar de algumas gottas do mau vinho que do Egypto unicamente trouxe nas *minhas bagagens* lhas offereço de boa vontade: dar de beber a quem tem sede é uma obra de misericordia.

Homem ao mar! Homem ao mar! Timoneiro lança-lhe a boia, o brevariario do padre Mattos.

Considerações uteis

Não me admira, sr. S. Holmes, ter lido no seu artigo as considerações que faz e, deixe-me dizer-lhe, que ellas o honram como republicano pois confessar ser possivel uma monarchia com os partidos liberaes e os dissidentes constituem todos esses partidos — equivaleria a admitir uma salvação com a monarchia e isso foi sempre um principio com o qual os srs. nunca poderam concordar. Combatem os srs. com denodado esforço, e têm-me nesse ponto absolutamente a seu lado, os velhos erros da monarchia e aquelles que ainda hoje os velhos partidos historicos vao cynicamente commentando cegos aos ensinamentos do passado, e surdos ao renascer de energias temperadas no bem que, com equal intensidade, os erros feitos fazem nascer nas varias camadas da nossa desgraçada população. Bem sei: foram grandes os erros e deve ser enorme a expiação!

Todos nós, portuguezes, temos a obrigação, tam querida como a mais querida obrigação familiar, de conjugar os nossos esforços para minorarmos os sofrimentos da nossa patria, isto é, os nossos proprios soffrimentos que mais tarde haviam de ser os espinhos de nossos filhos.

Compete-nos fazer isto rapidamente, energeticamente, sem esticões violentos, numa evlução constante mas serena para conseguir que um dia o povo portuguez possa acordar com os pulsos livres, apto a travar com o mundo um combate tremendo que lhe traga como recompensa o logar que as prodigalidades regias e a ganancia dos fidalgos lhes fizeram perder vae para trezentos annos!

O somno que o povo portuguez dorme é tam profundo que por cima d'elle se têm dançado as quadrilhas mais macabras sem que o menor acto de consciencia se manifeste, e a bestialidade em que elle o fez já cahir é tam característica que todo aquelle que o quer acordar, ou para a sua salvação, ou para assistir á sua morte, é derrubado em impetos de furor. Quizeram os republicanos accorda-lo para o salvar; quiz João Franco accorda-lo para o matar, e ambos foram vencidos sem distinguir o salvador do carrasco! Os primeiros tiveram a derrota do Porto; o segundo teve o drama do Terreiro do Paço.

E' por isto, sr. S. Holmes, que eu entendo necessario, util e possivel uma monarchia liberal. Para isso devem-se exigir duas condições: afastamento dos culpados, afastamento dos reacconarios.

Os velhos partidos, aquelles que em Portugal durante tantos e tam infastos annos espalharam a corrupção no nosso povo, esses sam inaproveitaveis; os seus membros só podem e devem entrar num ministerio verdadeiramente liberal liquidados perante as camaras e perante a opinião publica a responsabilidade que tiveram nos erros do passado.

A monarchia liberal é possivel assim, e é assim que os dissidentes a querem

realisar. Ligaram-se agora com os partidarios do sr. Vilhena como outrora com os srs., os republicanos, estiveram ligados, e a concordancia de muitos principios que então claramente se mostrou ainda nesta sessão não foi negada. Realizada a monarchia liberal duas hypotheses se apresentam aos srs.: ou essa monarchia é viavel, ou cabe levando consigo aquelles que a fundaram. No primeiro caso realisaram os srs. sem revoluções e sem sangue a quasi totalidade do seu programma; no segundo alcançaram o poder espantosamente serenos, com a convicção absoluta de que tinha chegado esse momento. A monarchia liberal é possivel nas condições que indico pois o povo não torna a adormecer. Narcoticos já os não quer, e desgraçada della se os tenta um dia empregar! O povo já não se adormece e mesmo tentar embala-lo um louco o pensaria. Hoje não é a opinião publica dirigida pelos partidos conservadores, mas sim pela imprensa liberal e republicana não sendo o ministerio que indica ao povo como deve pensar, mas sim o povo que indica ao ministerio como deve sentir. Falla-se ao governo como os deputados dissidentes estam fallando ao ministro Espregueira.

Cahiram os ministerios José Luciano, Hintze Ribeiro e João Franco porque quizeram amordaçar o povo e, se o ministerio Amaral cahiu por combinações de camarilha politica, repare-se como a reacção está dando e como o povo e as camaras fiscalisaram os actos do seu successor. A monarchia liberal constituída e cumprida a missão do governo a quem ella se entregar, faz dar ao paiz um passo para o bem de todos e os srs., os republicanos, devem felicitar-se porque tanto como nós o bem da patria querem. Defendendo a organização assim duma monarchia liberal pois para ella se constituir não é preciso abrir os quartéis e lançar cá para fóra, no mesmo impeto sanguinario, soldados e officiaes de alma tam baixa que consideram de suprema ventura mergulhar a espada até aos copos no corpo doentio do nosso povo, não lhes impedindo os salpicos quentes de sangue de abraçar a esposa que não teme, que se não indigna. Acredite sr. S. Holmes que eu, se entendesse precisar da monarchia liberal um momento, um minuto que fosse, ao auxilio destes officiaes e soldados deshonrados não viria fazer as affirmacões que leu mas sim collocar-me-hia no seu partido abertamente. Diz muito bem que se não governa por detraz dum ranque de bayonetas, que se não governa com o *knout* na mão; chicotear o povo é chicotear a nossa familia, é chicotear o nosso sangue e só um canalha, um canalha maldito, tem coragem para rasgar a carne já tam martyrisada do nosso pobre e querido povo, sentindo prazer em se salpicar de sangue.

O amor da patria é o amor do portuguez pelo portuguez, e arrancar do coração essa ilôr com as bayonetas dos soldados é, sr. S. Holmes, — concorde plenamente — a maior prova que os dirigentes nos podem dar do seu desejo sincero de aniquilação. Constituída algum dia commosso a monarchia liberal nunca, sr. S. Holmes, o sangue portuguez manchará as bayonetas — não é a força que deve impor-se, é o direito que deve vencer. — A monarchia absoluta teve já a sua epoca e não é agora, quando a Turquia se orgulha com o seu parlamento e a Persia conquista uma constituição, que Portugal, o glorioso Portugal doutros tempos, aquelle que sustentou o mestre de Aviz, que expulsou a duquesa de Mantua, fez a revolução de 20 e toda a gloriosa epopeia liberal ha-de dar ao mundo o espectáculo triste da renegação da liberdade. Vam longe os tempos dos duques de Alcudia, dos generaes Serrano e Marfosi; — hoje os favoritismos só se recebem do povo. A monarchia liberal ha-de vir e o povo se a não quiser que a derrube, porque não porá ella de permeio as boccas dos canhões: — o povo é soberano e quando elle manda todo o bom portuguez obdece.

O povo quer a paz necessaria para o trabalho, quer ter a certeza de receber em beneficios os impostos que paga, quer um domicilio respeitado, um lar inviolavel e abençoará aquelles que, em nome dum rei liberal, ou em nome dum presidente de Republica, lhe dêem o socego porque ha tanto anseia. E é um portuguez, um verdadeiro portuguez, que preside aos nossos destinos que importa ser elle o rei desde que exista um entranhado amor á patria? Não é esse amor que faz os bons dirigentes sejam elles um Victor Manuel, um Eduardo VII, um Roosevelt, um Fallières? A monarchia liberal italiana e a monarchia liberal inglesa vivem; porque não ha-de viver uma monarchia liberal portugueza? Não

existe na Italia e na Inglaterra uma opinião publica mais avançada e consciente do que a nossa e resistem com honra, sem a menor violencia, essas monarchias? Os dissidentes põem mais alto a sua honra do que o sr. Espregueira, e já mais consentiriam a seu lado alguém a quem a multidão numa só voz chama—ladrao Deixem-me terminar, sr. S. Holmes, dizendo que lastimo não poder conhecer o seu nome pois me permitiria, se não fosse possível ter relações pessoais, ficar conhecendo alguém com o qual lealmente, de vizeira cahida como o sr. diz, nos é possível combater.

Agrada-me sempre encontrar um adversário que, com serenidade e com firmeza continua defendendo as ideias que uma vez expoz, e que a liça abriam, não a largando para obrigar a penna a traçar um perfil como agora o sr. C. Franco de si proprio traçou.

Jose d'Alpoim Napoles Manuel

Meu caro Ramada

Ahi vai o artigo do sr. Alpoim Manoel que tiveste a amabilidade de me mandar para eu ler, perguntando-me ao mesmo tempo se elle deve ser publicado visto o seu auctor tentar apenas fazer um ataque á minha pessoa, o que em nada pode interessar os leitores de *A Revolta*. Publica-o, peço-te. Elle é a minha melhor defeza e a prova de tudo quanto eu disse a respeito das qualidades do sr. Alpoim Manoel no meu ultimo artigo.

E' por isso que eu não tomo a serio as insinuações que elle pretende fazer ao meu caracter que até hoje não me deixa ficar mal em parte alguma, e seria absolutamente incoerente dando-lhe a honra de o tomar a serio, eu que dei-xei de lhe fallar depois da questão academica por o julgar indigno da minha consideração.

A questão tomou um caracter pessoal e está já fora da inlote de *A Revolta*. Por isso te não quero roubar mais espaço.

Teu

Carneiro Franco

Meu caro Ramada

O Sr. José d'Alpoim Napoles Manuel de novo descarregou sobre mim o pezo do golpe da acha d'armas da sua prosa.

Embora muito agradável me fosse continuar uma discussão sobre todos os pontos de vista interessante e até necessaria, visto ser essa discussão que, como já uma vez disse, em dois campos perfeitamente distinctos divide a actual sociedade portuguesa e a dinamiza, o certo é que o Sr. Manuel não me offerece campo para terçar armas.

Julgá o Sr. Manuel possivel uma monarchia liberal, pela fantastica razão de que a monarchia tem sido até agora má e porque as monarchias inglesa e italiana se têm mantido dentro dos limites dos seus programmas liberaes.

Pondo de parte, para a realização do seu ideal, os velhos partidos historicos que o Sr. Manuel confessa os principaes responsaveis da nossa mais que precaria situação e com um dos quaes, para a escala do poder, o Sr. Alpoim se aliou agora, esquece-se o Sr. Manuel lamentavelmente de que nem os dissidentes tem força propria para dentro da monarchia effectivar o seu programma, nem o meio português em coisa alguma se pode equiparar ao inglês e italiano.

Assim, nada mais me resta do que penhorado agradecer-te a promptidão com que, como director, puzeste as columnas do nosso modesto mas querido jornal ao dispor da minha desastaviada prosa.

E visto o Sr. Manuel parecer te interesse em me conhecer podés dizer que o Sherlock-Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um Rebelde» é o Teu velho e dedicado amigo

João Garrato

Abriamos a liça, compete-nos fecha-la. A questão, pelas cartas de Scherlok Holmes e de Carneiro Franco está, *ipso facto* liquidada, visto estes nossos camaradas desistirem do pleito. Como h'spede acolhemos o sr. Alpoim, como acolheremos qualquer que se nos dirija—lealmente. Relativamente ao nosso camarada Carneiro Franco revestiu a controversia um ar de agressão pessoal e de hostilidade que, absolutamente nos collocava ao abrigo da suspeita de parcialismo, se, n'esse pé, lhe tivéssemos recusado seguimentos ou mesmo inicio.

Mas emfim... *tout est bien qui finit bien!*
E o sr. Alpoim, nosso adversario, saiu da contenda, pelo visto, com todas as honras da guerra.
—Arauto! abra a liça! Toquem trombetas!... Tá tá tá... tá tá tá...
... tá tá tá tá tá...
R. C.

Annel do Nibelung

Nas vespuras da representação da *Tetralogia*, que tão grande interesse tem despertado, achamos de utilidade publicar o capitulo «Para a intelligencia do poema de Wagner», do esplendido livro de critica de Hans voe Wolzogen.

Inserimos hoje a primeira parte desse capitulo que no proximo numero concluirá.

A's mães cuidadasas recomendamos o *Vermifugo Faria*, infallivel na expulsão de lombrigas.

O Brazil moderno

X

Dr. Ruy Barbosa

Com este perfil que modestamente vamos traçar, terminamos a serie de artigos que nos propuzemos fazer sem a menor pretensão e com o fim unico de, como no primeiro accentuamos, tão somente vulgarisarmos alguns conhecimentos acerca do Brazil actual.

A modestia de estilo, a simplicidade da forma, a exposição synthetica e resumida, a imparcialidade na apreciação, e a escolha de alguns assumptos principaes, foram tambem o objectivo que tivemos em vista, para que, os que nenhuns conhecimentos possuem d'esse admiravel paiz ou d'elle têm uma falsa idea, podessem, embora superficialmente, adquirir uma ligeira mas verdadeira noção do progresso sempre crescente d'essa nacionalidade, progresso esse que, sem duvida alguma, começou a accentuar-se depois de implantado ali o regimen republicano.

Não é isto uma simples afirmativa que encontre a sua origem no nosso espirito de partidario, mas pura e simplesmente um facto genuinamente verdadeiro, que resalta das paginas da historia contemporanea, facto palpavel e frisantissimo que, pela sua concretisação, destrõe, aniquila e pulverisa por completo, qualquer argumento sophistico, que se proponha contrarial-o.

Os proprios monarchicos brazileiros, reduzidos hoje a um numero limitadissimo, não osam de modo algum contestar a marcha evolutiva do seu paiz, feita a passos agigantados, determinada e produzida pela orientação do novo regimen, comquanto o seu estabelecimento date ainda de epocha tão recente.

Até lá, o paiz, embora naturalmente riquissimo, achava-se mergulhado n'uma apathia propria dos povos latinos submettidos ao regimen illogico da monarchia, onde a iniciativa não existe, os melhores estímulos fallecem, e onde só e sempre vingam, predominam e se effectivam as ruinosas aspirações das classes privilegiadas, fataes vampiros que somente cuidam e tratam de se encher á custa do Erario publico, alimentado pelo ouro que se escóe das mãos callosas e doridas pelo trabalho, do povo tyrannizado e embrutecido.

E esse estado de coisas, tão propicio e agradável era á classe dos conservadores que estes, na sua cegueira de ambiciosos, no seu carrancismo de obsecados, e na sua basofia de auctoritarios, estavam perfeitamente convencidos de que o maná jamais se lhes acabaria, porquanto o povo sufficientemente entorpecido e fortemente subjugado, nunca se animaria a reagir.

Basta lembrar as palavras proferidas pouco tempo antes da Proclamação da Republica, pelo então presidente do conselho Visconde de Ouro Preto, quando se apresentou á Camara dos Deputados e se referiu aos republicanos: «Onde estão? Cresçam e appareçam».

Felizmente porem, appareceram pouco tempo depois, e com mão firme e animo decidido, expurgaram e extirparam do paiz o cancro que o minava e corroia, sugando-lhe as forças vivas, anemizando-o e corrompendo-o.

Foi proeminentemente n'esse glorioso e memoravel movimento, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, a cabeça organisadora da revolução, notavel matematico, illustre tenente-coronel do exercito e abalisado lente da Escola Militar, tendo como braço executor o marechal

Manoel Deodoro da Fonseca, um dos heroes da celebre campanha do Paragnay. Este ultimo, constituido então o *governo provisório*, foi nomeado seu chefe, fazendo parte do referido governo, entre outros, como ministro da fazenda, — Ruy Barbosa, — o illustre bahiano, com justiça denominado: — *A primeira cabeça da America do Sul*, — com cujo esboço rapido, pretendemos fechar o presente artigo.

Republicano historico, sabio jurisconsulto, publicista de pulso, e possuindo uma cerebração maravilhosamente organisaada, Ruy Barbosa contribuiu alta e poderosamente para o advento do regimen democratico, em cuja propaganda evidenciou tambem todo o seu elevado patriotismo.

Desde então e mais do que nunca, a sua acção na politica, quer ella se exercesse no Senado Federal, onde já occupou uma cadeira como representante do Estado da Bahia, quer na imprensa, quer em qualquer outro campo em que a sua actividade intellectual se possa manifestar, tem demonstrado exuberantemente todo o seu extraordinario valor e toda a sua incontestavel competencia.

Ainda não ha muito que, escolhido e convidado pelo governo actual, para ir desempenhar o pesado encargo e honrosa missao de representar o seu paiz no ultimo Congresso de Haya, ali patenteou, como ninguem, uma solida orientação e um fino politico, associados a uma vastissima e descommunal erudição, predicaes estes que, em tão selecto meio, o collocaram em plano superior.

Foi como que o astro-rei, luzentissimo sol, no meio d'aquella constellação de eruditos e doutos.

As scintillações do seu espirito e as fulgurações do seu talento, jamais deixaram de sobresahir intensamente no meio de tanto brilho irradiado d'aquella apuradissima assembléa, que, salvo rarissimas excepções, não era mais do que a expressão synthetica das maiores sumidades dos diferentes paizes, que ali se fizeram representar.

Vultos d'uma tal grandeza, nobilitam e houram uma patria.

Quando ministro da fazenda, cuja pasta occupou, como dissemos, no *governo provisório*, em 1889, alem da intelligente direcção que sobre imprimir aos negocios que lhe estavam affectos, revelou igualmente uma probidade a toda a prova, incompativel com os pequenos *esterqueiras* que, no tempo da monarchia, tambem por lá medravam, e que a saneadora pá da democracia, varreu para o lixo das coisas despreziveis.

Ruy Barbosa, que hoje é um vulto universalmente conhecido, tem sido devidamente apreciado e cuidadosamente estudado por uma grande parte da imprensa estrangeira, encarando-o já como estadista, jurisconsulto e publicista, já como caracter inconcusso, de modo a não ser levado á conta de excesso, o que tão imparcialmente vimos affirmando.

Ainda ha pouco que o illustre democrata e nosso patriota dr. Cunha e Costa, que tambem como nós, permaneceu durante alguns annos no Rio de Janeiro, e que trabalhou por algum tempo no jornal — *A Imprensa* — propriedade de Ruy Barbosa, cujo covirio demorado o habilitou sufficientemente a ter d'elle uzo. conhecimento solido, ainda ha pouco iamos dizendo, que, n'um dos periodicos da nossa capital, publicou um interessantissimo e succulento artigo em que, servindo-se de valiosos elementos, analysava proficentemente esse vulto, salientando vigorosamente todo o seu indubitavel merecimento.

Não será mesmo para estranhar que, n'uma das proximas legislaturas, Ruy Barbosa seja ainda elevado á suprema categoria de primeiro magistrado do seu paiz, como revela o facto do seu nome já haver sido apontado para o desempenho de tal função, e ninguem poder negar-lhe, competencia e aptidão para o exercicio de tão nobre e trabalhoso cargo.

A. N.

Na sala dos Capellos

No nosso numero de sabbado publicaremos algumas impressões sobre o acto de doutoramento sr. Luiz Gonçalves, que se realizou na passada semana na sala dos Capellos.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1.º

COIMBRA

ANNEL DO NIBLUNG

Para a intelligencia do poema de Wagner

Puro de qualquer desejo, o Ouro dormia outr'ora, na sua inteira belleza, no fundo do Rheno. Em volta delle, brincando, nadam as graciosas *Filhas do Rheno*, descuidosas guarias do thesouro que dormita. Mas um Nibelung lascivo, da raça tenebrosa dos anões, o perfido Alberich, sae das entranhas da terra e abre caminho através das ondas. De repente, resplandecendo aos raios do sol que nasce, o Ouro do Rheno, o *Rheingold*, desperta-lhe a attenção. As Nixes, que o escarnecem, revelam-lhe a rir, tagarelado, a significação maldita do metal que conquistaria o mundo se quem o obtivesse renunciasse ao Amor: porque o Amor deve ceder o logar quando o Ouro se torna omnipotente. O Nibelung, vendo apenas o esplendor do ouro que lhe promete o poder, esquece os encantos das *Filhas do Rheno*; amaldiçoa então o Amor que só significa, para elle, o gozo sensual, e, violentamente, arranca o thesouro ao rochedo. Sobre o abysmo innocente, uma noite eterna se estende. — Entretanto, no cume das montanhas, aos raios claros do sol, brilha o novo castello de *Wotan*, o rei dos Deuses. Tambem a elle, perdido o praser do amor dos annos juvenis, chegou o desejo da riqueza e do poder. Foi por isso que elle obrigou, por tratados, a robusta raça dos gigantes a co-structur-lhe aquelle castello; em troca, exigiram elles o que é desejo de todos os seres: o Amor cheio de luz representado pela deusa da juventude e da belleza, a suave *Freia* cuja presença devia aquecer o seu frio reino. Veem agora os dois irmãos formidaveis, os gigantes *Fasolt* e *Fafner*, reclamar o preço combinado; mas *Loge*, o astucioso companheiro de *Wotan*, Deus das chammas e da mentira, cerca os, e excita nelles tambem, pela descripção da aventura de Alberich, o desejo do Ouro funesto.

Elles pedem esse Ouro, como resgate de *Freia*. — Então, *Wotan* e *Loge* descem ás profundas cavernas onde Alberich habita, abysmos cheios de escuros nevoeiros. Alberich forjou um Annel com o Ouro do Rheno e, pelo poder deste Annel, obriga a raça dos anões a accumular os thesouros em montes gigantescos. Seu irmão *Mime* tem de fabricar-lhe o «*Tarnhelm*», capacete que torna invisivel aquelle que o põe e lhe permite mudar de forma. Os deuses servem-se delle por astucia, para enganar o seu orgulhoso possuidor, que se vê obrigado a abandonar o thesouro, o *Tarnhelm* e até o Annel. Só lhe resta agora o poder da maldição. E esta cabe, tremenda, sobre a cabeça dos deuses ao mesmo tempo que o Annel nas suas mãos. Mas os gigantes exigem sempre a recompensa: *Wotan* recusa-lhes só o Annel cujo magico poder não desconhece, e já *Freia* parece abandonada aos gigantes quando *Brida*, a divina, a vidente que tudo sabe desde a origem, sahe da terra, ameaça *Wotan* com a maldição ligada ao Annel e com o fim eterno que por causa delle ameaça a raça dos deuses; decide-o — muito tarde — a abandonar o Annel aos gigantes. Cedo reconhece *Wotan* a verdade da ameaça: ao juntar febrilmente o thesouro, *Fafner* mata *Fasolt* para se apoderar do Annel, e parte com todas as riquezas que guardará sob a forma de dragão. Abalado até o fundo do seu ser, *Wotan* dirige-se com os deuses para o castello, e, ao entrar na ponte do arco-iris, um novo pensamento creador desperta nelle, pensamento que não nasceu

duma alegria de creador, mas da desgraça sagrada dos deuses; chama «*Walhall*» (1) ao edificio celeste. — Tal é o assumpto do «*Ouro do Rheno*».

Wotan gerou com a propria Erda as *Walkirias*, cavalleiras encarregadas de levar para o *Walhall* os heroes cahidos nos campos de batalha da terra. Esses heroes deviam defender os deuses ameaçados de destruição pelo poder de Alberich, porque Alberich espreita sempre o Annel. Entre as *Walkirias* está *Brünnhilde*. Mas de que lhe servem todos os heroes, que só procedem segundo a vontade divina, se não crear aquelle, o unico, que, livre da maldição, independente de tudo, realisaria a obra de redempção pela conquista do Annel? Neste desejo gerou com uma mortal, os gemeos *Siegmund* e *Sieglinde*. A rapariga foi raptada por *Hunding*, tendo crescido no meio de inimigos, fez-se um homem vigoroso. Mas quem, senão o proprio *Wotan*, foi auctor da sua desgraça? Foi ainda *Wotan* quem cravou o gladio sagrado na arvore da casa de *Hunding*; gladio que só *Siegmund* pode arrancar do tronco. Mas *Siegmund* tambem não é o heroe livre: tambem elle está ameaçado da maldição. Foge, com as armas quebradas, á multidão dos parentes de *Hunding*; e é na casa deste que elle encontra a irmã perdida e o gladio prometido. Os dois *Walsungen*, filhos do deus, unem-se para salvar a sua raça, e esta união não é apenas fraternal. A guarda das leis do casamento, *Bricka*, esposa de *Wotan*, irrita-se e mostra ao rei dos deuses o seu erro. Este vê-se por isso obrigado a retirar a sua protecção ao heroe culpado; o unico objecto do seu desejo é agora «o fim»: na mais terrivel das maldições, abençoa *Hagen*, o filho de Alberich, gerado por este sem amor, com uma mulher que o ouro comprou, esposa do rei *Gibich*, e proclama este heroe dos Nibelungen herdeiro e exterminador do mundo. E *Brünnhilde*, que recebeu a confidencia da desgraça dos deuses é encarregada de annunciar a morte a *Siegmund*. Mas quando o vê fugindo, perseguido por *Hunding*, com a mulher que tão apaixonadamente ama, extenuada e desesperada, o seu nobre coração sente uma emoção poderosa. O combate com *Hunding* começa, *Brünnhilde* protege o *Walsung*, mas *Wotan*, colerico, estende a sua lança celeste entre os combatentes; nesta lança se quebra a espada divina de *Siegmund* que cae com o golpe vibrado por *Hunding*. — A *Walkyria* auxilia a fuga de *Sieglinde* e dá-lhe os pedacos da espada de *Siegmund*; depois offerece-se ao castigo que a colera de *Wotan* promulga. O deus, que não é livre, é obrigado a adormecer a sua mais querida filha num rochedo até que um homem a encontre no seu caminho, a desperte e a conquiste. As lagrimas da virgem apenas obteem um favor do pae que a castiga: cercará o logar do seu somno com um vasto circulo de chammas devoradoras, para que aquelle que despertar *Brünnhilde* só possa ser um heroe sem medo, e a virgem espera que esse heroe seja *Siegfried* — Eis o assumpto da «*Walkyria*».

(Conclue no proximo numero).

(1) *Walhall* significa «palacio dos heroes mortos».

Registo Civil

De Arruda dos Vinhos, uma modesta villasita a algumas leguas de Lisboa, um amigo communica-nos a noticia do registo do baptisado d'uma filhinha do nosso amigo e correligionario Joaquim José d'Azvedo e Silva, testemunhando o acto os srs. Tavares Delicado e Abel Teixeira Pinto.

Creemos que é o primeiro registo civil que na Arruda se faz.

E assim por toda a parte a emancipação das consciencias começa de se affirmar, nitida e triumphante e a monarchia portuguesa continua esperando da Divina Providencia a resolução dos negocios que mais interessam ao paiz.

Que o exemplo do nosso amigo e correligionario fructifique é o que mais sinceramente desejamos.

Amendoas

Na *Casa Innocencia* rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confeitos, estes desde 300 a 360 réis e aquellas desde 340 a 650 réis o killo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta *Casa* já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 killos ou mais tem desconto de 20 réis em killo; e alem disso, os que compram de 15 killos para cima, tem *bonus* de 2 p. c. a 5 p. c. conforme as quantidades, pagando á vista.

Ha tambem doce sortido, rebugados, marmellada, doces de fructas etc. etc: e todos os artigos de *merceraria* que vende por preços minimos.

A tabella de preços é a do anno passado, apezar do assucar e o miollo de amendoa, ter subido este anno muito.

Mandam-se tabellas a quem as requisitar.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma reduçãõ de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendendo se acre-dita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauçisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margarida.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remedio mais effizaz para a expulsão de **lombrigas**, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O **Vermifugo Faria**, é

differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.^a, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.^a, Rua Ferreira Borges s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

É um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep'is arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

A crise ... do regimen

Qual virá a ser a solução da crise que o governo atravessa neste momento?

Em vão o procuramos descobrir por entre os contraditórios boatos que para ahí circulam e que, ora nos dam como certa a queda do gabinete Campos Henriques, ora nos apanham como já assente e assignada a dissolução das camaras dos deputados.

Um e outro facto sam-nos absolutamente indifferentes a nós republicanos, porque quer dum quer do outro esperamos colher os melhores resultados para a grande obra de regeneração nacional em que andamos empenhados.

A queda do governo, provocada pela rejeição do *inquerito* aos actos do senhor Manuel Affonso Espregueira, trará como consequencia immediata e necessaria a aceitação desse *inquerito* por parte do futuro gabinete.

Ficará estabelecido o precedente, e como o sr. Espregueira não é o unico ministro que tem prejudicado e aruinado o paiz com as suas duvidosas operações... financeiras, é de esperar que novas propostas de *inquerito* appareçam e novos escandalos sejam revelados.

A seguir a um escandalo virá outro, como as cerejas, e será já tarde de mais para os occultar aos olhos do povo, abertos de pasmo e colera ante tanta podridão e tanta ignominia.

E o povo então cansado já de perdoar, procurará fazer justiça para que não se repitam tamanhos crimes e o socego e o bem estar voltem de novo a acalentar-lhe os sonhos e as justas ambições.

A monarchia, porem, que tem nesses criminosos os unicos defensores e aliados ha-de procurar por todos os meios impedir essa imprescindivel obra de hygiene publica, e como ultimo recurso lançará mão da violencia, convencida de que pela força conseguirá esmagar a consciencia nacional, como se a tarde de 1 de fevereiro tivesse sido apenas um mau sonho e o sr. D. Carlos estivesse ainda governando a *piolheira*.

A monarchia não exitará em queimar os ultimos cartuchos em deteza do sr. Espregueira e *colegas*, porque defendendo-os defende-se a si propria.

Não o faz por gratidão, porque os Braganças jamais souberam ser gratos, mas porque os liga a cumplicidade criminosa da questão dos *adeantamentos* que a todo o custo se procura fazer esquecer, mas que cada dia aparece mais ameaçadora para o futuro da monarchia portuguesa. A questão mesmo do *inquerito* não é mais do que uma das variantes daquella melindrosissima questão que foi o motivo principal da dictadura franquista e ha-de ser a razão da dictadura que se avizinha.

Querendo desviar-se della os monarchicos não fazem senão provocá-la, ateando elles proprios a fogueira da revolução que os ha-de justicar.

Admitamos, porem, que o senhor Campos Henriques, pelos favores dos reacionarios do Paço, consegue do senhor D. Manuel a dissolução da camara dos deputados.

Nesse caso os acontecimentos precipitam-se e o povo portuguez só tem um caminho digno a seguir. A violencia do golpe de Estado, mais repugnante neste momento por tentar cobrir as indecorosas ladroerias dum ministro, só se pode responder com a insurreição.

Não se pode ficar outra vez para ahí, de braços cruzados, á espera que nos ataquem para depois reagirmos como aconteceu durante a dictadura franquista, expostos a ser esmagados sem dó nem piedade.

Depois do que nos aconteceu temos obrigação de estar preparados para tudo, de modo a não haver surpresas que nos detenham um instante sequer na nossa marcha, e a não termos hesitações que ponham em perigo a nosa causa.

E se o não estivermos teremos praticado um grande crime contra a Patria que deixaremos ir a caminho da morte e da deshonra sem lhe podermos valer, ou sem lhe havermos preparado ao menos um suicidio digno do seu passado glorioso.

O partido republicano tem mais que nenhum outro a obrigação de cumprir o seu dever, pois além do que deve ao seu paiz que reclama urgentemente o seu auxilio, tem tambem o seu passado cheio de dignidade e sacrificios que tem de respeitar e engrandecer.

Saberá cumprir-lo estamos certos.

Carneiro Franco

Factos e Commentarios

Uma Circular

«Os inimigos da monarchia não querem comprehender que haja progresso com ordem e liberdade com lei».

Isto diz uma circular sobre a fundação d'um novo centro monarchico, que para ahí appareceu, assignada por um estudante, o sr. Prospero, e por mais dois cavalheiros.

Ao que parece, os homens teem da republica a mesma idéa que tem a nossa creada — uma casa desarrumada e onde todos mandam.

Para criterio de creada, vá, mas para estudante de Direito, parece-nos pouco.

Em todo o caso louvamos a sua actividade.

Sim senhor, muito activo!

Nunca esperamos...

Hve implume

O sr. Antonio Cabral declarou no parlamento ser uma ave implume que desfere os primeiros vãos.

Que frio que o pobre homem deve sentir por esta primavera borralhada que vae correndo!

Mettam lá no orçamento uma verba para cobertores, que o nosso bom coração não pode ver estas coisas!

E quanto aos primeiros vãos... cautela com os trambulhões.

Elogio incompleto

O Portugal elogiando o novo doutor-sinho Pinto Coelho diz que elle tem diante de si um futuro dos mais brilhantes. E atraz de si um passado dos mais furantes... da greve, é claro, que outra coisa não seria elle capaz de furar. Fica assim completo o elogio.

D. Miguel

Afinal parece que o sr. D. Miguel já não «chega á barra». Quem está damnado é o Padre Matos que já estava a antegosar o prazer-sinho de ver a força a trabalhar. Tenha paciencia, que ainda não é d'esta. Mas não perca as esperanças...

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar alguns artigos em nosso poder bem como a carta de Lisboa, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis colaboradores.

Ridendo...

— O sr. Conde não leva o impermeavel?
— Não, que está chovendo muito; molhava-se todo!

MIUDEZAS...

— Amanhã, então?

— Sim... ás tres horas... Espero-o na rua, á esquina...

Até que enfim! A fortaleza vendia-se depois d'um porfiado cerco de tres meses! E que «fortaleza», rapazes! Linda como os amores, requesada, elegante, com uma reputação impecavel e... casada!

Um adúlteriosinho galante, com o atractivo do risco eminente, o mysterio, a difficuldade das entrevistas...

Mas o terrivel conquistador, o irresistivel Pires, sentia-se seriamente embaraçado!

Onde demonio iria elle, no dia seguinte occultar a sua felicidade? Aquella «sorte» encontrava-o desprevenido, sem «garçoniêre», sem «ninho» — o lugar discreto dos doces encontros entre juramentos e beijos!

Era uma seria «entalação»!

Desistir isso nunca! Seria d'um riaculo atroz, as mulheres são caprichosas e a occasião, uma vez perdida, podia não se repetir!

— O Hotel? — lembrou-lhe.

Mas era o diabo, o hotel! O dono da casa podia não estar pelos ajustes, por difficuldades... E alem de tudo elle precisava da mais rigorosa descripção, do mais absoluto sigillo...

Mas era o unico meio, a unica solução...

— Talvez, tentando, pelo creado... Não ha outro meio... Vamos a ver...

E o Pires subiu a escada do Hotel pra fallar ao creado.

— Olha lá, ó Francisco...

A laia de preambulo o irresistivel Pires foi-lhe metendo nas mãos algumas placas e, n'um recanto do corredor, murmurava-lhe ao ouvido o seu segredo...

— Não ha duvida...

— Mas o patrão!...

— Ora essa! Não ha duvida...

— Palavra d'honra?!

— Sim senhor... Não ha duvida...

CELEBRES... DE BORLA



TRES PERGUNTAS

Doutor: falta-me só pr'a vir a ser
Um colonizador,
Tres unicos problemas resolver.
Só tres! Tres só, doutor!

Eu peço, humildemente, ao seu valôr,
E á sua erudição
Que me dê as respostas, por favor,
E int'resse da Nação!

A primeira pergunta ella ahí vae,
— Responda com cuidado! —
Do Gama, o muito illustre e feliz pae,
Era ou não vacinado? —

A segunda: — talvez que não responda,
Ou hesitante fique...
— Quantos macacos ha — conta redonda —
Em Angola e Moçambique?

A terceira, qual é nem adivinha!
— Veja pois se s'engana...
— Quantos cabellos tem a carapinha
Do tio do Gungunhana?

Vê bem a importancia das questões!
E se as resolve agora,
Portugal brilhará entre as Nações
Como brilhou outr'ora!

Dr. Watson.

— Mas... que ninguém saiba, que ninguém suspeite!
— Póde ir descansado... As tres horas... Eu espero... Isto aqui é um poço... Ninguém saberá...

No dia seguinte ao da entrevista, o Pires, radiante foi jantar ao hotel. O Francisco servia á mesa.

— Então Francisco... Ninguém a viu entrar...

— Ninguém... — fez o creado, convicto.
— Era uma dos diabos se viesse

a saber-se... Era caso para mortes, enfiendes?
E então o Francisco, com o ar mais natural d'este mundo, sem baixar a voz, na sala do Hotel cheia de gente, affirmou com entôno para socgar a alma inquieta do Pires:

— Póde estar descansado, senhor! Tambem cá vem varias vezes o dr. Porphyrio e a senhora Carvalhosa e ninguém sabe nada... Isto aqui é um poço!...

O Pires fugiu, espavorido.

D. Fuas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro amigo:

Para provar as asserções da minha ultima carta vou hoje tratar d'um assumpto que não deixa de ser destituido de interesse o qual vem a ser—o processo seguido aqui para o recrutamento do professorado universitario.

Para que a coisa seja mais clara, supponha você que acompanha na sua evolução d'esdo o primeiro anno até á cathedra, o escolar que Minerva complacente destinou, d'es e o berço, aos fastidios scientificos de professor da Universidade. Note você que eu ponho propositadamente de parte a melindrosa e rebarbativa dissertação sobre os factores extranhos á capacidade intellectual e aproveitamento scientifico do nosso *sujet* e a correlativa e enorme influencia que taes factores possuem ter na criação d'um futuro lente.

Por temperamento, por decôro próprio e—porque não confessa-lo?!—pela minha situação d'alumno, ao qual uma excessiva franqueza podia ser tomada á conta de desacato digno das punições que eu já conheço por experiencia propria—essas coisas estão todas fora do meu plano ao escrever estas desprezenciosas e desvaliosas linhas.

Assim a carta d'empenho, os padrinhos, as influencias de toda ordem, as subversivencias que agradam ao mestre, etc.—tudo isso,—deixo á sua perspicacia avaliar até que ponto influem na genese e evolução do cathedratico.

Apenas lhe declaro, como opinião pessoal—que pode ser errada mas é sincera—que, na factura d'um lente, as coisas de que eu não fallo estão para aquellas de que lhe fallo—na vantajosa proporção de... meio por meio. Adiante.

Supponha você um rapaz da provincia—os professores aqui são, creio que na quasi totalidade, provincianos—terminado o seu curso do lyceu, com muito aproveitamento, muita myopia, alguma caspa, e matriculado na Universidade, no 1.º anno. Você, conhece o specimen do estudante do lyceu laureado, esperança da familia, orgulho dos paes e futuro luminar da terra que o viu nascer e mais tarde o ha-de enviar ás Camaras, já doutor a representa-la e defender-lhe os interesses. Qualquer d'esses rapazes é capaz de em Historia, lhe dizer de cór, sem hesitações o nome de todos reis de França, por sua ordem, com a data das batalhas principaes que venceram ou em que foram vencidos! Em Geographia, se V. quizer dizem-lhe todos os rios e regatos da Asia com afluentes e sub afluentes! Em Mathematica—santo Deus!—enchem-lhe emquanto o diabo esfrega um olho, uma pedra dos mais complicados calculos mas,—si de você!—se substituir por quantidades positivas os symbolos com que trabalham porque deixarão cair o giz, de puro assombro!

Sabem latim—o que é d'uma grande vantagem!!—mas em recompensa não fallam uma unica lingua, nem o francez, nem o allemão, nem o inglez—e a sua fallam-n'a e escrevem-n'a sem gosto, sem arte e... sem grammatica.

Fora do ambito estreito do que ouvirem na aula e leram no livro de texto—não sabem mais nada. Não tem interesses literarios—porque a literatura sempre foi por elles considerada e com gostoso applauso da familia, como uma frivolidade que apenas serviria a distrahi-los das obrigações escolares. Quando muito leram em pequenos o Julio Verne e, como maximo deboche permitiram-se em ferias «Os Trez Mosqueteiros» «o Monte Christo» e o Monasticon do patriarcha Herculano. E sendo, assim, em relação ás coisas literarias, são em tudo o mais, perfeitamente semelhantes. Não tem duas ideias, nitidas, proprias, claras, dentro do cerbro pejado de cisco, de serradura de sciencia—permita-me V. a phrase.

Desenvolvida apenas uma qualidade—*a memoria*,—como o *erudito* antigo, de aquelle fallei na minha ultima carta e que era pelo menos viavel, no tempo em que, inda não havia o... Larouasse. Este typo é quanto a mim, o do «bom estudante» do lyceu ao fim do curso. Eu,—e commigo o grande numero,—saí d'aquella machina de deformação intellectual por conta do Estado, d'uma *ignorancia encyclopedica* tendo consumido sete annos—sete longos annos!—a fingir que estudava, toda a casta de *chineses* inclusivé *Philosophia e... da boa*, do Boisar, o Alves de Souza da França, que

me provava, á saciedade a «existencia de Deus» «o livre arbitrio» e a «immortalidade da alma!» Pura idade d'ouro da *Metaphysica!* De sciencias naturaes, decorei e esqueci logo, classificações, descrições d'apparehos, formulas a que não ligava a minima ideia—e, a respeito do que deve constituir a base da educação de todo o homem moderno, qualquer que seja o ramo especial d'estudos a que se destine, a respeito de ideias geraes e certas sobre evolução, transformismo, hereditariedade, etc... nada absolutamente nada! Felizmente o que não me conseguiram cansar foi a memoria e—louvado seja o Senhor!—não me embotaram a curiosidade de saber, de «procurar saber», pelo menos. Mas a disciplina mental, que me não deram tenbo eu de adquiri-la por mim, e já não posso recuperar o tempo precioso que perdi. A maior parte, porem, sai do lyceu já completamente estragada, sem curiosidades, sem interesses,—n'uma atonia absoluta de todas as facultades mentaes.

O curso é uma especie de «tarimba» que tem de se cumprir durante uns annos, sabendo «cubalar» para passar nos exames. Isto é horrivel, mas é assim!

E é isto, que entra todos os annos na Universidade, para encontrar em grande escala, a mesma coisa que deixou no lyceu e, para ao fim da formatura, sair então *completo* das mãos do Estado que o inutilizou e lhe deu, em todo o sentido, um «canudo»—o das cartas e o da absoluta impossibilidade de vir a ser geralmente na vida mais do que... um *bacharel*, um *pedantocrata*, um *vasio*. Entre esta *leva*, cá vem, o nosso *calouro aproveitado*, o estudante distincto do lyceu, preparadissimo já para ser o «curso» o «martelão», o «grande homem do curso»! Quasi sempre vem recomendado ao interesse do mestre. F... dizem-se os professores uns aos outros—informou-me que está no 1.º anno um rapaz de merecimento, com um curso do lyceu muito distincto... Vou ver o que elle dá...

E um dia chamam o rapaz. E agora, veja-o:—Alli vai elle, pela coxia abaixo até á mezinha em frente do qual se senta. E' macilento, tem olheiras d'onanista, espinhas carnaes na cara. A testa fogelhe, estreita e recuada, sob o cabello aspero e na sua physionomia não ha um traço vincado, que diga qualquer coisa que exprima ao menos, que elle é novo, tem vinte annos, pode ser o embrião dalguma coisa de geito». Nada! nada! *Compositinho, arranjadinho* apagado e sórno, antropomórpho e teio, duma fealdade chátá que nada indica. Começa a fallar. A voz áspera e rude, sem inflexões, como a d'um phonographo rouco. Em cima, o lente escuta, com ar de quem está a ouvir coisas profundas. A «sebenta», as dezasseis indigestas paginas da lição, são repetidas quasi textualmente pelo rapaz e profusamente intercaladas de nomes que lá não vem, de phrases d'escriptores, de titulos de obras, para provar que o alumno estudou «leu por fóra», consultou «expositores». O curso olha-o, estarecido, espiando no rosto do lente «a impressão». Nas bancadas commenta-se baixinho: «ó coisa, parece que o *gajo* sabe d'isto!» E a qualquer tirada mais pomposa, honestos repentes da *coelheira*, sublinham pasmados:—Gaita!...

A certa altura o lente interrompe. Ah! meu caro, o que então se passa é phantastico! Toda aquella tremebunda erudição do rapaz se despeja de chofre, em resposta ás objecções d'encomenda do lente, que por sua vez tambem, se entusiasma, cita, controveverte, rebate as afirmações, falla para «a plateia», finge-se abrazado em puro ardor scientifico, deante do curso que olha para os dois, «como boi para palacio».

O alumno nunca leu aquelles livros, respigou-os apenas para n'elles colher phrases desconexas e de effeito e *epáter* os condiscipulos.

Não leu porque lhe faltou materialmente o tempo, porque não tem preparação anterior que lh'o permitta. Nenhuma d'aquellas coisas lhe estão no *subconsciente*, não foram assimiladas, não passaram, mediante uma longa e lenta elaboração mental que as corrigisse as criticasse, as analysasse, para o patrimonio intellectual do alumno.

Tudo aquilo é falso, é postico, é ócco, é deshonesto! O lente sabe-o—mas consente na deshonestidade scientifica,

no ridiculo exhibicionismo e contribue até para o realçar e fazer valer!

Fará isto involuntariamente, por habito, por que já lá vem de traz,—mas fa-lo, ajuda os acrobatismos irrisorios do parlapatão! No fim o archeiro vem abrir a porta, estudantes d'outros cursos atheados pelo barulho, enchem a aula e então—então, meu caro!—é que é ver o berreiro em que nenhum já se entende e estoriar um homem d'and gnação ou de risóta! Depois sae-se da aula: «foi d'escachá», tu entupiste o *gajo*!

—Olha lá, que raio de nome arrevezado é que tu lá disseste? aquillo era troça?!

—E logo «o urso» responde, serio e conspicuo:—Não... Era *Fodéré*... Pradier-Eodéré... um escriptor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «as lições d'urso» que d'antemão já sabe quaes são e repe indo a scena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *bibliotheca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e formase, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

Os actos, «grandes» e «pequenos» são a reprodução em ponto maior das scenas das aulas. Ha nos doutoraes rajadas d'indignação contra o candidato que já d'antemão sabe que não tarda que tambem lá esteja a indignar-se por sua vez... O licenciado, o capello, o concurso e... aqui tem você, o estudante da vespera, com mais barba, com mais nomes na cabeça, a representar o mesmo papel na cathedra.

Espirito pedagogico, orientação propria capaz de ser transmittida a quem aprende—quem pensa n'isso? Elle é alli apenas, o julgador, d'interrogatorio desembañado contra o alumno que não saiba a lição e prompto a inutilisar-lhe com um zero na caderneta um anno de curso ou a fazer com um 18... um futuro collega...

E... continuaremos. Todo seu Ramada Curto.

NA BRECHA

GOVERNOS E OPPOSIÇÕES

Aberto o parlamento e a torneira da nacional verborrea, estamos em pleno simulacro de nação constitucional.

O governo no seu posto: no seu posto a opposição. Um em florescente regimen de violencia e abafarete; outro na pujança de obstrucionismo e oratoria enfiada.

O insulto, a insinuação, a descompostura, são o pão nosso de cada dia. E, o governo, firme no seu posto, sem a confiança do paiz, mas com a confiança do dono que lhe paga para que o defenda e por sua vez lhe pague tambem, apregoa que governa com a lei, que o estado ainda pode salvar-se, que o emprestimo é uma obra messianica, que as colonias prosperam, e que os 80 p. c. de analfabetos não são coisa de espantar.

Sim. No tempo do sr. D. Manuel 1.º era maior a percentagem e nós descobrimos o caminho maritimo para a India. No tempo do sr. D. Diniz igualmente, e este monarcha fundou a Universidade...

São assim os argumentos d'elles. Aos ministros chama-se-lhes ladrões, retumbantemente, e elles defendem-se com um sorriso como quem tem a consciencia tranquilla ou a certeza da sua impunidade. Da consciencia d'elles sabemos nós, e da sua impunidade intelizmente tambem.

As opposições monarchicas clamam e vociferam de tal forma que diriamos ter-se transferido para S. Bento a praça da Figueira pollida e vestida de novo. E esta praça nova não cheira tão mal, mas em compensação indispõe mais o estomago e os nervos.

Ha tamanho consumo de eloquencia que a crise deve estar a rebentar. Não tardará muito que o deputado Oliveira Mattos se declare esgotado.

E então só haverá um remedio E' a opposição de agora ir á camara vomitar os discursos que o governo d'hoje lhes despejou quando opposição. E' facil a tarefa. Basta apenas alterar os nomes e as datas. A doutrina, os principios, os insultos, são os mesmos... Pois... se o crime é o mesmo...

Quem no estrangeiro ler o relato das sessões parlamentares pensará que em Portugal, cada dia cae um ministerio deante das arremetidas ferozes da opposição.

Bom tempo esse em que um governo cahia honestamente deante d'um artigo ou d'um discurso, corrido de vergonha. Agora não. Ninguem cahe senão quando empurrado por um homem ou por um facto tão grave como o assassinio do Buica e do Costa.

A vergonha e a honra teem agora dois aspectos—a do homem e a do politico. Uma não implica a outra. Segundo as theorias dos nossos estadistas um ladrão pode ser um honrado ministro da fazenda, como um ministro da fazenda ladrão pode ser um honrado mercieiro.

Podera... já se não discutem projectos de lei, nem programmas de partidos. Discute-se um prato de bifes, porque na superior concepção dos nossos homens a vida é um jantar.

Não seria portanto legitimo deixar a mesa na altura do prato do meio ou antes do café. Não. Quando a gente se senta á meza é para jantar bem. O jantar ha-de ir até ao fim, sobretudo quando na casa dos outros.

Ninguem se importa que o dono da casa repare em que o conviva come de mais, e com razão, porque elle se julga no direito de comer á farta, que nem para outra coisa foi convidado; e á sahida pode o dono da casa pedir-lhe um certo dinheiro que pagará com favores, tempo e outros jantares.

O paiz, o thesouro publico (?) o respeito pelo nosso nome lá fora, as nossas colonias tudo isso não vale um pingo do molho dos bifes do jantar.

A lei e a justiça parece que eram do Douro. Emigraram com fome. A's boccas dos famintos que pedem pão atrá se com a ponta das baionetas para que se callem, porque não ha nada mais desagradavel do que ouvir fallar em comer quando se tem a barriga cheia.

E, aos que sinceramente clamam contra as Pelles vermelhas que assolam o paiz, aos que dizem *Verdades cruas* fazem *Cartas Politicas*, a historia da *Gafanha*, conferencias e comicos, prepara-se-lhes uma hospedagem barata nas fortalezas que se construíram para defender a nossa independencia, de camaradagem com parasitas e policias de má cara.

A constituição é um baralho de cartas incompleto. Só conserva as figuras e n'essas não se toca porque são ellas que ão de jantar.

Ah! Jesuê que boa hora para mandar parar o sol... no outro hemisferio. A. F.

NA SALA DOS CAPELOS

Domingo passado realison-se na Universidade, com a pompa do ritual, a consagração official dos meritos academicos dos srs. Pinto Coelho e Luiz Gonçalves, doutores em Direito.

Noticiando este acto, cumprimos meramente o dever de assinalar nessas columnas um acontecimento da vida coimbrana. Nem vale o espaço de duas linhas de composição a descrição minuciosa da festa universitaria, a cujo brilho o sr. Silva Gayo, a charamella do Paes, e o demais pessoal menor dedicaram todo o seu cuidado, pelo que lhe endereçamos os nossos cumprimentos. De resto, o programa toda a gente o conhece. Pois heuve tudo, desde o sorriso das senhoras (a quem desta vez não foi dirigida a galante saudação da praxe) aos discursos laudatorios e aos abraços dos lentes.

Só o bom-tempo que costuma comparecer em toda a festa de espavento (ou, pelo menos, na rethorica dos noticiaristas) não se fez representar. Foi um dia de chuva, quasi tam insupportavel como o longo discurso que o decano da Faculdade impingiu aos candidatos, e que só elles ouviram, visto como estavam a seus pés, ajoelhados numa fôfa almofada...

Isto posto, e agora que o sr. Luiz Gonçalves já dormiu o somno profundo dos triumphadores, registemos o que foi esse acto de conclusões magnas que durante dois dias da semana passada encheu de estudantes e futricas a sala dos Capellos.

Esse acto foi positivamente, e no consenso unanime dos que a elle assistiram, um desastre. E em contraste com o do sr. Pinto Coelho, a que já aqui se fez os devidos reparos, vincou no auditorio uma desoladora impressão de vacuidade e collocou o sr. Gonçalves—não ha negalo—numa situação mais que subalterna.

Será o facto devido á decidida protecção da Faculdade com que o sr. Pinto Coelho contava, tam clara, tam franca, que até certas palavras mais duras iam envolvidas em papel de seda, como rebuçados, a lembrar ao candidato que podia estar descaçado, que ninguem lhe tirava os seus «dezoito»?

E' possivel, mas não importa averiguar-lo. O que é certo é que só por abuso... de liberdade poetica—se pôde chamar ao acto do sr. Gonçalves—defesa de theses.

Não o dizemos por antipathia pessoal que nos mereça especialmente o sr. Gonçalves. De tudo algum. Até á greve de 1907 os srs. Pinto Coelho e Luiz Gonçalves lutaram sempre, dentro do seu curso, desavindos por rivalidades de urso. A greve veio,—e aproximou-os.

Alguns estudantes revolucionarios do Coimbra perigaram nessa aventura em que toda a academia collaborou. Os srs. Pinto Coelho e Gonçalves abandonáramos na hora em que o seu silencio podia ser a perda dum anno de luctas, dado que não se decidiram a romper na manhan de oito d'abril, Porta-Ferreia dentro, como o seu condiscipulo Armenio Girão. Não podemos tributar a um mais sympathia do que ao outro.

Mas, que diabo! O sr. Pinto Coelho durante a formatura, todos sabiam, trabalhava, e trabalhava com afan, com vontade. Via-o a gente sempre a caminho da sua casa, das aulas, da Bibliotheca, e um facto o impunha á consideração dos que apreciam os trabalhadores tenazes. E' que, filiado na extrema direita reaccionaria, miguelista em politica, clerical em religião, andava sempre arreio de *coterias*, fugido á trica politica ou religiosa. A gente tinha assim a convicção de que, dentro da sua orientação, que não vem para o caso discutir, ia era a dia ganhando o diploma que—era certo!—a oito de dezembro de cada anno, sob o patronato de N. S. da Conceição e em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, o reitor pontualmente lhe entregava.

Do sr. Gonçalves não se notava propriamente o trabalho. Quando por ahí, nas conversas, vinha a pêlo fallar nelle, não era bem o seu trabalho que sobressaia, era—a sua fama. Vinha da India, junto a palmares, e á beira de azulados mares orientaes, exercera a advocacia,

A' tesoura

Do Noticias de Lisboa:

Por motivo de pintura e outras obras a que se está procedendo no vasto salão e galeria da sede da Liga Monarchica...

Nas outras obras deve estar incluído a desinfecção. Sempre é conveniente. Por causa do Galliz.

Do Portugal:

Appetamos para os monarchicos; não vão mais uma vez fazer o jogo dos inimigos das instituições, que são os inimigos da patria.

Já é velha, já foi dita aqui em Coimbra no anno passado, por uns idiotas que num manifesto nos tratavam de inimigos internos. Como elles se parecem!

Do Noticias de Coimbra:

«Quando é que tudo será abolido para honra da academia de Coimbra. Trata-se das varias maneiras por que se manifesta o espirito da *briosa*. Mas que ingenuidade, collega! A honra da academia! Ella sabe lá o que isso é!

Do Noticias de Lisboa:

Ah! está o que foi esse espectáculo indecoroso, que as opposições dissidentes e teixeiro-vilhenistas, e só essas, representaram perante a galeria passada de assombro, no desempenho d'uma farça ha muito combinada.

Com que então, só essas? Ora ainda bem. O diabo não é tão feio como o pintam.

Da Palavra:

Vá o sr. Arroyo para os dissidentes; e creia que fica em muito boa companhia. Já lá está o sr. Affonso Costa.

O Sr. Affonso Costa nos dissidentes?! A santinha parece que não anda boa da cabeça, ou antes parece que anda agora peor! Seria algum ar que lhe deu?

e era justamente a na qualidade de advogado provisionário, homem de libellos e casos julgados, que o ligava ao seculo e lhe tirava em certo modo a vaga cathedra de personagem épico, vagamente aparentado com navegadores.

A sua fama cresceu. E o que a sobre-dourou foi certo sorriso desdenhoso e superior, — a que os lentes não foram insensíveis — e que pelas alturas do seu terceiro anno se lhe cavou mais, tornando-o autenticamente depreciativo do que ao seu redor se passava. Esse sorriso e a pose vagarosa e lenta com que elle seguia por essas ruas foram, talvez, o seu triumpho. Mas impuzeram-lhe pesadas responsabilidades.

Como se saiu o sr. Gonçalves do encargo? Victoriosamente? Todos quantos entraram na Sala dos Capellos o puderam verificar. Da eloquencia, da intelligencia, da vivacidade, até mesmo da celebrada erudição, o sr. Gonçalves, dir-se-ia por modestia, se recusou a dar uma irrefutavel prova instantanea, scintillante, que em todos os espiritos ficasse, para amostra de seus meritos.

Absolutamente nada. Desde a dissertação escripta, que versava um problema de direito privado, o seu forte, em que o verdadeiramente o candidato não argumentou mas só o lente monologou, numa longa catilinaria, até a ultima these — dir-lo colonial, em que se sussurava sua cathedra de *chavão*, capaz de Preleccionar ao professor, — o sr. Gonçalves limitou-se a articular meia dúzia de phrases, sem recheio e sem trilha, que seriam o insucesso dum *musico afinado*, tirado á sorte do saco do bedel.

E facto curioso notado por muita gente que leu as theses affixadas na *vila-latina* — o sr. Gonçalves teve o cuidado de enfeixar com outras já mais ou menos conhecidas certas theses, das chamadas avançadas, provavelmente por haver outras excessivamente retrogradadas. Pensou de si para si que a Faculdade não lhes tocaria para que ninguém pedesse *supplé* que a Universidade combatia affirmações avançadas. Enganou-se. Lastimavel imprevidencia! Ella explica porque tam fracamente foram defendidos o direito á revolução (aliás em contradicção com a these que preconiza a extradicação dos criminosos politicos) e a reorganização do regimen familiar, questões juridicas que ha já alguns annos andam para ali tratadas em jornaes diarios noticiosos.

Virá agora a proposito perguntar porque foi que a Faculdade de Direitos corou com 17 — desasete — valores o estenderete do candidato, que tantas censuras ora asperas, ora facetas, lhe mereceu.

Evidentemente, a hypothese da *cunha*, instituição nacional com honras de cidade em Portugal e seus dominios, e em Coimbra com honras principescas, tem de ser posta de lado, visto como ha já alguns lentes para quem ella não pega, e para os *tradicionalistas* se tornava já hoje escusada a sua applicação. Nem assim se explicaria a attitudão dos lentes que no primeiro dia caíram a fundo sobre o candidato e saíram da Universidade com cara de caso.

O que se conclue, portanto, é que do primeiro para o segundo dia o bom senso de meia dúzia verificou que seria um desastre para a Faculdade de Direito, já não diremos reprovar o sr. Gonçalves longe disso! — mas baixar-lhe uns tantos valores na classificação.

Quer dizer: a Faculdade de Direito para se livrar das observações impertinentes que seria licito formular sobre aquelles tantos *accessits* e premios com que presenteou o sr. Gonçalves, transigiu com a mediocridade das suas provas finais de doutoramento.

Quer dizer: a Faculdade de Direito dá ao sr. Gonçalves o direito de ir ao concurso para lente e o direito de ser aprovado.

Quer dizer: a Faculdade de Direito sacode a agua do capote; o sr. Gonçalves que se arranje como puder quando lhe apparecerem na aula rapazes esportos que estam a acabar os preparatorios por esses lycées fóra, e os de boas intenções, que tudo esperam do saber do lente, podem confiadamente entregar-se á sua sabida direcção, que nem por isso periga a sua formação intellectual, a sua educação juridica.

Estará o sr. Gonçalves disposto a receber o favor da Faculdade?

Veremos, Esperemos os concursos.

Um lente de direito, a certa altura da argumentação, como o candidato teimasse (por monosyllabos) em afirmar que certa these estava bem redigida baixou dos doutores o olhar sobre o

auditorio e, com voz pastosa e solemne, invocou o testemunho do publico para as suas affirmações erroneas.

Aqui fica, portanto, o depoimento da *Revolta* sobre o que foi o acto de doutoramento do sr. Luiz Gonçalves, e fa-lo com perfeita e serena imparcialidade.

J. O.

Cooperativa de Pão

O bem progride sobre a terra, ainda que isso these aos pessimistas que, na morbidez da sua degenerescencia, se não na hipocrisia dos seus ficticios terrores, propalam imbecil e cegamente que só o mal vencerá.

A solidariedade humana na sua infancia embóra, é bem evidente sob multiplices aspectos. Ainda não vae distante o caso da Calabria em que a infeliz terra d'Italia encontrou em todo o mundo a maxima generosidade, accorrendo todos e de todos os continentes á compita e endecar-lhe palavras de sympathia e, o que muito era, enviando-lhe quantias, ás vezes avultadas para obviar aos prejuizos materiaes.

Antigamente á guerra entre os povos era a regra; hoje a guerra é a excepção e as relações de confraternização são a regra, são o facto de todos os dias.

As cooperativas, começando, em geral, por um unico aspecto da questão social, e muita vés um pequeno capitulo, como succede com esta cooperativa que, por ora está limitada ao pão, são as pequeninas escolas onde pelo actualmente mais visível movel — o interesse a humanidade se vae preparando para solidarizar um futuro mais ou menos proximo, mas que ha de vir, com certeza.

No domingo passado lá fui até á sede da cooperativa de pão — «A Conimbriçense» para assistir á inauguração solemne do seu edificio. Não perdi o meu tempo: posso, pelo que presenciei, congratular-me com esta cidade pela obra social que ali está realisando.

Naquelle dia tomavam posse dos cargos para que haviam sido eleitos, os novos corpos sociaes.

Desde pela manhã que a Direcção cessante e os empregados incançavelmente, mas sem prejuizo dos deveres profissionais, andavam azafamados engalando o edificio e distribuindo pão e bró a aos necessitados que em muitas centenas ali accorriam.

Ao meio dia, perante uma assistencia numerosa, apesar do dia aborrecidamente chuvoso, era aberta a sessão pelo digno presidente da assembleia geral, o nosso amigo Dr. Fernando Costa, alma diamantina, que toda a cidade conhece e reconhece, como o acaba de provar no tranze afflictivo porque passou o seu coração delicado de pae amantissimo.

Num improviso eloquente e suggestivo, como sempre é a sua fluente palatára, o nosso amigo historiou sucintamente a vida daquella cooperativa, poz em relevo as suas vantagens, sublinhou os progressos incessantes, patenteou, com a clareza que tão peculiar lhe é, quanto o cooperativismo influe beneficemente na educação social; poz em destaque os homens que a lançaram base e os que trouxeram até este triumpho a cooperativa de pão, tomando d'ahi argumento para demonstrar quanto pode valer o esforço, pequeno embóra, dum homem logo que somado com o esforço dedicado de outros homens.

Tomada a posse pelos novos corpos sociaes seguiu-se um delicado *copo d'agua* gentilmente offerecido pela direcção cessante aos novos eleitos e á Imprensa.

Entre vários e calorosos brindes aos progressos da cooperativa e áquelles que por ella tem trabalhado destacámos os evantados ao nosso amigo Dr. Fernando Costa pela imparcialidade, convicção e disciplina que sempre soube imprimir ás assembleias, ainda ás mais apaixonadas; ao nosso correligionario João Simões Favas, presidente da Direcção cessante pelas suas qualidades exceptionaes de administrador, pela sua comprovada tenacidade com que sempre trabalhou, pustergando os proprios interesses, quantas vezes, para se dedicar á obra, cuja vigilancia os seus consócios lhe haviam confiado; ao secretario da assembleia geral pela escrupulosa imparcialidade com que sempre redigiu as actas, pósto que longas, durante o seu secretariado, pela impercavel precisão com que sempre compareceu nas sessões com tudo o que delle dependia, elaborado e pronto.

Pelo secretario da assembleia geral foi levantado um brinde á Imprensa a quem elle agradecia ali, em nome da cooperativa, o auxilio que sempre n'ella encontrou para tudo o que á cooperativa importava.

Enquanto isto se passava um grande grupo de creanças maltrapilhos que tinham accorrido á cooperativa receber pão, enquanto devoravam com avidéz este, fixavam os olhares sobre cousa diversa.

Depressa foram notadas pela alma sensível do nosso amigo Dr. Fernando Costa que pediu á Direcção que distribuisse alguns bolos pelas pobres creancinhas. Insignificante acto este aos olhos superficials mas que dá a immediata comprehensão do quilate d'aquelle alma de eleição.

Tambem, mal significava o seu desejo logo varios membros da Direcção tomavam salvas que enchiam de bolos e distribuiam profusamente pelas creancinhas extasiadas.

Na sua simplicidade foi um acto de uma belleza adoravelmente tocante.

Preparada uma larga meza onde ia ser servido aos empregados da panificação e venda um lauto jantar offerecido pela cooperativa, tomáram logar n'ella os funcionarios, ouvindo de pé todos as notas repassadas de saude e propulsoras de revindicações do Himno 1º de Maio que uma philarmónica executou a pedido do nosso correligionario Antonio Francisco Mendes A'cantara.

Os membros da Direcção cessante em volta da meza ministravam aos empregados que haviam trabalhado sob o seu consulado todos as iguarias enquanto os demais membros dos corpos sociaes assistiam ao jantar.

Foi esta uma outra nota que divisei nesta festa tão democratica, tão bella, tão cheia de agradável confraternização.

Aos vinhos finos levantou-se um dos empregados, Julio dos Santos que levantou a sua taça brindando pelos que saiam e saudando os que começavam naquelle dia á frente de cooperativa; especializando o sr. Dr. Fernando Costa, Cassiano Augusto Martins Ribeiro e João Simões Favas, não porque se quer pretendesse deixar no olvido os restantes, mas porque queria sintetizar nestes, como presidentes, todos os corpos sociaes que tão formidavel impulso haviam dado áquella cooperativa. Numa allocução cheia de franqueza e de sinceridade dirigiu-se aos seus companheiros para lhes dizer que no amor e dedicacão como haviam visto todos aquelles homens trabalhar sem especie alguma de remuneração a não ser a calunnia manejada uma outra vez contra os que mais trabalhavam, elle e os seus camaradas deveriam encontrar um incentivo a trabalhar na medida de suas forças e competencias em pro' daquella cooperativa; que se lembrassem como ainda naquelle jantar se havia visto, que ali não tinham patrões, mas pessoas que, pelo mandato que lhes estava confiado, tinham o dever e o direito de dirigir e fiscalizar.

O seu brinde foi calorosamente correspondido pelos padeiros que se levantaram em aclamações, subresaindo as aclamações ao Presidente que saia, o nosso correligionario Simões Favas.

O pessoal, findo o jantar, tirou um grupo. Assim terminou a simpatica festa, a que não faço commentarios, porque do seu relato fiel, pósto que sucinto, se apprehende quanto foi o seu valor.

Reporter

Annel de Nibelung

Para a intelligencia do poema de Wagner

A partir deste momento, o deus renuncia a acção; erra como viajante pelo mundo fóra, que examina, numa superior contemplação, e vê realizar-se o que deseja. Na floresta do leste, onde fica a caverna do gigante Fafner, Siegfried cresce, Siegfried, que Sieglinde ao morrer deu á luz: é seu astucioso educador o Nibelung Mime, que quer, educando Siegfried, educar o matador de Fafner e o conquistador do Annel. Mas Siegfried odeia o repellente anão: educa-se a si mesmo, sósinho na livre floresta. Logo que a creança sabe que a espada cujos pedaços Mime não consegue soldar lhe pertence, executa ella mesma esse trabalho, e pede para matar o dragão com «Nothung», a sua nova arma. Mime prepara uma bebida envenenada para o vencedor, para que elle morra logo após a sua victória sobre o dragão. — Siegfried realiza este grande feito, mas não comprehende o valor da presa. Ora, como lhe espirrou para os labios algum sangue do dragão, isso faz que elle fique a comprehender o que as aves cantam. A conselho dellas, apodera-se do Annel e do Tarnhelm, e mata o traidor Mime. Agora,

é elle livre senhor do thesouro; mas o filho da floresta importa se pouco com o Ouro deslumbrante. Na tetrica solidão dos bosques, apodera-se delle o desejo sagrado do amor que elle ainda não conhece, e, cheio de alegria, segue a avessinha em direcção ao rochedo de Brünhilde. Wotan ainda uma vez embarga o caminho ao neto embriagado de victória. O que o deus deseja, o que elle quer, deve o heroe conquistá-lo pelo combate, pela desgraça e pela sua propria força. A espada, quebrada outrora pela lança divina, quebra-a agora por sua vez. Siegfried desperta a virgem. O heroe triumpho da ultima resistencia.

Brünhilde lança para longe de si a dor da eterna vergindade perdida, o receio sagrado do homem a quem deve pertencer: o amor celebra a sua mais brilhante victória. — Assim termina o segundo dia, «Siegfried».

Mas o fim, a redenção do mundo amaldiçoado, ainda não se attingiu: Alberich existe ainda; vive e espreita, e o mesmo acontece a Hagen, seu filho, que Wotan, desesperado, elegeu para herdeiro do mundo. O Ouro ainda não repousa nas ondas do Rheno. Siegfried possui ainda o Annel; é o drama do «Crepusculo dos Deuses». — Em busca de novas aventuras, o heroe separa-se de Brünhilde, deixando-lhe o Annel. Como poderia ella, completamente transformada em mulher amante, entregar ao Rheno essa cara recordação d'amor, mesmo para salvar o mundo e os deuses? E tambem ella, na sua felicidade mentirosa, no seu orgulho d'amor, agora fica sujeita á maldicção.

— Entretanto chega Siegfried á corte de Gibich, onde já o espera Hagen, filho de Alberich e irmão uterino do rei Gunther. Hagen, com a sua perfidia de Nibelung, faz cair Siegfried: Gutrunne, irmã de Gunther, oferece a Siegfried a bebida mágica: esquece o que lhe era caro e sagrado, e apenas deseja Gutrunne, nova visão da graça terrestre. Para a ter, promette elle tomar a figura de Gunther por meio do Tarnhelm, e conquistar Brünhilde para Gunther, que a deseja. Com o Tarnhelm na cabeça, domina-a, e arranca-lhe o Annel. — Desesperada por ser assim enganada, Brünhilde accusa-o abertamente de traição: não foi Gunther quem a conquistou, porque elle não possui o Annel; foi Siegfried que foi seu esposo! Assim Gunther vê se ao mesmo tempo desmascarado e obrigado a accusar Siegfried de o ter ultrajado. Brünhilde, Gunther e Hagen, juram a morte do heroe. E' na caça que Siegfried deve morrer. — As Filhas do Rheno advertem-no no ultimo momento da maldicção que pesa sobre o Annel, e pedem-lho. Mas o heroe sem medo despreza as suas ameaças e marcha assim, voluntariamente, para uma morte que era ainda evitavel. A lança de Hagen fere-o, quando, ao descançarem da caçada, elle contava aos companheiros a sua vida, e fóra da acção da fatal bebida, descobria a sua união com Brünhilde, num despertar de todas as recordações. O heroe morre, exhalando um ultimo pensamento d'amor para Brünhilde; os corvos voam para Wotan a annunciar-lhe o fim. Quando Hagen quer apoderar-se do Annel, Gunther disputa-lho: Hagen entam mata-o; mas Brünhilde, a quem as Filhas do Rheno contaram tudo, e que agora percebe claramente a verdade e o erro, a falta e a expiação, tira o Annel d'ouro do dedo do heroe morto, enquanto os creados fazem uma fogueira funebre para ella e para o seu verdadeiro esposo. Lança o Annel ao Rheno, para expiação e redenção eterna. Depois lança-se nas chamas, montada no seu cavallo Grane. As Filhas do Rheno approximam-se nadando, as vagas inundam a margem, submergem a fogueira. Hagen espantado precipita-se para o rio, e enlaçada pelos braços mortificadas das Nixes, o filho do Niblung é arrastado para o abysmo. O Ouro é restituído á sua primitiva habitação, o fogo consome os Deuses libertados; ao longe apparece vagamente, numa flammeante vermelhidão d'aurora boreal, o fim dos Deuses, o fim do velho mundo. Mas o Amor que fóra outrora amaldiçoado pela conquista do Ouro, symbolo da sensualidade funesta, o Amor que, captivo no desgraçado mundo da inveja e do odio supportava as consequencias trágicas desta maldicção, no meio da falta e da expiação, esse Amor, depois que o Ouro symbolico foi engulido pelo innocente elemento original da natureza, sobe para o ceu como o sol dum universo novo, puro fructo espirital de toda a luta trágica, liberto e santificado.

Esta tragedia é o conflicto do elemento ideal e do elemento sensual, taes como se reúnem, funestamente, como duas almas, no peito do homem (Goethe). Pode representar-se mythicamente o es-

tado primitivo como uma unidade e egualdade absolutas, uma especie de imperio (tambem ideal) da *Natureza* innocente ou de ideias eternamente puras (as aguas primitivas ou o ceu dos Deuses); mas é preciso sempre que um desejo, uma vontade de viver, desperte nelle (isto é, lhe seja immanente); como tal, esta vontade de viver não pode existir senão pela contradicção, e traz assim, por si e para si, o fracionamento, a dispersão do ser primitivo no jogo enganador da individualização (Alberich, Loge). Ora, no individuo estes dois elementos existem: porque os individuos encontram-se na luta pela vida no estado de seres isolados, compostos de vontade e de intelligencia (os Deuses, os Albes, os Gigantes). As forças mais poderosas que animam taes compostos são ainda contrastes de principios: o Amor e o Egoismo (symbolizados por Freia e pelo Ouro). O Amor é, na sua essencia, ideal, e por isso mesmo chamado a redenção; o Egoismo, pelo contrario, é sensual e é por isso que é a verdadeira maldicção do mundo. Mas o Amor sofre pelos sentidos, meios que emprega, na sua illusão, para chegar a uma realisação terrestre da sua essencia ideal; o Egoismo, inversamente, serve-se do espirito para realisar o seu desejo sensual; e assim se combatem já os dois principios da acção humana. Como Alberich amaldiçoou o Amor para ganhar o Annel, symbolo do seu desejo egoista para o poder de que os sentidos gosam, assim Brünhilde, a mais nobre incarnação do amor humano deve renunciar ao Annel para livrar o Amor da maldicção do Egoismo, quer dizer, da sensualidade que nelle ha. Nella, a *que ama mas que possui o Annel*, esta ultima e supremamente representada a união terrivel que liga estes dois elementos. Por causa desta posse a illusão de Brünhilde arrasta a perda de Siegfried: e esta renuncia ao goso sensual do Amor, renuncia tragica, constringida, cheia de faltas traz sómente no fim a renuncia voluntaria, expiatoria, verdadeiramente moral, a restitução do Ouro as ondas de Rheno. Esta renuncia significa, ao mesmo tempo que a morte terrestre de Brünhilde, a immortalidade do seu Amor, livre agora de todo o elemento terrestre, na nição eterna de Brünhilde com Siegfried, isto é, a sua livre entrada no reino do ideal. E isto não é senão um typo dramatico tomado como exemplo e figurando a redempção do mundo livre ao mesmo tempo da maldicção do Egoismo pelo poder renunciador do Amor em geral (o Crepusculo dos Deuses); e assim se reflecte no microcosmos do ser humano, a metaphisica do mundo. Tal é a significação ethica do drama.

ANNUNCIOS

EDITAL

(Copia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, Juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebianno tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quaesquer credores Incertos que se julgeum com direito á dita fabrica para o declararem dentro do prazo da lei. E para constar se passe o presente que será affixado á porta do predio. Figueiró dos Vinhos, — vinte e tres de março de mil novecentos e nove. Elycio Nunes de Carvalho com o Juiz Presidente — Antonio Pereira e Solla.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

COIMBRA

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Saneisses Pudngs de dtversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infeções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.^a, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.^a, Rua Ferreira Borges s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro.	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Colbertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

NÃO confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep. is arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz tellão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelolaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

o Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Officinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

Jornal Republicano Academico

N.º 20

COIMBRA — Quarta feira, 31 de Março de 1909

ANNO 1.º

O FÓRO ACADEMICO

Cinco estudantes processados! — A repetição da scena de ha dois annos — Mais alguma violencia?!...

A Universidade é impenitente, não tem emenda possível! A esta hora estão processados academicamente cinco camaradas nossos, sob o irrisorio pretexto de «se terem salientado no barulho da sala dos Capellos e á Porta Ferrea, por occasião da solemnidade dos doutoramentos do dia 21 do corrente». E sempre a mesma coisa! Hoje como hontem a Universidade que não sabe impor-se ao respeito dos que a frequentam, a Universidade dogmatica, fradesca, mais do que mediocre, a Universidade que é, sem duvida, um dos maiores e dos mais perigosos cancos nacionaes, a Universidade sente-se desprestigiada e procura vingar-se «às cegas» escolhendo as suas victimas, dentre a massa anónima o capricho do seu odio e da sua furia dementada. Todos os estudantes que a frequentam as suas velharias, troçam da sua sciencia bolorenta e sórna, dos seus capellos, dos seus archeiros, do seu ritualismo cuja pompa recorda a das operetas de feira — e são dois, tres e meia duzia, os responsaveis!

Victimas expiatorias, nesta nova Inquisição, não sabem de que os accusam, nem quaes os esplôes que os indicam ás iras do tribunal que os julga!

Não podem, portanto, defender-se e quando a revoltante iniquidade duma pena cae sobre elles, têm apenas que «fazer a trouxa» e sair de Coimbra em 24 horas, com a carreira — quantas vezes! — absolutamente cortada. No dia 21, a pecegada do cerimonial provocou a costumada troça, a franca e irresistivel gargalhada de que tudo aquillo é merecedor!

Tudo riu, tudo troçou!

Os «responsaveis» são para a Universidade apenas cinco!

Veremos o que daqui estará para sair!

Mal auguramos da repetição da scena de ha dois annos! O tempo não vae para provocações e é preciso que esta situação insustentavel acabe para honra de todos no estabelecimento que pomposamente se rotula de «primeiro estabelecimento scientifico do paiz»!

E até ver...

A situação

A proposito do inquerito aos ultimos actos do ministro da fazenda surgiu contra a monarchia mais uma questão de moralidade.

Como não bastavam os adeantamentos, roubos já de ha tempo denunciados ao paiz e ainda hoje por liquidar, o sr. Espregueira contrae um emprestimo com varios agiotas deixando-lhes a todos as mãos untadas do melhor de mil e tantos contos. Foi este o pretexto para o inquerito exigido pelas opposições.

E' claro que aqueles que ainda ontem apoiavam todas as manigancias do ministro não passaram a mereceros consideração com a attitude que tomaram. Esta moralidade, esta honestidade de *põe e deixa*, não é recommendação que honre caracteres.

Mas nós que ontem os combatemos por todos os seus erros e os desprezamos por todas as suas infamias temos o direito de, sem nos confundirmos, achar e dar razão á minoria obstrucionista que n'este momento desempenha um alto papel de moralisação e de valor.

Os tumultos dos ultimos dias na camara dos deputados e a declaração de incompatibilidade feita pelo sr. Vilhena em nome do *bloco*, indicam bem ao governo, que os

seus dias dentro do parlamento e da constituição estão contados. Podem ser dissolvidas as camaras e ficar o governo, que nem por isso ganhará muito a monarchia. A confiança da corôa está já hoje na razão inversa da do paiz e a dissolução dada como manto para cobrir os hombros *d'apache* do sr. Espregueira e dos seus consocios havia de ser recebida por entre os ultimos preparativos d'insurreição.

Cae o governo, fica o parlamento? Não ganha nada a monarchia com a alternativa. O gabinete d'amanhã tinha que proceder criminalmente contra todos os *reus de burla* confessados e por confessar e o regimen sem gente nova, que o salve, veria sumirem-se nas cadeias e nos presídios um grande numero dos seus mais persistentes defensores.

A situação é, pois, esta: ou a ditadura de cruz e de espada tendo contra si os elementos liberaes que ainda restarem, ou a queda irremediavel de varios amigos da monarchia insubstituiveis talvez nas suas funções de paternaes adeantadores.

Em qualquer dos casos ganhou o paiz, a verdade e a justiça.

A attitude dos deputados republicanos não poderia ter sido mais cheia de tino politico, correção e até delicadeza. Tendo votado o inquerito absteram-se, até aqui, de

intervir na tumultuosa liquidação dos partidos e dos homens, deixando aos adversarios a sumaria e simplissima tarefa de se aniquilarem politica e mesmo moralmente.

Não tendo podido no parlamento manifestar ao partido que os elegeu e ao povo que representam tudo quando necessario era dizer-se no actual momento, dois delles e em nome de todos os outros seus collegas vieram até ao estrado das conferencias populares lavar o seu protesto e aclarar ainda alguns pontos que permaneciam escuros e por explicar.

Para o partido republicano o incidente politico ficou assim liquidado.

Agora a acção tem de ser toda revolucionaria, extra-parlamentar e extra-legal, como nos saudosos dias de janeiro contra a dictadura do rei Carlos e do seu *homme de caractère*.

Não somos nós dos «impacientes», mas ou «isto que ahi está» é rapidamente removido e atirado ao monturo, ou então decididamente andamos todos a jogar uma entrada nas barbas do paiz que pouco nos importa salvar, perdendo tempo com o «amanhã» constante dos nossos revolucionarios...

Não é assim. Não pôde ser, nem será!

O povo tomou já sobre si o pezado encargo de se libertar «elle, por si», e é ainda e sempre no povo

NA ENCRUZILHADA



que estão as esperanças e a certeza de que alguma coisa se vae passar rapidamente, tão depressa que nos fica o receio de sermos colhidos de surpresa.

A situação é clara.

A politica passou ao segundo plano e vai aparecer — o Povo portuguez.

E ainda bem.

F. J.

NA BRECHA

IV

OS TEMPOS MUDAM

Ha cincoenta annos ainda não era facil ser-se republicano. Hoje, cincoenta annos volvidos, é facilimo ser-se anarchista.

São os tempos que mudam e com elles principios e doutrinas.

Ha cincoenta annos um republicano era excomungado, apodado de hereje e pedreiro-livre como designação inflamante. Ao vêr um republicano, as beatas que edificavam capellas e pagavam procissões benziam-se aterradas, marmurando, unctuosamente.

— Credo! Cruzes! T'arrenego...

Os chefes de familia, aconselhando os filhos, prohibiam-lhes as más companhias e as camaradagens com elles, com os atheus, almas perdidas, instrumentos do diabo.

Mas, cincoenta annos se passaram e os tempos mudaram.

Hoje, ha republicanos, socialistas e anarchistas, á luz do sol, com associações e centros, fazendo propaganda na imprensa e na praça publica, como se n'estes cincoenta annos se tivesse modificado a face da terra, e os homens tivessem esquecido todo o passado que a historia rememora.

O espirito moderno libertou-se de preconceitos moraes e religiosos.

A moral d'hoje é tão differente da moral d'ontem que quasi lhe é opposta.

A civilização avança intemerata.

O progresso scientifico é audaciosamente acompanhado pelo progresso social.

Deus recolheu-se quasi ao interior dos templos. Quem o quer e quem o ama vae lá adoral-o.

Ha cincoenta annos era elle que ia a toda a parte impôr a adoração da sua divindade.

A França deu de mão á Igreja, prescindiu d'ella como d'uma coisa usada. Todavia, quem a quer e quem a ama pôde servir-se d'ella. A tolerancia religiosa deixa livre a passagem áquelles que vão a caminho do céo. Talvez Deus por sua parte, é que os não receba a todos, porque elle, conservador supremo, muito ha de estranhar que tamanhas modificações tenha soffrido a doutrina cuja implantação lhe custou o sangue e a vida.

São os tempos que mudam, dir-lhe-hão, e os homens que mudam com o tempo.

Isto é fatal! Não ha que discutir, porque não ha que discordar. A historia que o diga. As ideias avançam com mais ou menos lucta, conforme as resistencias que encontram. As grandes doutrinas victimam quasi sempre os seus maiores apóstolos. Assim, Christo e Copernico, Savonarola e Prometheu.

Mas que importa o combatente que cae na liça se a doutrina se expande e fructifica fatalmente, se a ideia é grande generosa e redemptora.

As resistencias que o passado oppõe podem impedir em parte a marcha gloriosa do caminho do futuro. Mas os tempos mudam, as doutrinas caducam e triumpham sempre aquillo que vem de novo com seiva e força para vencer. A seiva da justiça, a força da razão.

Isto é fatal!

O passado cheirando a agua benta e incenso, bronzado e de canhões de renda faz o que tinha a fazer. Resistir. E o presente deixa-o agonisar enquanto pôde, mas vibra-lhe por fim o derradeiro golpe. Acaba-lhe mais rapidamente e misericordiosamente a tortura do estor e serve a hygiene porque ha corpos que ainda com vida se decompõem e cheiram mal.

E, não ha que discutir. São os tempos... Os tempos que mudam...

Pôde o passado resistir que a sua resistencia será como a do moribundo que resiste mais por desabafo do que com esperança de salvação. Pois se a morte é fatal...

O mesmo mal que hoje fulmina a velha monarchia constitucional derrubou já a sua antecessora monarchia absoluta, e o mesmo mal atacará um dia a republica que nasce.

Pois se os tempos mudam... e com os tempos os homens mudam também...

Ah! A historia que não se calla!

A. F.

Partida

Partem hoje para ferias os nossos camaradas de redacção João Garraio, José Guerreiro e o bacharel Mario Malheiros. Que se divirtam.

COISAS & COISOS

Um caso typico

O sr. Campos Henriques por uma solicitude official de presidente de conselho, mandou que o secretario da sua pasta fosse a Espinho e verificasse os estragos feitos pelo mar.

Partiu o secretario. Na gare de Lisboa teve uma despedida affectuosa dos correlegionarios.

Installou-se no seu wagon-lit, recomendando ao *controlleur* que nas alturas da Pampilhosa lhe mandasse servir um chocolate. Era a primeira vez que o secretario sahia em missões official. Na brilhante com a sua *pélisse* de mil francos e as suas mallas de coiro inglez. E enquanto o *controlleur* lhe preparava a cama, elle passava aristocraticamente pelos olhos os jornaes da noite, que noticiavam a sua partida para Espinho em termos lisongeiros. Como era invejavel a sua posição! O que diriam as Souza's, as Almeida's, em sabendo d'isto!

Pelas alturas de Villa Franca, o secretario empallideceu e teve um calafrio. Encontrára n'um jornal da noite, um telegramma sinistro e pavoroso que o abalára. — *Espinho. O povo exaltadissimo pede immediatas providencias ao governo.*

E d'um salto correu ao W. C. sem tirar os olhos da noticia. O coração batia-lhe apressadamente e no cerebro desenhavam-se-lhe duas ondas formidaveis — uma de mar a engulir Espinho, e outra de povo a engulir-o a elle.

Que horror! que angustia, a d'aquelle pobre secretario com a sua *pélisse* de mil francos sentado no W. C.!

No Entroncamento levantou-se, e trémulo, nervoso, compoz a sua toilette como poud e foi abancar n'uma meza do buffete. Tomou um chá preto, um chá fortissimo que o acalmou um pouco e voltou para a cabine.

Deitou-se, mas só adormeceu pelas alturas de Coimbra.

O *controlleur* ao chegar á Pampilhosa, abriu a porta da carruagem e pé ante-pé, com a chavena de chocolate á fumejar, parou-lhe á cabeceira.

Não se atreveu a acordal-o.

O secretario dormia soffregamente, com uma respiração agitada, e exalava um cheiro desagradavel. Fallava no mar, no povo, em Espinho, e gritava pelo major Dias.

Dormiu até Aveiro. A manhã estava linda e isso reanimou-o ao despertar.

Accendeu um charuto e começou a passear pelo corredor.

Era preciso tomar uma resolução energica porque a sua pessoa corria muito perigo. Afrontar as iras do povo, era uma imprudencia.

Ah! estava salvo!

Pegou na sua bagagem e em Esmoriz trocou o seu reservado luxuoso por uma modesta segunda classe. Era conveniente não dar nas vistas.

Despiu a *pélisse*, levantou a gola do frak, e saltou em Espinho, atravessando a gare com os olhos no chão, livido, a tugar a umas dezenas de pessoas que procuravam o secretario nos reservados.

Ao entrar no hotel inscreveu-se com este nome — *Jodo Antunes, caixeiro viajante.*

Pediu um quarto, mandou que lhe arrajassem nma chavena de chá bem forte com duas torradas, e fechou-se por dentro a consultar o horario do caminho de ferro. Sob a janella do seu quarto, passavam grupos que tinham ido á estação esperar o secretario.

Increpava-se o governo e rugia-se. O secretario tivera a vida por um fio. Sentiu bater na porta do seu quarto e estremeceu.

— *Quem é?*
— *É o chá que o sr. pediu.*

Abriu a porta, e emquanto o creado o servia, elle perguntava a médoo — *Então isto está mauisito?*

— *Se lhe parece senhor! Aqui a gente a morrer de fome e aquelles malandros de Lisboa... nada. Diziám que vinha hoje ahí um dos do governo, mas o ladrão não se atreveu.*

Ficavam-lhe cá as tripas!
O secretario estava livido e ao ingerir a ultima chavena de chá, pediu ao creado que lhe fosse buscar a conta porque sahia no rapido para Lisboa e não tinha tempo a perder.

...

...

...

...

...

E em Lisboa, quando ao saltar na gare os amigos o interpellavam anciosos, elle respondia serenamente:

— *Gostei de Espinho, é interessante, é pittoresco, e vi aquillo bem.*

É facilimo evitar o perigo. Faz-se um paredão, mesmo dois paredões, ou tres sendo preciso, e aquillo não é nada.

O presidente da camara recebeu-me principescamente.

Pois é verdade, um paredão ou dois é basta.

Para grandes males... grandes remedios!

Desfazendo uma calumnia

Meu caro Ramada:

Alguem espalhou por ahí que o nosso amigo Alfredo Pimenta tinha sido menos correcto no cumprimento de contractos com a casa Lello & Irmão, do Porto.

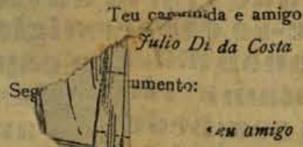
E' claro que para nós que conhecemos o caracter do Pimenta a calumnia não produzia os seus effeitos.

Mas como nem todos o conhecem e eu não sei a quantas pessoas a calumnia fallou no caso, pedi ao Alfredo Pimenta um documento comprovativo da falsidade d'aquella affirmacão.

E' esse documento que te peço que faças publicar n'*A Revolta*.

O original fica em meu poder para ser examinado por quem quizer.

Coimbra, 31-3-909.



Se alguem affirmou consciente ou inconscientemente, que o nosso amigo não tem sido calunniador honesto dos contractos sobre trabalhos litterarios, de que o temos encarregado, esse alguem faltou redondamente á verdade.

Pode fazer o uso que quizer d'esta declaracão, e acrescentar a ella que as relações entre o amigo e a nossa casa (irmãos Lellos) são, alem de cordeaes, as de intimidade.

Creia-me

Amigo certo

Antonio Lello

29-3-909.

N. B. — O original traz o carimbo da casa Lello & Irmão.

JARDIM — ESCOLA

E' amanhã que se realisa no Colyseo dos Recreios, em Lisboa, o sarau promovido pela Associação de Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, e cujo producto se destina á construcção da escola infantil que a Associação se propõe fazer em Coimbra, no terreno situado junto ao Jardim Botânico e que foi concedido pela Camara, a pedido da commissão auxiliar da Associação.

Toma sarte no sarau, de que constituem dos melhores numeros, o Orpheon Academico que tão apreciado tem sido nos espectaculos em que nesta cidade tem tomado parte.

E' pois de esperar que o sarau seja uma festa brilhante, pelos elementos de alto valor que nelle tomam parte e pelo fim a que se destina, auxiliar a realisacão de uma obra tão importante como é a installacão de uma escola em que será applicado em toda a sua extensão o methodo pedagogico de João de Deus.

Será uma obra util e patriótica que, por isso mesmo, deverá encher de satisfacção todos os que para ella tiverem dado o seu esforço.

Por esses motivos a *Revolta* sinceramente deseja o melhor exito a esta festa que ha-de ficar marcada na historia do Orpheon Academico.

O Xuão

Mais um numero vem honrar a magnifica colleccão d'este semanario, e este é dos que á primeira vista se impõe, não só pela perfeição como está executado, mas tambem pelos assumptos das suas paginas, que realmente são muito bem pensados. O numero que hoje se publica é o 57, quinto do 2.º anno.

Factos e Commentarios

Conferencia

Continua a dizer-se por ahí que o numero de deputado nacionalista, sr. Pinheiro Torres, vem a Coimbra fazer uma conferencia.

Se a coisa fôr publica lá iremos ouvir o sermão.

E — quem sabe? — talvez S. Ex.ª nos leve para o bom caminho.

Ou então a inspiração divina pouco vale...

As carteiras

As carteiras da camara continuam a ver uma bruxa com os ataques dos paes da patria que parece que em cada uma vêem um bocadinho de Espregueira.

Qualquer dia este tem de fazer um emprestimo para concerto das desgraçadas.

Mas porque não acabam com esse luxo?

Cá a rapaziada tambem é filha de Deus e alli nas aulas só aveza o banco puro e simples... e duro como pedra.

E cá se vae vivendo...

Ave implume

Diz uma gazeta que o sr. Antonio Cabral, em materia de propostas ultramarinas, vencerá o *record* de todos os seus antecessores.

E isto é sendo ave implume, como S. Ex.ª modestamente jisse ha dias.

Se lhe chegam a crescer as pennas ainda voltamos aos tempos aureos.

Lamentamos que o Dr. Ayer não tenha inventado o *Vigor da penna*!

Estava resolvida a questão colonial... com umas pinceladas da droga.

Mais uma vez!

Agora é uma dama que num jornal de Guimarães apparece a dizer que Alberto Costa se matou por não querer matar o rei.

Mas quando acabará esta infame exploração com a morte do desgraçado rapaz?!

Agora até uma senhora se faz echo da torpeza.

E' triste.

Padre feroz

O tal jornal de Guimarães diz que os republicanos são feras a quem é preciso atirar á cabeça.

Convém dizer que o director da gazeta é um padre.

Mais curto, reverendo!

Já que quer atirar...

A Ganha

Recebemos do illustre publicista e nosso amigo Dr. Campos Lima o n.º 2 desta publicação semanal.

Continua sustentando o bom nome do seu autor, já hoje um panfletario de pulso.

Agradecemos.

De passagem

No club:

— Não sei como possa haver homens que consistam numa mutilação para conservar a pureza da voz. Deviam ser canonisados, sam uns verdadeiros martires...

O Conde: — Não. Está você enganado — aquillo vem já de paes pra filhos.

CARTEIRA D'UM REBELDE

Se o nosso juizo não erra, a Liga Monarchica fundou-se para, á propaganda e ao desenvolvimento das ideias republicanicas, que vão de dia para dia, minando cada vez mais os alicerces d'este velho casarão de oito seculos até o fazer ruir, o que não tardará, com o estrondo dos cataclismos historicos, contrapor a propaganda e a defeza da monarchia.

Desta maneira na Liga Monarchica devem estar os melhores e os mais bem equilibrados cerebros da monarchia e o que das suas sessões constar ou da bocca dos seus oradores sair, deve ter o cunho da inilludível verdade e a força esmagadora dos argumentos indestructiveis.

Ha por esse paiz lóra quem tenha a audacia de pensar que se não comprehende que um homem, pelo simples facto de ter sido gerado num ventre eburneo de rainha, receba em herança uns milhões d'almas, como quem recebe d'um parente rico umas geiras de terra e umas varas de porcos?... A liga desfará o lamentavel

engano e provará duma maneira que não admite replicas, que, assim como do calix mimoso da solitaria flor a abelha extrahе o mel doirado e a cera que illumina os altares, no beijo solrego da mulher amante em cujo ventre se geram os principes, se transmittem tambem as qualidades que fazem os homens superiores e lhe dão essa mysteriosa unção de sabios, de genios, d'heroes, de quantos adjectivos encomiasticos as historias baratas costumam circundar o nome dos reis.

Ha por esse paiz fora boccas hiantes de fome, labios contrahidos no rictus feroz das supremas maldicções, braços erguidos num gesto de inenarravel dor e de formidavel colera, contra quem os tem espoliado e escarnecido, e do suor bendito do seu trabalho tem feito o ouro para os adeptamentos, para os divertimentos regios, para quantas *Espregueirices* tem caracterizado a politica portuguesa?...

Insenatol! A liga lhes provará á sachidade, pela voz inspirada dos seus meliores oradores, que é justissimo que o paiz soffra para que o rei se divirta, que dos seus desolados lares deve sair a ultima migalha envolta na ultima lagrima para assim se manter o decoro necessario a quem logo no berço foi tocado da graça divina, que a politica portuguesa tem sido para elles d'uma brandura mais que invejavel, porque ainda lhes não tirou a pelle e finalmente que o Sr. Espregueira é o mais honrado de todos os homens publicos.

A liga monarchica fundou-se para a propaganda e defeza da monarchia. Assim os seus oradores fallam para o paiz, para que elle se convença da verdade indestructivel das suas affirmacões e para que elle não vá, numa hallucinação momentanea, destruir o que é base e a condição fundamental da sua felecidade e do seu progresso. E cada uma das suas palavras deverá ser um argumento e cada uma das suas phrases uma promessa de bemaventuranca eterna.

Não são elles que fallam, é a propria monarchia, personificada nos seus defensores, que desenrola ante o olhar espantado da nação o extenso sol das suas virtudes.

Ainda ha poucos dias, um orador (não nos lembra quem; o nome para o caso pouco importa) dizia na sala da liga, por entre os aplausos que estrugiam de todos os lados, que a monarchia tem de ser fatalmente conservadora.

Talvez nenhum outro fallasse com tanta sinceridade. E assim o paiz ficou sabendo, se algumas duvidas lhe restavam ainda, o verdadeiro espirito do regimen.

A monarchia tem de ser conservadora.

Quer o paiz integrar-se no pleno desenvolvimento do seculo, livrar-se de quantos preconceitos uma educação jesuitica e fradesca lhe distillou no seio, como um veneno corrosivo e lhe fez adormecer as qualidades d'iniciativa e d'energia?

A monarchia responde: — *tenho de ser conservadora.*

Quer o povo conquistar um maior numero de regalias e de libertades sem as quaes impossivel se torna todo o progresso, como sem reforos é impossivel funcionar uma pilha? — *A monarchia tem de ser fatalmente conservadora.*

Todos os dias a sciencia, com o seu formidavel bisturi, vae dissecando o corpo social para d'elle arrancar todos os velhos erros do passado, como do corpo humano se arranca um cancro ou um orgão que a doenca inutilizou? *A monarchia tem de ser conservadora.*

Todos dias se rasgam á iniciativa é á intelligencia humanas novos horizontes que precisam, para que d'elles se tirem todos os beneficos resultados, d'outras tantas reivindicacões nos regimens politicos. *A monarchia tem de ser conservadora.*

E assim, pela bocca dos seus meliores e mais estrenuos defensores, a monarchia colloca-se em aberto antagonismo com o espirito da epoca e em lucta renhida com o progresso e com o futuro.

Como ha pouco o espirito intolerante de Pio X condemnava o modernismo, a monarchia portugueza condemna todas as conquistas da civilização e da sciencia.

Decididamente a liga monarchica fundou-se para a propaganda e defeza... da republica.

J. G.

A's mães cuidadasas recomendamos o VERMIFUGO FARIA, infallivel na expulsão das lombrigas.

Coisas da Universidade

As saídas das aulas

Entre as coisas curiosas que apparecem nesta universidade que, por mal dos nossos peccados, frequentamos, ha uma que merece duas palavrinhas.

Trata-se da attitude dos differentes lentes perante o caso tremendo de um alumno sair da aula durante o exercicio escolar.

Uns, apenas o desgraçado acaba de sahir, tocam a campainha a chamar o bedel que chega e, implacavel, marca a falta da ordem. Isto se o alumno, ouvindo o som, não entra antes do bedel, o que quasi sempre succede.

Outros, ao levantar-se alguém para sahir, suspendem a voz e com a vista seguem o discolo até á porta. E' claro que o alumno sae do mesmo modo e o lente, feita a cara de desgosto, volta a tomar o fio da prelecção interrompida.

Ha até um que, mal o rapaz sae, rapa da planta da aula, levanta os oculos e levando o papel a menos de dois palmos adiante do nariz, verifica quem é o ausente e chama-o á lição. E essa falta nem Santo Antonio a tira.

Outros, finalmente, não se importam ou fingem não se importar. Mas de todos os casos do genero que temos observado, o melhor foi o de ha dias.

Em certa aula levantou-se um alumno para sahir. Logo a seguir outro se levantou.

Immediatamente o mestre, dando um estalinho com os dedos, chama a capitulo o rapaz e diz coisas: que o regulamento não permite as saídas da aula, que *dura lex sed lex*, que elle, como o pretor, não applica a lei em todo o seu rigor, mas que o que não pode permitir é o abuso de sahirem dois estudantes ao mesmo tempo, etc.

E assim ficamos sabendo que tolerantemente se permite que uma pessoa saia porque essa pessoa pode ter necessidade d'isso.

Mas só uma. Duas é que não. E porquê?

Porque é um abuso dois individuos terem simultaneamente a extravagancia de ter de satisfazer qualquer necessidade.

Ainda havemos de ver na universidade o systema das aulas de meninos: — dá licença que vá lá

fora, sr. professor? — e o mestre responderá — agora não que está lá outro. —

E assim deve ser para que os meninos não vão lá para fora brincar.

Decididamente o estabelecimento (o primeiro, etc.) está cada vez melhor.

E, se não fossem estas coisas, como havia a gente de supportar as aulas?

A' tesoura

Do Noticias de Lisboa:

Braga, 25. — O dia de hoje em que a egreja catholica commemora a Anunciação da Virgem, mãe de Deus e dos homens, bastantes solemnidades se tem effectuado, em sua honra, nos differentes templos d'esta cidade.

Mas que mania que tem estes homens de Braga de ser filhos da Virgem! Um já nós conheciamos, mas, ao que parece, tem por lá muitos manos.

Para que lhes havia de dar!

Do Portugal:

Opponha-se ao bloco revolucionario o bloco conservador. Pode não estar em perigo a Monarchia e cremos que não está. Mas está em perigo a paz e o socego do paiz. E' preciso tocar a unir. As affirmações platonicas de Liga Monarchica tem de ser substituidas por actos. Palavras já são de mais.

Agora o caso é serio... se elles tocam a unir.

Que vae ser de nós se elles passam aos actos?!

Ai Jesus!

Do Portugal:

Quando é que o sr. Amarel se convencerá de que, n'este paiz, só pôde haver duas qualidades de ministerios: os ministerios como o que deixou fazer manifestações ao Buiça, ou ministerios de combate.

A ultima parte ficaria melhor assim: « ou ministerios como o que fez apparecer o Buiça ».

Não acha, reverendo?

TRIBUNA DOUTRINRIA

Justiça divina

Batidas e postas em debandada as tropas de primeira linha que Roma nos oppunha, entreter-me-ei agora a metralhar um outro posto da reserva que eu descortino no campo do dogma ou da philosophia dualista.

Hoje falarei na justiça divina e suas relações com a bondade.

A justiça divina... como os nescios nella confiam!... Todavia ella é, como o juiz que a ministra, obra dos homens,

e como tal participa de todos os erros da justiça humana antiquada, como Deus participa de todos os vicios dos homens da civilização incipiente que o creáram á propria imagem e similhaça «Deus vult omnes homines salvos fieri» diz S. Paulo.

Sendo Deuses omnipotente e querendo elle que todos os homens se salvem, nenhum se perderia...

Mas então para que o inferno e o Purgatorio?!

Santo Agostinho, bispo de Hipona, que viveu no seculo V poz essa questão em pratos limpos, solicitado pelas doutrinas de Pelagio e Celestus cujas proposições não eram destituidas de razão, claro está, dentro da crença christã.

Segundo aquelle grande doutor da Egreja, «o genero humano tornou-se n'uma especie de massa de perdição sobre a qual Deus desconta previamente uma parte da raça humana de que elle se compadece e destina para a salvação, enquanto que abandona a restante á reprobção»!...

Como previamente havia a proposição de S. Paulo, Santo Agostinho não hesitou, explicando que quando o collega afirmára que Deus queria que todos os homens se salvassem, se deveria entender todos os predestinados.

De fórma que os homens salvam-se não em virtude das suas boas obras e por causa dellas, mas porque Deus lhes concede o unico meio pelo qual possam conseguir o seu desiderato.

Ninguém se salva sem a graça, mas a graça é «um dom sobrenatural concedido gratuitamente á creatura intellectual em ordem á salvação eterna».

Eis ahí a que fica reduzida a decantada justiça divina: não recompensa ninguém segundo as suas obras mas ao sabor do proprio arbitrio.

Que culpa tem o homem de não crer, se o misero não pode ter fé sem a graça? Como condemnar o homem porque não cumpriu, se a graça indispensavel lhe não foi conferida?!

E que importa mesmo que o homem crea e pratique a lei, se nem por isso a graça lhe é devida, e sem esta elle não pode tornar-se meritorio em ordem á salvação eterna?!

Misera humanidade, se fossem verdadeiras todas essas tolices!... Não julgemos que esta doutrina de Santo Agostinho é da responsabilidade particular do santo, e que portanto a Egreja possa repudial-a. Não senhor. E' doutrina aceita em varios concilios e é doutrina que o proprio Santo Agostinho affirmou no seu livro *Da Predestinatione Sanctorum*, c. 4, que ella lhe fôra inspirada por Deus.

E' bastante. Sendo elle sancto, não podia ludibriar a Egreja em uma affirmação de tal natureza, se ella não fosse verdadeira.

E' redundante, pois, que os Thomistas, Congruistas, Molinistas e outros andem a barafustar nesse indigesto pastello.

Podem, meus caros leitores, desistide pensar na salvação eterna: os seus esforços serão inuteis e baldados.

— Não estou, não! mas falemos de outras coisas.

— Vinho triste...

— Figos seccos?! Como é que uns simples figos podem faser lembrar coisas tão serias?! Não, agora tens de contar...

— Tem de contar! Tem de contar — disseram quasi a um tempo convencidos de que o amigo os estava mystificando.

— Para quê? Para quê? continuava elle.

— Para o que quizeres. Conta! Instado desta forma, resolveu-se a falar.

Fez-se silencio; e os olhos embacados de todos elles fitaram-se no engenheiro.

— Foi ha dez annos, meus amigos, naquelle tempo em que estive de serviço no Minho. Eu era das relações do meu collega Alberto de Moraes. Um pobre diabo!

— Como tu sabes — dirigindo-se a um dos companheiros — é um homem sem energia para nada, com extraordinarias irregularidades de character, um inconsequente, uma creatura sem individualidade, feita de pedaços.

— Uma psychologia que nunca percebi.

— Tinha casado, havia tres annos, com uma loirita muito engraçada que o detestava pelo seu desmaselo. Viviam os dois, num sitio retirado da cidade, numa esplendida casa cercada dum vasto jardim que se cobria de milhares de flores

Se aprovér á catturice do Todo Poderoso elle lhes enviará um cheque sobre a Graça da Bemaventurança por meio do qual podem angariar qualquer logar no ceu, se não, não. Todo o producto do trabalho é esteril as taes obras, sem o tal cheque, são móeda desvalorizada!...

Pobres mystificados!...

Mas a justiça divina não fica por aqui, no conceito da Egreja Catholica.

Os meus amaveis e pacientes leitores tem ouvido falar nessa mina dos padres, nesse inexaurivel thezouro de Roma, — o Purgatorio?!

E' outra prova de que a justiça divina é calcada sobre a justiça humana e... sobre a justiça humana de peor especie.

Para o Purgatorio vão os que tendo commetido peccados veniaes não podem entrar no Ceu sem se purificarem dessas pequenas máculas no temporario fogo do Purgatorio.

Até aqui está tudo muito bem.

Mas o velho e rabugento Padre Eterno remove-se facilmente e no seu Imperio de delicias receberá os denegridos peccadores, antes de terem acabado de chamuscar toda essa multidão de maculas que os conspurcam. Para isso é urgente ter... dinheiro para mandar dizer missas e celebrar outras especíes de recommendações!...

Tudo é venal, até o proprio Deus!...

Se um milionario vae para o outro mundo enluzado em peccados veniaes, que levariam muitos seculos a lavar com a tal benzina com que os peccadores são esfregados no Purgatorio, pode muito bem nem sequer lá permanecer um minuto; basta que tenha deixado o testamento da sua colossal fortuna para que, acto continuo á sua morte, os padres de todo o orbe catholico digam cada um sua missa!...

E' ottimo e engraçadissimo! E vão aos ares se não os tomámos a sério!...

E' verdade que elles dizem que as missas, onde se sacrifica a divina victim (sic) tem os meritos de N. S. J. C. que são bastantes para anular toda pena temporal...

Pois sim, mas isso prova de mais e não explica tudo.

Se assim é, como a victima de taes sacrificios é de méritos infinitos, infinitos são tambem os meritos que redundam desses sacrificios: desse modo será sufficiente uma unica missa para libertar do Purgatorio quantos lá estejam e quantos lá tenham de estar.

Mas essa doutrina é que lhes não serve, porque então lá iria agua abaixo o manancial dos pingues proventos.

Desinteressadas e santas creaturas, sobre tudo...

Lucifer

JULIA AUGUSTA MENDES

Rua Fernandes Thomaz — 59

COIMBRA

Acceta hospedes para casa, cama, roupa lavada e engommada, e tambem só para comer.

EDITAL

(Copia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebianio tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quaesquer credores Incertos que se julguem com direito á dita fabrica para o declararem dentro do praso da lei. E para constar se passa o presente que será affixado á porta do predio. Figueiró dos Vinhos, — vinte e tres de março de mil novecentos e nove. Elycio Nunes de Carvalho com o Juiz Presidente — Antonio Pereira e Solla.

Amendoas

Na Casa Innocencia rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confeitos, estes desde 300 a 360 réis e aquellas desde 340 e 650 réis o killo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta Casa já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 killos ou mais tem desconto de 20 réis em killo; e alem disso, os que compram de 15 killos para cima, tem bonus de 2 p. c. a 5 p. c. conforme as quantidades, pagando á vista.

Ha tambem doce sortido, rebuçados, marmellada, doces de fructas etc. etc: e todos os artigos de mercaderia que vende por preços minimos.

A tabella de preços é a do anno passado, apesar do assucar e o miollo de amendoa, ter subido este anno muito.

Mandam-se tabellas a quem as requisitar.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

A «REVOLTA»
Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA HONACO», Reolo.
Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

FOLHETIM

FIGOS SECCOS

Tinham-se encontrado naquelle dia os cinco. Falando do seu antigo viver, quando eram companheiros de estudo e não conheciam ainda as difficuldades da vida pratica, resolveram faser qualquer extravagancia que os transportasse a esses tempos de feliz camaradagem.

Passaram de carro pela cidade sentindo a garotice e a despreocupação dos desoitos annos, e foram terminar o dia a um bairro excentrico jantando num restaurante de terceira ordem, similhante a muitos outros onde flintara vivamente a sua alegria de rapazes.

Na primeira sala desocupada entraram. Era um pequeno compartimento de paredes nuas e enegrecidas onde uma janella dava claridade abrindo sobre extensos campos saturados de luz, intensamente coloridos...

Raparigas cantavam lá fora, a distancia... E tudo ria naquelle dia de maio, cheio de sol, perfumado e quente.

Sentaram-se á mesa com a mesma loquacidade, com as mesmas manifestações de jubilo.

Correu animadamente o jantar. Recordaram scenas da sua vida academica, lembraram typos d'esse tempo, alguns já d'aparecidos, e riram muito com varios e cdiós contados pelo mais espirituoso

dos cinco — um official do exercito, casado e já com filhos, que tocava flauta e ocarina e imitava admiravelmente vozes de animaes.

Quando a creada — uma interessante morena de olhos gaiatos — entrava na sala, dirigiam-lhe, á porfia, galanteios e a graça sabia a tempo, sem esforço, naturalmente.

Ora, quasi ao fim do jantar, exactamente quando os outros estavam mais faladores, gesticulando fortemente e escancarando sorrisos a proposito de tudo, um delles cahio no silencio, concentrou-se.

Era um homem alto, encorpado, de phisionomia muito sympathica, as barbas negras crescidas.

Tinha chegado, havia uma semana, da Belgica onde estivera aperfeicoando os seus conhecimentos de engenharia, visitando fabricas e praticando.

— Oh! Vejam, vocês, o Carlos! — Disse um que notou com espanto a attitude sombria do amigo.

— Que cara!...

— Que tragedia!...

— Romancesinho no estrangeiro?

— Seu tolo...

— Não, meus amigos! Não foi lá

fora que se passou aquillo em que estava pensando agora. Foi numa cidade do norte do nosso paiz... Coisas da vida em que não vale a pena falar e que me foram sugeridas — embora pareça extraordinario — por esse prato de figos seccos que ahí está.

— Hein?!

— Está a disfrontar-nos...

ver-vos todo esse amor impetuoso e ardente? Falar-vos dessas horas inolvidaveis de praser, dos momentos de tristeza, dos desgostos, das alegrias?

« Para quê? Para quê? »

« Basta que vos diga que foi a mulher que mais teve da minha alma, que mais me impressionou, que mais me fez viver.

« Ora uma noite, quando estavamos, sós, no salão, dócemente enlaçados no sofá, e eu lhe dizia, entre beijos requintados, palavras ternas que já milhões de vezes repetira, ella, com grande surpresa minha, arrancou-se-me precipitadamente dos braços e caminhou para uma mesa proxima.

« Nesse mesmo instante o Moraes entrava. Olhou-nos, cumprimentou seccamente, atravessou o salão a passos firmes e desapareceu por traz dum reposteiro.

« Maria — ficou branca varada de espanto e só ponde abrir os labios para diser sumidamente:

« Foi buscar o revolver!

« Dei umas voltas atoadas e fui collocar-me entre ella e a porta por onde o Moraes sahira.

« Nesses minutos terriveis odiei-o terrivelmente.

« Alberto tornou a atravessar o salão serenamente, com firmesa. Os seus passos ouviram-se na escadaria. A sua portanguera e a campainha teve uma leve tremura que nos irritou.

(Continua)

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma reduçãõ de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Dozes de ovos com os mais finos recheios.
- Dozes de fructa de diversas qualidades, secos e crystalisados.
- Fab. com se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jollhado.
- Galantines diversas. Tete d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais efficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O **Vermifugo Faria**, é diferente dos que existem do mesmo genero e duma efficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.ª, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.ª, Rua FerreiraBorge s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cór lisa, muito largas, metro	120
Córtés de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	30
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor a 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep. is arrependem-se, e só nos vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4600

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cór e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA